

Computação

Português Instrumental: leitura,
produção de textos e análise linguística

Luciana Chaves Pinheiro
Vanusa da Silva Lima



Química



Ciências
Biológicas



Artes
Plásticas



Computação



Física



Matemática



Pedagogia



Computação

Português Instrumental: leitura,
produção de textos e análise linguística

Luciana Chaves Pinheiro
Vanusa da Silva Lima

3ª edição
Fortaleza - Ceará



2015



Química



Ciências
Biológicas



Artes
Plásticas



Computação



Física



Matemática



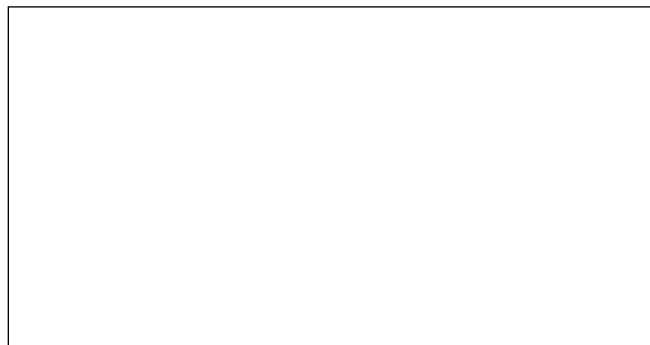
Pedagogia

Copyright © 2015. Todos os direitos reservados desta edição à UAB/UECE. Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, dos autores.

Editora Filiada à



Presidenta da República Dilma Vana Rousseff	Conselho Editorial
Ministro da Educação Renato Janine Ribeiro	Antônio Luciano Pontes
Presidente da CAPES Carlos Afonso Nobre	Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes
Diretor de Educação a Distância da CAPES Jean Marc Georges Mutzig	Emanuel Ângelo da Rocha Fragoso
Governador do Estado do Ceará Camilo Sobreira de Santana	Francisco Horácio da Silva Frota
Reitor da Universidade Estadual do Ceará José Jackson Coelho Sampaio	Francisco Josênio Camelo Parente
Vice-Reitor Hidelbrando dos Santos Soares	Gisafran Nazareno Mota Jucá
Pró-Reitora de Graduação Marcília Chagas Barreto	José Ferreira Nunes
Coordenador da SATE e UAB/UECE Francisco Fábio Castelo Branco	Liduina Farias Almeida da Costa
Coordenadora Adjunta UAB/UECE Eloisa Maia Vidal	Lucili Grangeiro Cortez
Diretor do CCT/UECE Luciano Moura Cavalcante	Luiz Cruz Lima
Coordenador da Licenciatura em Informática Francisco Assis Amaral Bastos	Manfredo Ramos
Coordenadora de Tutoria e Docência em Informática Maria Wilda Fernandes	Marcelo Gurgel Carlos da Silva
Editor da EdUECE Erasmio Miessa Ruiz	Marcony Silva Cunha
Coordenadora Editorial Rocylânia Isidio de Oliveira	Maria do Socorro Ferreira Osterne
Projeto Gráfico e Capa Roberto Santos	Maria Salete Bessa Jorge
Diagramador Francisco José da Silva Saraiva	Silvia Maria Nóbrega-Therrien
	Conselho Consultivo
	Antônio Torres Montenegro (UFPE)
	Eliane P. Zamith Brito (FGV)
	Homero Santiago (USP)
	Ieda Maria Alves (USP)
	Manuel Domingos Neto (UFF)
	Maria do Socorro Silva Aragão (UFC)
	Maria Lírida Callou de Araújo e Mendonça (UNIFOR)
	Pierre Salama (Universidade de Paris VIII)
	Romeu Gomes (FIOCRUZ)
	Túlio Batista Franco (UFF)



Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará
CEP: 60714-903 – Fone: (85) 3101-9893
Internet: www.uece.br – E-mail: eduece@uece.br
Secretaria de Apoio às Tecnologias Educacionais
Fone: (85) 3101-9962

Sumário

Apresentação	7
Parte 1 – Coesão textual e referencial	9
Capítulo 1 – Coesão textual.....	11
1. Os conectivos	11
2. As Transições	14
2.1. Principais conectivos e transições.....	15
3. Coesão lexical	20
3.1 Antonomásia	22
3.2 Palavras ou expressões sinônimas, hiperônimas ou hipônimas ..	22
3.3 Termo-síntese ou partículas encapsuladora	23
3.4 Pronomes	23
3.5 Numerais	23
3.6 Adverbios	23
3.7 Elipse	23
3.8 Repetição do nome ou parte dele	23
4. A referenciação	24
Capítulo 2 – A coesão referencial	33
1. Referência extratextual	33
2. Referência textual	34
Parte 2 – Ambiguidade e textualidade	39
Capítulo 3 – Ambiguidade e nãocontradição.....	41
1. Ambiguidade.....	41
2. A não-contradição	42
Parte 3 – Textualidade e estilo: paralelismo sintático e semântico.....	49
Capítulo 4 – Paralelismo sintático e semântico	51
Capítulo 5 – Variedades Linguísticas	55
1. Dialetos e registros	56
Parte 4 – Concordância e regência.....	63
Capítulo 6 – Concordância nominal e verbal.....	65
1. Concordância nominal	65
2. Concordância verbal	65
2.1 Concordância do verbo Ser	66
2.2 Concordância dos verbos Haver e Fazer	66

Capítulo 7 – Regência verbal e nominal	75
Parte 5 – Acentuação e colocação pronominal	79
Capítulo 8 – Crase	81
1. Regras práticas	81
2. Usa-se a crase ainda	81
3. Não se usa a crase antes de	82
4. Locuções com e sem crase	83
5. Uso facultativo	83
Capítulo 9 – Acentuação gráfica	87
1. Monossílabos	88
2. Oxítonos	88
3. Paroxítonos	89
4. Proparoxítonos	89
5. Ditongos abertos	89
6. Hiatos	89
7. Acento diferencial	90
8. Outras recomendações sobre acentuação decorrentes do AOLP	91
9. Sobre os usos do hífen	91
10. Uso de minúsculas	92
11. Uso de maiúsculas	92
12. Uso facultativo de maiúscula e minúscula	92
Capítulo 10 – Colocação pronominal	99
1. Próclise	99
2. Mesóclise	100
3. Ênclise	100
Parte 6 – Construção e produção de textos	105
Capítulo 11 – Produção de texto: imposições do gênero	107
1. O gênero Ofício	108
1.1. Diagramação	108
1.2. Forma	109
2. Outros gêneros textuais	111
2.1 Memorando (comunicação interna); segue o padrão ofício	111
2.2 Convite	111
3. Meios de envio	112
4. A linguagem nos escritos oficiais	112
Capítulo 12 – Produção de texto: a escrita como processo	115
1. Sete fatores de textualidade	115

2. Seleção, organização de informação, rascunho, revisão e texto final	118
Capítulo 13 – Resumo	125
1. Alguns recursos linguísticos para resumir	126
1.1. Paráfrase.....	126
1.2. Generalização.....	127
1.3. Fusão	127
1.4. Exclusão/Apagamento.....	127
Capítulo 14 – Resenha	131
1. Explorando a estrutura textual de uma resenha	131
2. Sintetizando o estudo da resenha.....	135
Capítulo 15 – Referências bibliográficas: como fazer	141
1. Procedimentos para a identificação do material consultado	142
1.1 Livros e folhetos	142
1.2 Dissertações e teses.....	143
1.3 referência legislativa (leis e decretos).....	143
1.4 Bíblia	144
1.5 Capítulos de livro	144
1.6 Fascículos.....	144
1.7 Artigos de publicações periódicas	145
1.8 Artigo de jornal	145
1.9 Trabalhos escolares e notas de aula	145
1.10 Documentos eletrônicos	145
Sobre as autoras	149

Apresentação

Caro Estudante,

Você já deve ter ouvido diversas vezes que o domínio da língua portuguesa, quer na modalidade falada, quer na escrita, é muito importante para o sucesso pessoal e profissional. Isso é realmente verdadeiro. O desenvolvimento da competência discursiva facilita bastante a superação de obstáculos que surgem no caminho daquele que deseja alcançar êxito na interação verbal e, conseqüentemente, na atuação profissional.

Pense, por exemplo, numa entrevista para aquele tão sonhado emprego. Se você não dominar pelo menos razoavelmente a chamada língua culta, certamente suas chances diminuirão, porque naquele momento o entrevistador está pouco propenso a ouvir, por exemplo, gírias, ou desvios de concordância. Pense, ainda, na hipótese de você concorrer a um emprego e ter de redigir um texto sobre “o que posso oferecer para a empresa”. Só esses dois exemplos são suficientes para lhe mostrar o quanto é importante sair-se bem no domínio do próprio idioma.

Partindo dessa realidade, elaboramos este material, cujo principal objetivo consiste em desenvolver as habilidades de leitura e escrita de diferentes gêneros textuais, por meio da exploração de conteúdos que englobam desde os fatores de coerência às regras gramaticais. Assim, você estudará, por exemplo, como os elementos responsáveis pela coesão e pela coerência atuam nos diversos textos; trará contato com diversos gêneros textuais do cotidiano empresarial e acadêmico; identificará casos de ambigüidade e suas respectivas soluções, sem falar das conhecidas regras de gramática, como as da crase e da colocação pronominal.

É claro que este material não é completo o bastante para você se considerar um especialista no domínio da língua portuguesa, mas lhe oferece suporte suficiente para um bom desempenho linguístico. Espera-se que você aproveite as referências bibliográficas e as sugestões de leitura de livros e sites para aprofundar seus conhecimentos sobre os múltiplos aspectos envolvidos no estudo da língua portuguesa. Se assim o fizer, estará dando mais um passo à frente daqueles que se conformam somente com o que lhes é dado e não prosseguem com suas próprias pernas. Por fim, é válido lembrar que a capacidade de autoaperfeiçoamento profissional é um dos requisitos fundamentais que as corporações modernas buscam em seus colaboradores.

Faça, pois, bom proveito deste material elaborado especialmente para você, mas não deixe de ir além.

As autoras

Parte

1

Coesão textual e referencial

Coesão textual

Introdução

Quando escrevemos um texto, uma das maiores preocupações é como “amarrar” a frase seguinte à anterior, ou o parágrafo seguinte ao anterior. Isso só é possível se dominarmos os princípios básicos de **coesão**.

A cada frase enunciada devemos ver se ela mantém vínculo com a(s) anterior(es) e/ou posterior(es). Essa é uma das propriedades que distinguem um texto de um amontoado de frases unidas aleatoriamente. Vejamos a seguir alguns princípios ou mecanismos básicos de coesão textual.

1. Os conectivos

Leia o texto que segue:

Qual é a sua idade?

Imagine seu corpo estivesse num constante processo de renovação: recriando-se reinventando-se, célula a célula. Você está preparado para isso? De um modo geral, o corpo já age assim. Na verdade, você calculasse a média de idade de cada célula corporal, poderia muito bem não ter mais de 10 anos.

Essa é a novidade surpreendente de um grupo de biólogos trabalham com células-tronco no Instituto Karolinska, na Suécia. A técnica eles desenvolveram rastrear a vida útil das células humanas nos ajudará a responder a perguntas importantes sobre o funcionamento do corpo – cada célula nasce, velocidade envelhece, é substituída isso ocorre.

Por muito tempo, cientistas acreditaram as células você nasce não são – na maioria – as você tem morre. Tem sido difícil acompanhar a velocidade as células de um ser humano adulto são substituídas. O grande salto veio pesquisadores suecos perceberam o DNA de uma célula traz oculto em seu interior uma cápsula do tempo que, aberta, pode revelar, com aproximação de dois anos, essa célula foi formada.

A chave dessa descoberta? Os testes nucleares a céu aberto nos anos 1950 início dos anos 1960, resultaram em grandes quantidades do isótopo radioativo carbono 14 (C-14), presente na natureza, sendo liberado na atmosfera incorporado às plantas aos animais. Esses níveis caíram os testes nucleares foram interrompidos em 1963, continuaram a ser mfo DNA de cada célula é composto por 30% de carbono. Uma célula se divide formar uma nova, tudo dentro dela é duplicado, o DNA. O carbono a célula utiliza formar esse novo DNA é derivado dos alimentos., a concentração de C-14 no

DNA equivale ao nível presente na atmosfera na ocasião o DNA foi criado. Medirmos a quantidade de C-14 nas células, é possível descobrir a época elas nasceram.[...]

A dúvida permanece: as células estão em constante renovação, por que esse processo pára? Por que envelhecemos morremos?

As células-tronco envelheçam com o tempo percam a capacidade de regeneração. Nós simplesmente esgotemos nosso estoque. Uma coisa é certa: descobriremos, você ficará novo em folha!

Fonte: Revista *Seleções Reader's Digest*, fev/2007

Nota-se facilmente que o texto não está bem escrito. Ele foi transcrito assim proposadamente. Vejamo-lo em sua forma mais clara e completa. Preste atenção aos termos em destaque:

Qual é a sua idade?

Imagine **se** seu corpo estivesse num constante processo de renovação: recriando-se e reinventando-se, célula a célula. Você está preparado para isso? De um modo geral, o corpo já age assim. Na verdade, **se** você calculasse a média de idade de cada célula corporal, poderia muito bem não ter mais de 10 anos.

Essa é a novidade surpreendente de um grupo de biólogos **que** trabalham com células-tronco no Instituto Karolinska, na Suécia. A técnica **que** eles desenvolveram **para** rastrear a vida útil das células humanas nos ajudará a responder a perguntas importantes sobre o funcionamento do corpo – **quando** cada célula nasce, **com que** velocidade envelhece, **se** é substituída e **quando** isso ocorre.

Por muito tempo, cientistas acreditaram **que** as células **com que** você nasce não são – na maioria – as **que** você tem **quando** morre. **No entanto**, tem sido difícil acompanhar a velocidade **com que** as células de um ser humano adulto são substituídas. O grande salto veio **quando** pesquisadores suecos perceberam **que** o DNA de uma célula traz oculto em seu interior uma cápsula do tempo que, **quando** aberta, pode revelar, com aproximação de **até** dois anos, **quando** essa célula foi formada.

A chave dessa descoberta? Os testes nucleares a céu aberto nos anos 1950 e início dos anos 1960, **que** resultaram em grandes quantidades do isótopo radioativo carbono 14 (C-14), presente na natureza, sendo liberado na atmosfera e incorporado às plantas e aos animais. Esses níveis caíram **quando** os testes nucleares foram interrompidos em 1963, **mas** continuaram a ser monitorados por cientistas, **principalmente** no Hemisfério Norte.

O DNA de cada célula é composto por 30% de carbono. **Quando** uma célula se divide **para** formar uma nova, tudo dentro dela é duplicado, **inclusive** o DNA. O carbono **que** a célula utiliza **para** formar esse novo DNA é derivado dos alimentos. **Assim**, a concentração de C-14 no DNA equivale ao nível presente na atmosfera na ocasião **em que** o DNA foi criado. **Ao** medirmos a quantidade de C-14 nas células, é possível descobrir a época **em que** elas nasceram. [...]

Mas a dúvida permanece: **se** as células estão em constante renovação, por que esse processo para? Por que envelhecemos e, por fim, morremos?

Talvez as células-tronco envelheçam com o tempo e percam a capacidade de regeneração. **Ou talvez** nós simplesmente esgotemos nosso estoque. Uma coisa é certa: **quando** descobriremos, você ficará novo em folha!

Fonte: Revista *Seleções Reader's Digest*, fev/2007

Os elementos novos inseridos, no segundo texto, são **conectivos** ou **conectores**. Eles são responsáveis pela coesão de um texto e tornam a leitura mais fácil e fluente. Por isso, temos de saber usá-los com precisão, tanto no interior da frase, quanto ao passar de um enunciado a outro, se a clareza assim o exigir. Sem esses conectores – preposições, advérbios, conjunções, termos denotativos, pronomes relativos – o encadeamento de ideias não flui, muitas vezes não se completa, e o texto fica sem sentido, com problemas de coerência.

Compare esta frase dos dois textos e veja a diferença:

1. Essa é a novidade surpreendente de um grupo de biólogos trabalham com células-tronco no Instituto Karolinska, na Suécia.
2. Essa é a novidade surpreendente de um grupo de biólogos que trabalham com células-tronco no Instituto Karolinska, na Suécia.

A primeira frase fica solta porque seu segundo segmento – **trabalham com células-tronco no Instituto Karolinska, na Suécia** – é apenas acrescentada ao primeiro, sem haver entre eles nenhuma conexão. Muitas vezes a falta de sentido de um texto nasce do mau uso dos conectivos ou da falta de seu uso. O acréscimo do pronome relativo “**que**” foi o suficiente para esclarecer o sentido da frase, dar-lhe coesão e manter coerência. Esse processo coesivo é fundamental para a produção de um bom texto. A frase bem estruturada é o ponto de partida para quem pretende escrever bem. É preciso cuidar, portanto, de sua forma.

Antes de tudo, precisamos saber em quantos segmentos divide-se o período. Cada segmento deve estar bem conectado com o outro. Para sabermos quais os segmentos principais de um período, basta observar os verbos nele existentes e seus respectivos sujeitos. A frase se expande a partir desses dois componentes. Cada par sujeito/verbo constitui o núcleo de um segmento de frase. O período nasce da expansão dos segmentos articulados entre si. A coesão e a coerência de um período dependem da boa conexão entre eles.

Começemos por isolar do resto do texto o período que nos parece incorreto. Vejamos:

“Esses níveis caíram os testes nucleares foram interrompidos em 1963, continuaram a ser monitorados por cientistas, no Hemisfério Norte.”

Nele aparecem três verbos: caíram, foram interrompidos e continuaram. Ele tem, portanto, três segmentos:

- **1º segmento:** Esses níveis caíram
- **2º segmento:** os testes nucleares foram interrompidos em 1963
- **3º segmento:** continuaram a ser monitorados por cientistas, no Hemisfério Norte

É preciso estabelecer um elo entre esses segmentos e quem o faz são as conjunções **quando** e **mas** e o advérbio **principalmente**. O segundo segmento estabelece uma relação de tempo com o primeiro, já o terceiro expressa uma oposição em relação ao segundo segmento, enquanto o advérbio **principalmente** exprime a relevância com que a ação se deu no Hemisfério Norte. Vejamos:

“Esses níveis caíram **quando** os testes nucleares foram interrompidos em 1963, **mas** continuaram a ser monitorados por cientistas, **principalmente** no Hemisfério Norte.”

Essa precisão no uso dos conectivos é muito importante para transmitir nossas ideias. Devemos sempre escrever textos com sentido completo, em que seus diversos segmentos estejam bem ajustados.

2. As Transições

Alguns conectores também podem aparecer com frequência iniciando frases, como se fossem uma espécie de ponte entre um pensamento e outro. É o caso do “**No entanto**”, “**Assim**” e do “**Mas**” nos trechos:

“**No entanto**, tem sido difícil acompanhar a velocidade **com que** as células de um ser humano adulto são substituídas.”

“**Assim**, a concentração de C-14 no DNA equivale ao nível presente na atmosfera na ocasião **em que** o DNA foi criado.”

“**Mas** a dúvida permanece: se as células estão em constante renovação, por que esse processo para? Por que envelhecemos e, por fim, morremos?”

O “**No entanto**”, o “**Assim**” e o “**Mas**” estão servindo de termo de transição entre um enunciado e outro, articulando ideias de oposição, consequência e oposição, respectivamente.

O conhecimento desses termos de transição ajuda a dar maior clareza e organicidade ao que está sendo dito, o que faz o texto progredir mais facilmente. Mas é preciso uma advertência: **não devemos usá-los a cada frase começada**. Se fizermos assim, tornaremos o texto pesado. Também não devemos cair no oposto: **ignorá-los completamente**. Saber usar os termos de transição deve ser uma preocupação constante de quem deseja escrever bem. Eles são muito úteis ao mudarmos de parágrafo porque estabelecem pontes seguras entre dois blocos de ideias.

A estrutura fragmentada é um dos erros mais frequentes encontrados nas produções dos alunos. Uma frase fragmentada não transmite um sentido

preciso, pois está semanticamente incompleta. Para evitá-la, temos de saber quais os conectivos e as transições mais importantes.

2.1. Principais conectivos e transições

Uma preocupação de quem escreve é ver se os conectores e as transições foram empregados com precisão. A toda hora estamos fazendo uso deles. Por isso, damos a seguir uma lista de conectores e transições com suas respectivas funções:

Prioridade, relevância: em primeiro lugar, antes de mais nada, antes de tudo, em princípio, primeiramente, acima de tudo, precipuamente, principalmente, sobretudo, inicialmente, *a priori*, *a posteriori*

Adição, continuidade: e, nem, também, com, ou, demais, ademais, outrossim, além disso, ainda mais, ainda por cima, por outro lado, não só... mas também, não só... como também, não apenas... como também, não só... bem como.

Causa, explicação: porque, porquanto, pois, já que, uma vez que, visto que, como(=porque), já que, em virtude de, graças a, por causa de.

Consequência, efeito: assim, conseqüentemente, com efeito, de fato, por conseqüente, por consequência, como resultado, tão (tanto, tamanho)... que, de modo que, de sorte que, de forma que, de maneira que.

Resumo, conclusão: em suma, em síntese, em conclusão, enfim, em resumo, portanto, assim, dessa forma, dessa maneira, desse modo, logo, pois (entre vírgula), assim sendo.]

Dúvida, incerteza: talvez, provavelmente, possivelmente, quiçá, quem sabe, é provável, não é certo que, se é que.

Condição, hipótese: se, caso, eventualmente, desde que, a não ser que, a menos que, contanto que.

Oposição, contraste: pelo contrário, em contraste com, ao contrário de, contudo, todavia, mas, porém, no entanto, entretanto, embora, apesar de, ainda que, posto que, conquanto, se bem que, por mais que, por menos que, só que, ao passo que.

Restrição, ressalva: salvo, exceto, apenas, só, somente, unicamente.

Ilustração, esclarecimento: por exemplo, só para ilustrar, só para exemplificar, isto é, quer dizer, em outras palavras, ou por outra, a saber, ou seja, aliás.

Finalidade, propósito: para, com o fim de, a fim de, com o propósito de, com a finalidade de, com o intuito de, para que, a fim de que.

Surpresa, imprevisto: inesperadamente, inopinadamente, de súbito, subitamente, de repente, imprevistamente, surpreendentemente.

Certeza, afirmação: decerto, de fato, por certo, com certeza, certamente, indubitavelmente, inquestionavelmente, sem dúvida, inegavelmente, com toda a certeza.

Ênfase, realce: até, até mesmo, no mínimo, no máximo, só.

Afetividade, proximidade: felizmente, queira Deus, pudera, ainda bem, ainda bem que.

Exclusão, eliminação: apenas, exceto, menos, salvo, só, ou, somente, senão.

Retificação, correção: aliás, isto é, ou seja.

Inclusão, inserção: inclusive, também, mesmo, até.

Comparação, semelhança: igualmente, da mesma forma, assim também, do mesmo modo, similarmente, semelhantemente, analogamente, por analogia, de maneira idêntica, sob o mesmo ponto de vista, tal qual, tanto quanto, como, assim como, como se, bem como.

Conformidade, resignação: conforme, como, segundo, consoante, em conformidade com, de acordo com.

Proporção, correspondência: à proporção que, à medida que, quanto mais, quanto menos.

Alternância, revezamento: ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer.

Lugar, proximidade: perto de, próximo a, próximo de, junto a, junto de, dentro, fora, mais adiante, aqui, além, acolá, lá, ali, este, esta, isto, esse, essa, isso, aquele, aquela, aquilo, ante, a.

Tempo (frequência, duração, ordem, sucessão, anterioridade, posterioridade): enfim, então, logo, depois, logo depois, imediatamente, logo após, a princípio, no momento em que, pouco antes, pouco depois, anteriormente, posteriormente, em seguida, afinal, por fim, finalmente, agora, atualmente, hoje, frequentemente, constantemente, às vezes, eventualmente, por vezes, ocasionalmente, simultaneamente, nesse ínterim, nesse meio tempo, nesse instante, enquanto, quando, antes que, depois que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, apenas, já, mal, nem bem.

Para refletir

Leia os textos a seguir e preencha as lacunas com os conectivos que estão no quadro abaixo para que se estabeleça formalmente a coesão/coerência textual. Em seguida, informe a relação semântica expressa pelos conectores indicados.

Texto 1: O que é a KU KLUX KLAN?

Começou _____ uma brincadeira. Em 1865, seis jovens da cidadezinha americana de Pulaski, Tennessee, resolveram espantar o tédio de um jeito diferente: fundar uma microssociedade secreta, tipo uma maçonaria particular. Bem-humorados decidiram _____ os membros receberiam títulos

engraçados. _____ o chefe seria o “Ciclope Máximo”; o secretário, o “Grande Escriba”. E por aí vai. O nome da irmandade precisaria ser algo indecifrável, imaginavam. Um deles sugeriu a palavra grega *kykulos* – que quer dizer círculo (de amigos, no caso). Outro achou que isso cairia bem com a palavra clã. E ficou Ku Klux Klan. A curtição deles era cavalgar à noite, incógnitos sob lençóis e fronhas brancas, _____ desconcertar os vizinhos. Nada demais. _____ aí a sociedade de brincadeira foi juntando cada vez mais membros. E a coisa degingolou. O movimento racista estava no auge, _____ os escravos acabavam de ser libertados pelos vencedores da Guerra Civil Americana, os estados do Norte. E as cavalgadas noturnas viraram perseguições a negros. Em um ano, a Klan já tinha virado uma organização assassina. Presente em vários estados, tinha ex-generais sulistas entre os cabeças. _____ contava com o financiamento de agricultores, prejudicados pela alforria. _____ inúmeros linchamentos, estupros, castrações, incêndios e enforcamentos, a Klan finalmente foi reconhecida como uma entidade terrorista. _____ acabou banida pelo governo americano em 1872. Voltaria em 1915, _____ foi perdendo prestígio ao longo do século 20. Hoje, ela tem uns três mil membros, _____ se dedicam a distribuir panfletos racistas. Ah, claro: é apenas um entre os mais de 700 grupos dedicados ao ódio em atividade nos Estados Unidos.

Fonte: Revista *Superinteressante*, abril, 2006

Depois de – e – para – como – já que – que – e – só que – então – mas - que

Depois de: _____

só que: _____

então: _____

e: _____

mas: _____

para: _____

já que: _____

e: _____

como: _____

Texto 2: Terra de ninguém

Para morrer no Iraque é só ter o nome “errado”. Um sujeito que se chama Omar, _____, já corre o risco de acabar torturado e morto numa batida policial qualquer. Ali, na rua mesmo. É que boa parte do Iraque está dominada por milícias xiitas. E seus membros, infiltrados no governo, na polícia e no Exército, tocam o terror na minoria sunita, _____ forma 35% da população. Essas duas facções dividem o islamismo desde o século VII, _____ os muçulmanos decidiam quem sucederiam Maomé, o fundador da religião. Os xiitas acreditavam que Ali, um parente dele, deveria assumir a chefia. _____ os sunitas queriam um certo Omar, _____ não tinha laços de parentescos com Maomé. _____ os muçulmanos acabaram divididos. _____ nas carteiras de identidade: Ali virou um nome xiita, e Omar, de sunita. A convivência era relativamente pacífica no Iraque. _____ agora, que o país foi in-

_____ vadido pelos Estados Unidos em 2003 _____ virou uma terra de ninguém, os Omars (e outros homens com alcunhas sunitas) tiram documentos falsos _____ escapar da morte. E contra-atacam as milícias, semeando uma guerra civil. Bem-vindo ao Iraque, _____ ao que sobrou dele.

Fonte: Revista *Superinteressante*, janeiro, 2007

Para – quando – que – por exemplo – e – que – ou – inclusive – mas – já - e

quando: _____

e: _____

inclusive: _____

por exemplo: _____

ou: _____

mas: _____

já: _____

Texto 3: As minas do rei Salomão

_____ no Egito, algumas cidades de Israel foram destruídas e reconstruídas várias vezes. _____ o país é muito menos explorado pelos caçadores de tesouros. _____ o governo israelense gasta muito em ações militares, os pesquisadores costumam pagar do próprio bolso as escavações, limitação que faz do país um depósito gigantesco de riquezas antigas não resgatadas. A maior parte delas vem do tempo de Salomão, _____ reinou em Israel durante o século X a.C.

A lenda em torno dos tesouros do rei Salomão existe desde os relatos da Bíblia. Nos Salmos, Jeová indica a Salomão a localização dos diamantes de Ofir, a “terra de gigantes”. Alguns historiadores chegam a especular que Ofir pode ser uma referência ao Sudão, _____ nativos eram bastante altos. _____ a ideia das minas do rei Salomão não passa de uma invenção propagada pelo inglês Henry Rider Haggard na obra *As Minas do Rei Salomão*, escrita em 1885.

_____, o rei Salomão motiva dezenas de buscas arqueológicas. Descrito na Bíblia _____ um dos mais poderosos reis hebreus, fundador do reino de Israel, Salomão controlava rotas comerciais para o Egito, Europa e para o Oriente. _____ tinha grandes fortes em cidades como Megido, Hazor, Gezer e Jerusalém. A construção mais famosa, e aquela que os pesquisadores mais sonham achar, é o Templo de Salomão, local de rituais judaicos _____ teria sido guardada a Arca da Aliança com tábuas dos 10 mandamentos de Deus. Nada mal, não?

Em Tel Rehov, o principal sítio arqueológico do norte de Israel, pesquisadores da Universidade Bem-Gurion estão usando o teste de carbono-14 _____ datar ruínas de monumentos _____ podem comprovar as histórias bíblicas sobre Salomão. Eles ainda estão longe de descobrir grandes tesouros, _____ se resumem até o momento a uns vasinhos de cerâmica. _____, se esses artefatos passarem por todos os testes de autenticidade, se tornarão valiosíssimos.

Fonte: Revista *Superinteressante*, fevereiro, 2007

mesmo assim – que – para – assim como – também – como – que – mas –
cujos – de qualquer forma – onde – já – como - que

mesmo assim: _____

assim como: _____

cujos: _____

onde: _____

como: _____

também: _____

como: _____

de qualquer forma: _____

Texto 4: Como surgiu o vinho do Porto

Foi no século 17, _____ os britânicos começaram a importar grandes quantidades de vinho português. _____ a bebida resistisse às longas viagens marítimas, os comerciantes ingleses acrescentaram aguardente nos barris. Os marinheiros logo perceberam que, _____ conservar o vinho por mais tempo, a adição de álcool _____ realçava o sabor da bebida (e aumentava seu poder de embriaguez!) _____ acabaram criando, sem querer, a fórmula do vinho do Porto. Hoje, _____ a ajuda dos cachaceiros, digo, marinheiros, a bebida continua recebendo doses de aguardente durante sua fabricação.

_____ garantir o monopólio sobre a receita, em 1914, o governo português assinou com a Inglaterra um contrato determinando que o vinho do Porto só pode ser reproduzido com uvas da região do Vale do Rio Douro, nordeste de Portugal. “_____ manter a qualidade da bebida, proibimos o uso de uva de quaisquer outras regiões”, afirma Carlos Soares, do Instituto do Vinho do Porto, órgão _____ supervisiona a produção do vinho.

Fonte: Revista *Superinteressante*, maio, 2005

A fim de – mesmo sem – que – também – para - e – além de –
quando – para que

Para que: _____

mesmo sem: _____

também: _____

quando: _____

além de: _____

2. Leia as orações, relacionando-as em um único período de acordo com a “equação” abaixo. Não se esqueça de fazer as adequações necessárias e de evitar repetições.

a)

A – A refinaria de petróleo não virá para o Ceará.

B – A refinaria de petróleo foi disputada por dois estados nordestinos.

C – Políticos cearenses fizeram declarações à imprensa.

D – Políticos cearenses demonstraram a insatisfação.

E – Essa decisão causou insatisfação aos cearenses.

Período composto: A (adverbial causal, subordinada a C) + B (adjetiva, intercalada, subordinada a A) + C (oração principal) + D (adverbial final, reduzida de infinitivo, subordinada a C) + E (adjetiva, subordinada a D)

b)

A – A raposa lembra os despeitados.

B – Os despeitados fingem-se superiores a tudo.

C – A raposa desdenha das uvas.

D – A raposa não pode alcançar as uvas.

Período composto: A (oração principal) + C (adjetiva restritiva, intercalada, subordinada a A) + D (adverbial causal, intercalada, reduzida de infinitivo, subordinada a A) + B (adjetiva explicativa, subordinada a A)

c)

A – Os homens sentem-se desprezados pelas pessoas.

B – Os homens têm um bom caráter.

C – Os homens não conseguem trabalho.

D – A sociedade discrimina o homem.

E – O homem não produz.

F – O homem não tem culpa de estar desempregado.

Período composto: A (oração principal) + B (adjetiva explicativa, intercalada, subordinada a A) + C (adverbial temporal, intercalada, subordinada a A) + D (adverbial causal, subordinada a A) + E (adjetiva restritiva, subordinada a D) + F (adverbial concessiva, subordinada).

3. Coesão lexical

Leia o texto a seguir.

Notebook existe tamanho real?

(1) A venda de notebooks cresceu numa escala estonteante no Brasil. (2) Entre 2005 e 2008, o comércio **desses aparelhos** avançou 1.600%. (3) Tal sucesso estimulou a indústria a lançar modelos de laptop **cuja** variedade se reflete no tamanho da tela. (4) **Os menores** têm o monitor de 7 a 10 polegadas e representam uma grande novidade nas prateleiras. (5) Possuem qualidades inegáveis: mais baratos, práticos e leves – algo fundamental num portátil. (6) São ótimos para quem se desloca com frequência. (7) Para completar, retoques no design e uma diversidade maior de cores têm conferido crescente atratividade a **esses produtos**. (8) Mas são apropriadamente chamados de notebooks. (9) Ou seja, trata-se de **máquinas adequadas** para navegar na internet. (10) Usam processadores pouco potentes e por isso realizam com lentidão tarefas mais pesadas, como a edição de imagens e jogos em 3D. (11) Outro inconveniente dessa **categoria** é o teclado – em muitos casos, excessivamente enxutos. (12) As telas pequeninas também aumentam o cansaço visual.

(13) Entre os notebooks um pouco maiores, os **aparelhos** com monitor de 13,3 polegadas são um sucesso. (14) **Um dos primeiros laptops desse tipo** foi o Dell XPS M1330, lançado em 2007. (15) Mas o MacBook Air, o finíssimo da Apple, popularizou esse formato. (16) Os modelos com 14,1 a 15,4 polegadas são os mais comuns e

trazem configuração e preços variadíssimos. (17) Há muitos itens a considerar **nesses produtos**. (18) **Um deles** é a memória RAM. (19) **Ela** funciona como uma mesa de trabalho. (20) **Ali** ficam as informações necessárias para a execução de tarefas imediatas. (21) Quando precisa de algum dado que não está **nessa memória**, o computador perde tempo para buscá-lo no disco rígido (HD) e tudo fica mais lento. (22) Para máquinas com o Windows Vista, são recomendados 2 gigabytes (GB) de RAM. (23) Existe, porém, um limite para esse **volume**. (24) Os sistemas operacionais mais comuns (Vista e Windows XP) não conseguem aproveitar mais do que 3 GB. (25) Assim, de nada adianta instalar nos notebooks com **esses softwares** 4 GB de RAM.

Fonte: Mario Nagano Revista *Veja*, 26/11/2008

Observe que esse texto gira em torno do termo **notebooks**. É a retomada direta ou indireta desse termo que dá estabilidade ao texto, encaminhando-o numa só direção: fazer uma descrição desse aparelho. Além disso, as frases estão bem amarradas porque seu redator usou com precisão alguns dos recursos de coesão textual, tanto dentro do período, quanto ao passar de um período para outro.

Vejamos em primeiro lugar os recursos de coesão de que o enunciador se utilizou para manter a **coesão dentro de cada período**:

- N° 3º período, o pronome “cujo” faz referência a laptop.
- N° 5º período, o pronome “algo” refere-se a leves.
- N° 13º período, a expressão “os aparelhos com monitor 13,3 polegadas” retoma *os notebooks um pouco maiores*.
- N° 21º período, o pronome “lo” reporta-se a dado.

Agora, é preciso ver como se realizou a **coesão entre os períodos**:

- N° 2º período, a expressão “desses aparelhos” faz referência a notebooks (1).
- N° 4º período, a expressão “os menores” refere-se a modelos de laptop (3).
- N° 7º período, a expressão “esses produtos” reporta-se a modelos de laptop (3).
- N° 8º período, o substantivo “notebooks” faz referência a esses produtos (7).
- N° 9º período, o substantivo “máquinas” retoma notebooks (8).
- N° 11º período, a expressão “dessa categoria” remete a notebooks (8).
- N° 14º período, a expressão “um dos primeiros laptops desse tipo” reporta-se a aparelhos com monitor 13,3 polegadas (13).
- N° 18º período, a expressão “Um deles” faz remissão a muitos itens a considerar (17).
- N° 19º período, o pronome “Ela” faz referência à memória RAM (18).
- N° 20º período, o advérbio “Ali” remete à memória RAM (18).
- N° 21º período, a expressão “nessa memória” reporta-se à memória RAM (18).

- Nº 23º período, a expressão “esse volume” faz referência a 2 gigabytes (22).
- Nº 25º período, a expressão “esses softwares” faz remissão a Vista e Windows XP (24).

Agora é a sua vez. Dê um exemplo de coesão entre o primeiro e o segundo parágrafos.

Como você pôde ver, em nenhum momento, o autor do texto se desviou do assunto (a descrição dos notebooks) porque se mantém atento à coesão. Vejamos, agora, algumas estratégias para estabelecer a coesão textual, que podem ser empregados para se fazer a retomada de informações.

3.1 Antonomásia

Substituição de um nome próprio por uma característica do ser nomeado.

Ex.: “Felina pôs em seu site imagens de homens famosos que estariam praticando com ela sexo virtual. As imagens, segundo ela mesma diz, teriam sido feitas clandestinamente, sem o conhecimento dos parceiros. Estão lá os jogadores Alexandre Pato e **Ronaldo**, o técnico de futebol Vanderlei Luxemburgo, o músico Di Ferrero, vocalista da banda NX Zero, e o ator Rafael Calomeni, entre muitos outros. [...] Outros famosos que Felina afirma ter em vídeo, como o atacante da Seleção Brasileira Alexandre Pato e o **Fenômeno**, não se pronunciaram”. (Revista *Época*)

3.2 Palavras ou expressões sinônimas, hiperônimas ou hipônimas

Emprego de palavras de sentido semelhante, genérico ou específico.

Ex.: “Flagrante delito é um tipo de prisão que é efetuado em indivíduo que cometeu um **crime** no ato ou em até 24 horas após o **delito** cometido. Se ultrapassar 24 horas a prisão não será considerada em flagrante delito e será necessária uma ordem judicial para mantê-lo preso”.

(Disponível em <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070103060902AATIFCS>. Acesso em 21 mai. 09).

Sinônimo: palavra de sentido semelhante fazendo a retomada.

Ex.: “A venda de **notebooks** cresceu numa escala estonteante no Brasil. Entre 2005 e 2008, o comércio **desses aparelhos** avançou 1 600%”.

Hiperônimo: palavra de sentido genérico fazendo retomada.

Ex.: “Para completar, retoques no design e uma diversidade maior de cores têm conferido crescente atratividade a **esses produtos**. Mas são apropriadamente chamados de **notebooks**.”

Hipônimo: palavra de sentido específico fazendo retomada.

3.3 Termo-síntese ou partículas encapsuladora

Emprego de um termo que englobe ou resuma várias informações.

Ex.: “Subir uma escada, carregar compras do supermercado, colocar um objeto em cima do armário e diversas outras atividades simples tornam-se estafantes para quem está fora de forma. Para resolver esses **problemas**, as academias de Fortaleza têm muito a oferecer a quem deseja recuperar o tempo e o fôlego perdidos” (Revista *Veja*).

3.4 Pronomes

Emprego de palavras que acompanham ou substituem o nome.

Ex.: “Um **deles** é a memória RAM. **Ela** funciona como uma mesa de trabalho.”

3.5 Numerais

Emprego de palavras que indicam a quantidade dos seres.

Ex.: “Fique sabendo como surgiu o teclado. O **primeiro** de todos surgiu em 1868 nos EUA e seguia a ordem alfabética. Após muitos estudos, em 1978, surgiu o modelo QWERTY, que virou padrão” (Revista *Superinteressante*).

3.6 Adverbios

Emprego de palavras que expressam circunstâncias para fazer referência a informações.

Ex.: “Um deles é a memória RAM. Ela funciona como uma mesa de trabalho. **Ali** ficam as informações necessárias para a execução de tarefas imediatas”.

3.7 Elipse

Omissão de uma palavra ou expressão que pode ser recuperada pela desinência verbal ou pelo contexto.

Ex.: “**Os menores** têm o monitor de 7 a 10 polegadas e representam uma grande novidade nas prateleiras. **Possuem** qualidades inegáveis: mais baratos, práticos e leves – algo fundamental num portátil”.

3.8 Repetição do nome ou parte dele

Ex.: “O deputado **Edmar Moreira**, que vaga pelo Congresso sem partido desde fevereiro, passou três horas e meia em uma sala ocupada por uma comissão de sindicância da Câmara dos Deputados no dia 18 de março.

Celebrizado por ter construído um castelo de R\$ 25 milhões no interior de Minas Gerais, **Moreira** estava ali para explicar outra particularidade de sua carreira política” (Revista *Época*).

O reconhecimento das formas de estabelecer a coesão é importante para que você, durante a escrita e a interpretação de textos, saiba relacionar os elementos. Contudo, é importante destacar que não basta costurar uma frase na outra para dizer que estamos escrevendo bem. Além da coesão, é preciso pensar na construção do sentido do texto, pois, se você não estiver atento, pode acabar produzindo um texto sem coerência. Veja o exemplo a seguir.

Tiquinho era um menino muito feio e isso **lhe** causava vários problemas. Um dia Tiquinho foi na padaria, **comprou** dois pães e voltou para casa.

Nesse exemplo, foram destacados os elementos responsáveis pela retomada de “**Tiquinho**”; perceba que a coesão foi estabelecida adequadamente. Contudo, o texto apresenta-se incoerente, porque a expectativa em relação aos vários problemas não foi atendida. Isso quer dizer que, além da coesão, é preciso preocupar-se também com a manutenção do sentido, a fim de que o texto seja coerente.

4. A referenciação

Leia os dois textos a seguir.

Texto 1 - Classe dominante

Classe dominante é um termo utilizado para designar a classe social que controla o processo econômico e político. Especificamente para a análise marxista, dentro do sistema capitalista, classe dominante corresponde à burguesia, ou seja, refere-se especificamente à classe social detentora dos meios e da capacidade de organizar a produção capitalista, ainda que não necessariamente tenha o controle total do processo de expansão econômica.

Fonte: Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Classe_dominante. Acesso em 31 ago. 2008.

Texto 2 - Como pensam os brasileiros

Um livro prova que, ao contrário do que pensam os esquerdistas, a elite nacional é o farol da modernidade

A julgar pelo que se lê nos jornais e se ouve nas salas de aula das universidades, o Brasil conta com uma elite retrógrada, de valores quase medievais, empenhada em obter toda sorte de privilégios do estado e em explorar a massa trabalhadora. Essa elite seria tão daninha que qualquer movimento de protesto originado nela, como o “Cansei”, já nasceria marcado pela ilegitimidade. Segundo os arautos desse ponto de vista, em posição antípoda estaria um povo de valores imaculados, dono de uma sabedoria e um senso de justiça naturais e pronto a redimir o país de séculos de iniquidade. Basta um pouco de distanciamento para ver que se trata de um ma-

niqueísmo tolo, típico da rasa cachola esquerdista brasileira. Elite é muito mais que sinônimo de “rico”. Como registram os dicionários, é uma palavra de origem francesa que significa “o que há de melhor numa sociedade ou grupo”. Dela fazem parte profissionais liberais, cientistas, atletas, empresários, políticos (não todos, infelizmente). Só uma nação que conta com uma elite com iniciativa, energia criadora, conhecimento avançado e valores democráticos tem chance de desenvolvimento. É por meio de suas ações e de seu exemplo que o conjunto da população termina ascendendo também, tanto no plano educacional e cultural como no profissional. Isto está longe de ser teoria romântica. É fato verificável no bloco dos países que hoje compõem o clube dos desenvolvidos.

Fonte: FRANÇA, Ronaldo. Como pensam os brasileiros. *Veja*, 22/08/2007, p. 86.

É possível perceber que os dois textos têm, pelo menos em princípio, um referente em comum, que, no texto 1, se manifesta por um conjunto de expressões para categorizar a *classe dominante*, e, no texto 2, por um conjunto de expressões que giram em torno do termo elite. Ou seja, os dois textos falam do grupo de pessoas que, numa determinada sociedade, são consideradas as que dominam, as que regulam, de alguma forma, a vida social.

O que chama a atenção, ao compararmos os dois textos, é que, embora tragam um mesmo referente, a maneira como esse referente é construído é completamente diferente num e noutro caso. No texto 1, a classe dominante é categorizada por um tom aparentemente neutro: ela é apresentada como o grupo que, por deter os meios de produção, organiza as riquezas e controla a vida social.

Já no texto 2, a elite é categorizada por um tom bastante positivo (aliás, uma parte do texto aborda uma “visão negativa” a respeito da elite, a fim de criticá-la duramente, *por resultar de um maniqueísmo tolo, típico da rasa cachola esquerdista brasileira*). A elite, aqui, é o farol da humanidade, é uma elite com iniciativa, energia criadora, conhecimento avançado e valores democráticos.

Você já deve ter ouvido algum comentário de que, para um fato, há sempre várias interpretações. Para a referência, essa ideia é muito preciosa. Na verdade, o processo de construção dos referentes implica que, no fundo, o papel da linguagem não é o de expressar fielmente uma realidade pronta e acabada, mas, sim, o de construir, por meio da linguagem, uma versão, uma elaboração dos eventos ocorridos, sabidos, experimentados.

É muito importante que isso fique claro, pois esse é o principal pressuposto da referência: os eventos ocorridos, as experiências vividas no mundo não são estáveis, não são estáticos. Eles sempre são reelaborados a fim de que façam sentido.

De início, é sempre muito complicado aceitar essa ideia de realidade instável porque nossa presença no mundo parece nos provar o contrário. E o sen-

Falar na reelaboração da realidade pela linguagem não significa dizer que o papel da linguagem é ludibriar, é maquiar a realidade, é disfarçar a verdade — claro que não, porque, no fundo, não há uma verdade absoluta, não há algo “normal”, “fiel” que precise ser escondido. Significa apenas que é uma função inerente à linguagem a (re)elaboração das práticas sociais, e, se isso é usado para fins mais ou menos lícitos, é algo que, pelo menos em princípio, escapa ao estudo da linguagem nessa perspectiva.

so comum defende esse contrário com unhas e dentes: como forma de facilitar nossa vida social, é importante crer que há um mundo estável que precisa ser conhecido por meio de formulações racionais, lógicas e confiáveis. Contudo, não é preciso ir muito longe para perceber que não é bem assim que as coisas funcionam. Basta ver como atuamos para interpretar e produzir sentidos por meio dos textos: quando precisamos nos comunicar, estamos frequentemente adaptando, elaborando, modulando o nosso dizer para atender a necessidades surgidas na interação. Em outras palavras, estamos transformando os referentes, ou seja, estamos constantemente recategorizando os objetos.

Atividades de avaliação



1. Identifique no texto a seguir todos os termos retomados pelas palavras destacadas.

Texto 1 – Por que sogras têm má fama

Guilherme Mota

Ninguém tem certeza de onde e como essa história de sogra ser um bicho ruim começou, mas sabe-se que **elas** causavam polêmica mesmo séculos antes de Cristo. Segundo a mitologia grega, até mesmo Afrodite, a deusa do amor, já fez as vezes de sogra má. Enciumada com o amor de seu filho Éros pela belíssima Psiqué, a **deusa** faz de tudo para manter os **dois** separados e, literalmente, mandar a **nora** para os infernos.

Segundo o psicólogo Arnaldo Nicolela Filho, da Universidade de Franca, o mito da sogra má é resultado de inúmeras experiências através das gerações, **que** acabaram formando um “arquétipo” (uma imagem pré-concebida de algo) no qual prevalecem os aspectos negativos.

De acordo com a antropóloga Eliana Amábile Dancini, da Universidade Estadual Paulista, o **mito** é cultural e trata-se de “um desdobramento das questões do gênero”, resultado da estrutura patriarcal da família, na qual o homem está no topo da hierarquia e a mulher serve só para as tarefas domésticas. “Quando a mulher é a sogra, já não tem funções e fica estereotipada como alguém que não tem nada pra fazer a não ser incomodar”, diz **ela**.

O resultado é que as sogras são obrigadas a conviver com más referências, expressões pejorativas e uma infinidade de piadas, como no nome do doce olho-de-sogra (**cujo** nome original era olho-de-cobra) e do brinquedo língua-de-sogra (**que**, além de ser “linguarudo”, provoca um som estridente)

Fonte: Revista *Superinteressante*, abril, 2006.

elas: _____

deusa: _____

dois: _____

a nora: _____

que: _____
o qual: _____
mito: _____
ela: _____
cujo: _____
que: _____

2. Leia o texto a seguir e escreva nos quadros os termos que foram retomados pelas palavras destacadas, distribuindo-os em duas colunas: coesão dentro do período e coesão entre os períodos.

Texto 2 – O destruidor de MP3

Novo software transforma qualquer música numa obra-prima de brequice

A ideia é bem interessante: um programa de computador **que** analisa a sua voz e monta um acompanhamento musical para **ela**. Você canta o que quiser, e o PC é que se vira para acompanhar. Um karaokê ao contrário. **Essa** é a proposta do Songsmith, que foi desenvolvido pelo centro de pesquisa da Microsoft. **O programa**, que pode ser baixado no endereço research.microsoft.com, usa técnicas avançadas de inteligência artificial e já **virou** uma febre na internet. Mas pelos motivos errados: ele é muito tosco e gera resultados absolutamente trash, de morrer de rir. Quando alguém teve a ideia de testá-**lo** com músicas que já existiam, só para ver o que o software faria com elas, a coisa explodiu: só no You Tube, já é possível escutar mais de 400 músicas remixadas pelo Songsmith sempre com consequências hilárias. Britney Spears ganhou um arranjo de churrascaria, o rock do Metallica se transformou em música dançante e os Beatles viraram um grupo de mambo. Teve até quem colocasse o programa para musicar um discurso de Barack Obama – o resultado foi uma mistura de world music com trilha sonora de filme pornô. Absolutamente impagável.

O Songsmith é tosco porque trabalha com sons no formato MIDI – **aqueles timbres bem artificiais e bregas** que eram gerados pelos teclados eletrônicos nos anos 80. Mas o pessoal da Microsoft diz que não se importa. “**Nós** adoramos os posts no You Tube, e ficamos muito animados em ver as maneiras **que** encontraram para usar o programa”, desconversa o pesquisador Dan Morris, **um dos criadores do Songsmith**. “Também colocamos na rede algumas músicas que criamos com o software”, revela **Morris**, que, quando não está trabalhando na Microsoft, toca guitarra numa banda de covers, adivinhe só, dos anos 80. Suuuucessoooo!

Fonte: Revista *Superinteressante*, março, 2009

ensino superior deslanchou. Logo antes da 2ª Guerra Mundial, Alemanha, França e Grã-Bretanha, com uma população somada de 150 milhões de habitantes, tinham só 150 mil universitários (0,1% do total). Nos anos 80, **essa taxa** tinha subido para 3% - uma proporção 30 vezes maior e que continua crescendo no mundo todo.

O que aconteceria se tudo isso acabasse do dia para a noite? Há dois cenários: ou seria o fim do mundo mesmo ou essa civilização **que** as escolas ajudaram construir se levantaria sozinha.

Fonte: Revista *Superinteressante*, abril, 2009

Referentes	Recurso de coesão
que refere-se a mundo aconchegante	Pronome relativo

4. Analise as expressões sublinhadas nos excertos a seguir indicando: 1) o suposto erro no uso da expressão (pense em termos de normas gramaticais e recomendações normalmente feitas pelos professores e livros); 2) uma justificativa plausível para o uso “inadequado” (pense que ideia se pretendeu transmitir e como a expressão utilizada contribui para a transmissão de tal ideia).

a) O dinheiro traz desenvolvimento para a nação. Felicidade para milhares de famílias, porque eles não precisariam viver tão sacrificados.

Suposto erro: _____

Justificativa: _____

b) Eu vejo essas reservas de vagas nas universidades para os estudantes de escola estadual como mais uma esmola disfarçada de interesse pelos menos favorecidos.

Suposto erro: _____

Justificativa: _____

5. Indique sua posição quanto aos usos sublinhados. Você os julgaria adequados ou inadequados? Procure justificar seu julgamento. Caso considere algo inadequado, proponha uma forma de correção, justificando por que sua sugestão seria adequada. Para ajudar em sua reflexão, leia os dois excertos a seguir.

a) **Pergunta** – Por que seus livros não são lançados em Cuba?

Resposta: Uma editora grande aqui de Havana – e não vou dizer qual – leu *Trilogia Suja e O Rei de Havana* e decidiu não publicar, alegando razões comerciais. Mas na verdade fazem uma leitura muito política de meus livros. Isso me incomoda. O pessoal de Miami também faz uma leitura política. É incrível o comentário que li no Miami Herald. Eles não falam de literatura. Falam como se eu fosse um político. As leituras dos dois lados me dão raiva, porque diminuem o valor do meu trabalho literário e tentam me manipular. Por isso trato de me afastar o máximo possível da política.

Fonte: *Veja*, 16/5/2001, p.11. Retirado de MELO, C. L. M. T. S. **Anáfora indireta esquemática pronominal:** uma anáfora coletiva genérica e coletiva restritiva. Recife, 143p. Dissertação: Mestrado em linguística. UFPE, 2001.)

- b) Na minha opinião, os autores das novelas televisivas têm o livre arbítrio de mostrar para a classe média que, a seu ver, a família brasileira está inteiramente desregrada; que as crianças devem se envolver com qualquer tipo de drama humano para ir aprendendo a viver e a escolher, que o autor tem que saber a exata diferença entre a pornografia e o erotismo, etc, etc, etc... O que me parece que esse autor não deva ter é a liberdade de afrontar as regras de convivência de uma sociedade que, pelo menos até agora, não está, em sua maioria, organizada como estão seus personagens; de mentir afirmando que está em curso um movimento contra a participação de crianças na história do teatro brasileiro, que certas 'viagens' em torno da alma humana são matérias de *divertissement* etc, etc.

Fonte: Ziraldo, excerto do artigo Pelo bom uso da liberdade. Retirado da prova de vestibular da UECE – 2002.2.

6. Levando em conta os procedimentos utilizados para responder aos dois itens anteriores (percepção de uma suposta inadequação, tentativa de justificativa e julgamento final), analise os excertos a seguir.
- a) [Introdução do texto:] Eu vejo essas reservas de vagas nas universidades para os estudantes de escola estadual, como mais uma esmola disfarçada de interesse pelos menos favorecidos.
- b) Na vida comum da maioria das pessoas a felicidade é sentida nos momentos de conquista mas principalmente nas realizações das coisas necessárias da rotina diária. No planejamento de coisas simples como: ir à praia,

esperar o filho nascer, assistir o jogo de futebol do seu time, ler um livro que você gosta várias vezes e muitas outras coisas que a vida construída por você, oferece.

- c) O que deve haver é uma união do social, da escola e família, onde cada um vai ter o seu papel complementar nessa educação...
- d) Em segundo, vão ser feitas campanhas de incentivo aos viciados a deixarem o vício e documentários com depoimentos “chocantes” de pessoas que ficaram entre a vida e a morte em consequência do mesmo.
- e) Para os pais, falar sobre sexo com seus filhos muitas vezes é complicado, mas, cabe a eles, iniciar esse diálogo mostrando os riscos que eles correm e como podem se prevenir.

Leituras, filmes e sites



[http://www. Gramaticaonline.com.br/redação/redação.asp](http://www.Gramaticaonline.com.br/redação/redação.asp)>

<http://www.pead.letras.ufrj.br/>

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. **Ler e escrever**. estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

A arte de ler e escrever com qualidade passa pela prática cotidiana, pelos exercícios e pelo conhecimento. Duas das maiores linguistas do Brasil, Ingedore V. Koch e Vanda Maria Elias, revelam como isso é possível. Com base em um conjunto de exemplos comentados – quadrinhos, propagandas, reportagens, crônicas, poemas, músicas e muitas produções de alunos de séries distintas – as autoras demonstram a aplicação dos conceitos teóricos abordados, favorecendo a sua compreensão e ressaltando sempre as peculiaridades de cada gênero textual.

Referências



FARACO, Carlos Alberto. **Oficina de texto**. Curitiba: Livro do Eleotério, 1999.

INFANTE, Ulisses. **Curso de gramática aplicada aos textos**. São Paulo: Scipione, 2001.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2000.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Introdução à Linguística Textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VALENÇA, Ana. **Roteiro de redação**: lendo e argumentando. São Paulo: Scipione, 1998.

A coesão referencial

Introdução

O processo de comunicação se desenvolve em lugar e tempo determinados, assim como envolve participantes determinados. Essas circunstâncias situacionais aparecem no texto por meio do emprego de palavras que só adquirem significado quando associadas a um referente, que pode estar no próprio texto (referência textual) ou num contexto extratextual (fora do texto).

1. Referência extratextual

Leia o texto abaixo:

Coisas que você precisa saber antes de alugar um carro no exterior

Tenho um filho de colo, outro com 3 anos. Devo levar daqui o bebê conforto e a cadeirinha?

A maioria das empresas oferece esses opcionais sem custo. Mas esse tipo de acessório é como comida especial de avião – você deve pedir antes. Na hora da reserva, especifique os itens necessários ao seu agente de viagem ou à locadora. Há outros artigos disponíveis: *rack* para esquis, telefone a bordo, e, em algumas locadoras, até um tipo de navegador – um GPS portátil para ajudar na localização.

Fonte: http://www.uol.com.br/proximaviagem/guia_ferias/009.shtml

No exemplo acima, temos no título da matéria o pronome pessoal **você**, que marca a segunda pessoa do discurso, isto é, o interlocutor. Mas quem é esse interlocutor? A resposta imediata e genérica é “o leitor da revista”. Se quiséssemos individualizar esse interlocutor, teríamos de pensar que, enquanto “João” lê o artigo, **você** é João; se “Clara” lê o artigo, **você** é Clara. Em qualquer das hipóteses, o interlocutor está fora do texto; trata-se, portanto, de uma referência extratextual.

E mais: você observou o emprego do **daqui** na pergunta? Será que temos como identificar a que se refere no texto? Mais uma vez, só se nos reportarmos ao processo de comunicação. Sabemos que se trata de um artigo publicado numa revista brasileira, portanto o **daqui** se refere a um lugar do

Brasil. Mas a que lugar exatamente? Se o leitor é uma pessoa que está em Brasília, o **daqui** refere-se a Brasília; se o leitor é uma pessoa que está em Fortaleza, o **daqui** é Fortaleza.

Essas palavras que se preenchem de significado por meio de referências extratextuais são consideradas dêiticas, pois remetem a circunstâncias situacionais do processo de comunicação. E as referências das palavras dêiticas são chamadas **exofóricas** por estarem fora do texto.

Veja alguns termos que podem funcionar como dêiticos:

Pronomes pessoais	Pronomes demonstrativos	Circunstâncias de tempo	Circunstâncias de lugar	Tempos verbais
eu, você nós, vocês	este (s), esta(s), isto, esse(s), essa(s), isso, aquele(s), aque- la(s), aquilo	hoje, amanhã, agora, ontem, neste momento, daqui a pouco, dentro de um mês, etc.	aqui, lá, acolá, ali, lá, aí, perto, longe, naquele lugar, neste lu- gar, etc.	pre- sente preté- rito futuro

2. Referência textual

Leia o texto a seguir.

O Instituto de Matemática Pura e Aplicada (Impa), do Rio, um centro de excelência na área, procura ir além dos torneios. Há três anos, a instituição adotou o Projeto VocaçãO Científica, que vinha sendo desenvolvido pela Fundação Oswaldo Cruz, e passou a ministrar cursos de verão para alunos de Ensino Médio. Os que se destacam são convidados a fazer estágios no Impa. “É verdade que nem todos conseguem acompanhar o ritmo, mas muitos, mesmo os que não ficam, saem daqui com outra visão da matéria”, afirma o professor Paulo Cezar Pinto de Carvalho, do instituto. “Cumprimos o objetivo de contribuir para o desenvolvimento do ensino”.

Fonte: <http://epoca.globo.com/edic/19990524/ciencia6.htm>

Algumas palavras também podem não ter sua referência no contexto extratextual, mas sim no contexto textual, isto é, no próprio texto da mensagem.

Observe o caso da palavra **aqui**. Qual é o seu referente? Onde o encontramos? O referente é o *Impa do Rio* e o encontramos no próprio texto. E mais: observando a posição do **daqui**, podemos perceber que ele aparece depois do referente. Em casos como esses, em que o referente é **antecedente**, temos uma referência **anafórica**.

Já no texto abaixo, a referência de **daqui** é diferente:

Nas vésperas da Páscoa, pesquisadores da Finlândia anunciam que comer chocolate durante a gravidez torna os bebês mais sorridentes e ativos. Mas médicos daqui do Brasil têm algumas ressalvas.

Fonte: <http://www.band.com.br/jaband/edicao070404.asp>

Nesse caso, o referente do **daqui** é o Brasil e aparece depois, trata-se de uma referência catafórica.

Atividades de avaliação



1. Leia o texto abaixo para responder às questões que seguem:

Texto 1 – Que tal desligar a TV?

Valdo Cruz

Brasília – Na minha infância, tínhamos apenas uma televisão em casa. Quando estragava, o jeito era esperar pelo conserto. Mas não fazia muita falta. Moleque, gostava mesmo era das brincadeiras de rua. Também a programação não ajudava muito.

Hoje, com a violência nas ruas, trânsito infernal, drogas, as crianças acabam mais dentro de casa. ⁵ Com isso, a TV ganhou um papel importante no nosso cotidiano. Ainda bem que agora temos programas educativos e infantis de qualidade.

Mas às vezes dá vontade de desligar o aparelho de TV. Foi a sensação que tive ao assistir a um comercial de uma montadora de automóveis dirigida ao público jovem.

Um adolescente chega em casa irritado, num estilo rebelde, jogando os tênis no meio do quarto. ¹⁰ Amuado e desolado, senta na cama pensativo Lembra-se de seus amigos na escola. A maioria com belos carros. Ele não.

Só fica satisfeito quando descobre, sobre a cama, uma caixinha. Dentro, as chaves de um carro novinho em folha. Maravilha de exemplo esse dado pelo comercial.

Fico pensando nos adolescentes que não têm carro. Todos devem começar a se sentir no direito de se transformar no mesmo rebelde do ¹⁵ comercial. Quem sabe eles não acabam conseguindo um carro zerinho?

Não fossem os bons programas educativos e infantis, além de um bom futebolzinho, dá até vontade de seguir o conselho de um velho amigo. O melhor é não ter televisão dentro de casa. Sobra mais tempo para ler e conversar.

Fonte: *Jornal Folha de S. Paulo*, 3/6/04

- a) Identifique a que se referem os termos a seguir:
 isso (linha 5)
 todos (linha 14)
 eles (linha 15)
 → Que tipo de referência esses termos estabelecem?
- b) A que se refere o substantivo “*conselho*” (linha 18)? Que tipo de referência ele estabelece?
- c) Os marcadores de tempo “*Na minha infância*” (linha 1) e “*hoje*” (linha 4) fazem referência a que tempo? Que tipo de referência foi adotada pelo autor ao fazer uso desses marcadores temporais?
- d) Reconheça os referentes dos substantivos abaixo:
 sensação (linha 7)
 maioria (linha 10)
 exemplo (linha 13)
- e) A conjunção *mas* normalmente estabelece oposição entre as ideias. No texto lido, ela foi empregada duas vezes. Observe o seu emprego e informe que ideias a conjunção *mas* opõe nas linhas 2 e 7.
- f) No 3º e no 4º parágrafo, o autor descreve um conjunto de ações de um adolescente que ganha um carro. Esses parágrafos cumprem o papel de explicar uma palavra expressa anteriormente no 3º parágrafo. Que palavra é essa?

Leia a tirinha abaixo para responder às questões 2 a 4.



2. Use **certo** ou **errado** nas lacunas abaixo, de acordo com o que se pode inferir da leitura da tirinha:
- a. _____ No 1º quadrinho, Filipe confirma para Manolito que a prática dos professores baterem nas crianças já existiu.
- b. _____ No 2º quadrinho, Manolito tira uma conclusão equivocada, porque a resposta de Filipe favoreceu essa suposição.
- c. _____ No 4º quadrinho, Manolito fica decepcionado por constatar que aqui nunca acontecem mudanças.

3. Escreva nos parênteses a seguir (**sim**) ou (**não**), conforme as afirmativas quanto ao emprego dos vocábulos estiverem corretas ou não:

- a) () O termo “**também**” (2º quadrinho) foi empregado para adicionar uma ideia e enfatizá-la.
- b) () O vocábulo “**nunca**” (4º quadrinho) expressa uma circunstância de tempo e de negação simultaneamente.
- c) () O advérbio “**agora**” (2º quadrinho) levanta o pressuposto de que essa ação não ocorria no passado.
- d) () O advérbio “**hoje**” (1º quadrinho) poderia ser empregado no final da frase, mas causaria alteração de sentido.

4. Identifique a que se referem os termos destacados e escreva entre os parênteses:

- **Referência anafórica:** se o termo em que se apoia a referência estiver expresso anteriormente;
- **Referência catafórica:** se o termo em que se apoia a referência estiver expresso posteriormente;
- **Referência extratextual:** se o termo em que se apoia a referência estiver expresso fora do texto ou no contexto.

a) () “Não **isso** era antes” (1º quadrinho)

Refere-se a _____

b) () “**hoje** as coisas mudaram muito” (1º quadrinho)

Refere-se a _____

c) () “Agora são as crianças **que** batem nos professores” (2º quadrinho)

Refere-se a _____

d) () “**Aqui** as mudanças nunca são radicais” (4º quadrinho)

Refere-se a _____

Leituras, filmes e sites



www.cce.ufsc.br/~nupill/ensino/a_referenciacao.htm

<http://www.pead.letras.ufrj.br/>

Referências



KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

NICOLA, José de. **Gramática da palavra, da frase, do texto**. São Paulo: Scipione, 2004.

Parte

2

Ambiguidade e textualidade

Ambiguidade e nãocontradição

1. Ambiguidade

Leia esta notícia publicada por um jornal paulista:

PF prende acusado de terrorismo nos EUA

O libanês Marwan Al Safadi, suspeito do atentado ocorrido no World Trade Center em Nova York (EUA), em 1993, foi preso no último dia 6 em Assunção (Paraguai), após ser localizado pela PF (Polícia Federal).

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 30/11/1996

Lendo a notícia toda, ficamos sabendo que o acusado de terrorismo foi preso em Assunção, no Paraguai. Mas, se lemos apenas o título, ficamos na dúvida sobre se o acusado foi preso nos EUA ou se ele cometeu atentado terrorista nos EUA.

Essa dúvida decorre da **ambiguidade** resultante de uma construção pouco cuidadosa do título. Diferentemente da linguagem oral, que conta com certos recursos para tornar o sentido preciso – gestos, expressão corporal ou facial, repetições, etc –, a linguagem escrita conta apenas com as palavras. Por isso, nos textos em que devem prevalecer clareza e objetividade, é necessário evitar a ambiguidade, sob risco de comprometimento do sentido.

A **ambiguidade** é a duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma frase ou em um texto inteiro.

Quando utilizada de forma intencional, como em alguns textos poéticos, em textos publicitários, em quadrinhos, em cartuns ou em anedotas, a **ambiguidade** é um recurso de expressão. Quando, porém, é resultado da má organização das ideias, do emprego inadequado de certas palavras ou da inadequação do texto ao contexto discursivo, ela pode causar problemas na construção do sentido.

A ambiguidade pode ocorrer em função do uso inadequado de:

a) Pronomes Pessoais

Exemplo: O Ministro comunicou a seu secretariado que **ele** seria exonerado.
(*O Ministro comunicou que seria exonerado a seu secretariado.*)

b) Pronomes Possessivos e Oblíquos

Exemplo: O Deputado saudou o Presidente da República, em **seu** discurso, e solicitou sua intervenção no **seu** Estado, mas isso não **o** surpreendeu.

(*Em seu discurso o Deputado saudou o Presidente da República. No pronunciamento, solicitou a intervenção federal em seu Estado, o que não surpreendeu o Presidente da República.*)

c) Pronome Relativo

Exemplo: Este é o relatório do funcionário **que** eu entreguei ao departamento.
(*Este relatório, que eu entreguei ao departamento, é do funcionário X.*)

d) Oração Reduzida

Exemplo: **Sendo indisciplinado**, o chefe advertiu o funcionário.
(*Por ser indisciplinado, o funcionário foi advertido pelo chefe.*)

2. A não-contradição

Para que um texto apresente textualidade, isto é, construa sentido de modo eficiente, é necessário que ele não contenha problemas de contradição. A **não-contradição** é um dos requisitos essenciais de coerência de um texto.

Há dois tipos básicos de contradição: a *interna* e a *externa* ao texto. A **contradição interna** ocorre entre o que se afirma antes e o que se afirma depois na sequência discursiva. A **contradição externa** ocorre quando o que se afirma não coincide com a realidade.

Leia o trecho de um texto produzido por um aluno do 1º ano do Ensino Médio que constitui um exemplo de **contradição interna**. Como o trecho foi transcrito na íntegra, apresenta problemas de aspectos formais e textuais:

Texto 1

“Logo depois encontraram o corpo de João Carlos da Silva na Lagoa Rodrigo de Freitas, motoristas que passavam por lá avistaram João atirando-se na lagoa.

Os moradores do morro acreditam que o motivo do suicídio de João foi a falta de vontade de viver e o cansaço do trabalho pesado, pois ele se queixava disso diariamente.

A polícia de Fortaleza ainda investiga a morte de João Carlos cujo corpo permanece no Instituto Médico Legal esperando ser identificado.”

O trecho apresenta **contradição interna**, pois afirma-se que o corpo espera para ser identificado quando já se sabe que o cadáver é de João Carlos. Há também contradição quando se diz que a polícia de Fortaleza ainda investiga o crime, o que não é possível já que a morte ocorreu na Lagoa Rodrigo de Freitas, que fica no Rio de Janeiro.

Observe que a **contradição** foi **interna**, porque o texto apresentou elementos que se contrapõem na sequência discursiva, ou seja, houve oposição entre o que se afirmou antes e o que se afirmou depois.

Agora veja um exemplo de **contradição externa** em um trecho de um texto também produzido por um aluno do 1º ano do Ensino Médio e transcrito na íntegra:

Texto 2

“Dez de janeiro de 2005, minha família e eu tínhamos viajado para uma praia a 430 quilômetros da cidade, seria um fim de semana perfeito. Mas eu tinha que estragar a felicidade de todos e inclusive a minha. Logo de manhã fiquei com raiva pois todos haviam saído, resolvi ir a praia peguei meu carro e fui a praia. Após chegar lá mergulhei no mar, e para me sentir aliviado nadei alguns metros mar adentro, me senti aliviado, quando meu celular tocou e fui, atender era a minha mãe, pedindo para eu voltar pra casa, de praia, desliguei o celular e fui para o carro quando cheguei na estrada ia tranquilamente quando um caminhão vinha na contra-mão ele estava muito rápido eu lembro de ter visto um flash de luz. Quando acordei estava no hospital e minha mãe do meu lado chorando muito.”

Há nesse texto um exemplo de **contradição externa** no trecho em que o narrador afirma que mergulhou no mar e se afastou alguns metros da orla. Nesse momento, quando o celular dele tocou, e mesmo o narrador estando dentro do mar, ele escutou o toque do celular e saiu para atender a ligação, o que é incoerente, uma vez que uma pessoa estando no mar, distante da orla, seus objetos devem estar a uma certa distância que o impediria de escutar a chamada do celular, a menos que ele estivesse acompanhado, e essa pessoa fosse até o mar chamá-lo para atender a ligação. Contudo, o narrador não dá essa informação no seu texto.

Veja que a **contradição** foi **externa**, porque o texto apresentou elementos que não coincidem com a realidade, isto é, no mundo real, isso não aconteceria.

A **não-contradição** é um dos princípios essenciais de textualidade. Qualquer texto pode trabalhar com ideias antagônicas, sem, contudo, entrar em contradição, sob risco de pôr em descrédito tudo o que havia desenvolvido. No texto, a **não-contradição** tem papel fundamental, pois é ela um dos elementos responsáveis pela coerência textual.

Atividades de avaliação



1. Identifique as contradições existentes nos fragmentos dos textos produzidos por alunos do 1º ano do Ensino Médio. Em seguida, informe se as contradições são internas ou externas e explique-as.
 - a) João Gostoso, como era chamado, tinha 29 anos, morava no morro da Babilônia, num barracão sem número, tinha dois filhos e trabalhava como porteiro em um grande edifício.

João Cavalcante da Silva morreu após se jogar na Lagoa Rodrigo de Freitas. Testemunhas afirmam que João estava passando por dificuldades em sua vida e foi beber no bar Vinte de Novembro, logo depois se jogou na lagoa e morreu afogado.

O delegado afirmou que João morreu no dia cinco de agosto, mas só encontraram seu corpo três dias depois, também disse que João estava cheio de dívidas e não tinha dinheiro, pois estava desempregado.
 - b) Sem querer, o cachorro deixou seu osso cair no lago. Desesperado, esse cachorro pulou na água para recuperar o osso perdido. Após muito tempo de procura, com o fôlego quase no fim, o cachorro avistou o osso próximo a umas pedras. Mas, do nada, surgiu um polvo que aprisionou o cachorro nos seus tentáculos e, disse-lhe que só o soltaria se ele promettesse não ser tão ganancioso.
 - c) Um garoto que estava à procura de uma bela moça, resolveu ir a uma boate para encontrar seu grande amor. Chegando lá, ele encontrou várias meninas e começou a dançar para chamar atenção delas. Mas uma das garotas despertou-lhe interesse, era uma moça bela, elegante e educada. Ele a chamou para dançar e a garota aceitou bastante satisfeita. O dia foi passando, até ficar muito escuro, então o garoto teve que voltar para casa, pois já era bastante tarde. Foi quando a garota sugeriu que depois eles marcassem outro encontro no shopping.
 - d) O macaco subiu na árvore que estava repleta de bananas. Como havia milhões de bananas e pegou logo um cacho da fruta para ele. Ao chegar ao chão, examinou a quantidade que trouxe, achou pouco e disse:

– Vou subir para pegar mais bananas, eu trouxe tão poucas.

Logo que subiu na bananeira, viu que suas bananas estavam sendo devoradas por ratos e constatou que não havia mais nenhuma fruta para ele pegar, pois a quantidade de bananas era bastante limitada e ele ficou sem nada.
- Moral:** Mais vale um pássaro na mão que dois voando.

- e) Estou escrevendo-lhe esta carta para falar do fim do nosso noivado, que já não estava indo muito bem, você está muito diferente, desde o dia em que foi trabalhar fora.

Depois que você passou a ir para as festas sem mim e ainda chegava embriagado e vinha me bater e gritar com as crianças, percebi que nosso noivado não ia dar certo.

Então, sinto-lhe informar que nosso casamento chegou ao fim, e não venha me procurar que não vou reatar. Por favor, não insista!

- f) João Martins, conhecido por João Gostoso, era um carregador de feira-livre que levava uma vida pobre.

Ao amanhecer de uma sexta-feira treze, quando João Gostoso saiu de seu humilde barraco, situado no morro da Babilônia, encontrou no meio do caminho uma carteira jogada no chão. Depois de examiná-la, constatou que nela havia uma bela quantia em dinheiro.

Não se importou em procurar o dono da carteira, tratou logo de usufruir daquele tesouro. Então, passou o dia resolvendo negócios: comprou uma casa em um bairro da alta sociedade, um carro novo e um celular de última geração.

- g) Lembro-me bem quando Carol me contou uma história que aconteceu com ela, depois de marcar um encontro com um europeu que gostava de escrever, principalmente, nos jornais anúncios atrás de moças inocentes.

Carol queria saber um pouco mais sobre o europeu. Um homem bonito, elegante, qual seria o motivo de marcar encontros através de jornais?

Depois de alguns minutos de conversa, ela descobriu que o europeu era analfabeto, não falava nada interessante e não era nada culto.

2. No texto que segue há uma ambiguidade. Identifique-a e reescreva o trecho, procurando desfazer a ambiguidade.

Gastou mais de 12 milhões de dólares herdados do pai, cuja família fez fortuna no ramo de construção de estradas de ferro, com festas, viagens, bebidas e mulheres.”

Fonte: Revista *Veja*, 10/3/2004

- a) Explicação da ambiguidade

- b) Reescrita do texto

3. As frases a seguir são ambíguas. Explique a ambiguidade presente em cada período e reescreva-o de modo que se desfaça o duplo sentido.

- a) Trouxe o remédio para seu pai que está doente neste frasco.

- Ambiguidade:
- Reescrita:

- b) Durante o namoro, Tiago pediu a Helena que se casasse com ele muitas vezes.
- Ambiguidade:
 - Reescrita:
- c) O guarda deteve o suspeito do roubo em sua casa.
- Ambiguidade:
 - Reescrita:
- d) Deputado fala da reunião no Canal 5.
- Ambiguidade
 - Reescrita
4. No trecho que se segue há uma passagem estruturalmente ambígua (isto é, uma passagem que poderia ser interpretada de duas maneiras, se ignorássemos o que é geralmente pressuposto sobre a vida de Kennedy). Identifique essa passagem, transcreva-a, aponte as duas interpretações possíveis e explique o que a torna ambígua do ponto de vista estrutural.

“E se os russos atacassem agora?, perguntou certa ocasião Judith Exner, uma das incontáveis amantes de Kennedy, que simultaneamente, mantinha um caso com o chefe mafioso Sam Giancana.”

5. A leitura literal do texto abaixo produz efeito de humor.

As videolocadoras de São Carlos estão escondendo suas fitas de sexo explícito. A decisão atende a uma portaria de dezembro de 91, do Juizado de Menores, que proíbe que as casas de vídeo aluguem, exponham e vendam fitas pornográficas a menores de 18 anos. A portaria ainda proíbe os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou a autorização dos pais.

Fonte: *Folha Sudeste*

- a) Transcreva a passagem que produz efeito de humor. Qual a situação engraçada que essa passagem permite imaginar?
- b) Reescreva o trecho de forma a impedir tal interpretação.
6. Às vezes, quando um texto é ambíguo, é o conhecimento que o leitor tem dos fatos que lhe permite fazer uma interpretação adequada do que lê. Um bom exemplo é o trecho que segue, no qual há duas ambiguidades, uma decorrente da ordem das palavras e outra, de uma elipse do sujeito:

“O presidente americano (...) produziu um espetáculo cinematográfico em novembro passado na Arábia Saudita, onde comeu peru fantasiado de marine* no mesmo bandeirão em que era servido aos soldados americanos”

*marine: fuzileiro naval americano.

Fonte: Revista *Veja*

- a) Quais as interpretações possíveis das construções ambíguas?
- b) Reescreva o trecho de modo a impedir interpretações inadequadas.
- c) Que tipo de informação o leitor leva em conta para interpretar adequadamente esse trecho?

7. Leia a reportagem abaixo.

Perigo: Árvore ameaça cair em praça do Jardim Independência

Um perigo iminente ameaça a segurança dos moradores da rua Lúcia Tonon Martins, no Jardim Independência. Uma árvore, com cerca de 35 metros de altura, que fica na Praça Conselheiro da Luz, ameaça cair a qualquer momento. Ela foi atingida, no final de novembro do ano passado, por um raio e, desde este dia, apodreceu e morreu. A árvore, de grande porte, é do tipo Cambuí e está muito próxima à rede de iluminação pública e das residências. “O perigo são as crianças que brincam no local”, diz Sérgio Marcatti, presidente da Associação do Bairro.

Fonte: Jornal Integração

- a) O que pretendia afirmar o presidente da associação?
- b) O que ele afirma literalmente?

Referências



GARCEZ, Lucília H. do C. **Técnica de redação**: o que é preciso saber para bem escrever. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

INFANTE, Ulisses. **Curso de gramática aplicada aos textos**. São Paulo: Scipione, 2001.

Parte

3

**Textualidade e estilo:
paralelismo sintático
e semântico**

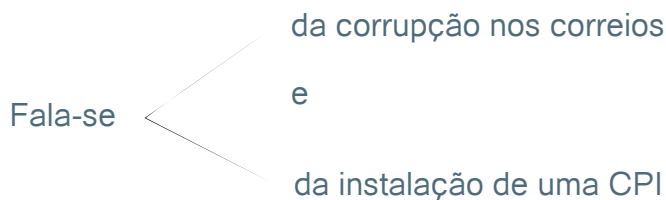
Paralelismo sintático e semântico

Nesta parte trataremos da quebra de paralelismos (sintático e semântico), problema frequente nas redações. O paralelismo, como um recurso de coesão textual, veicula informações novas através de determinada estrutura sintática que se repete, fazendo o texto progredir de forma precisa.

Observe a frase:

"Fala-se da corrupção nos Correios e da instalação de uma CPI".

O conector **e** soma duas informações vinculadas ao verbo falar (*fala-se de*). Ambas vêm precedidas da mesma preposição (*de*), constituindo assim um *paralelismo*. Se esquematizarmos a frase, veremos com mais clareza a construção:



Os dois segmentos da frase formam, portanto, construções paralelas. Se sempre observarmos esse tipo de construção, o texto se tornará mais coeso e, conseqüentemente, mais claro. A coerência também deve ser observada, pois a segunda parte da frase tem de estar não só sintática, mas também semanticamente associada à primeira.

Observe, agora, a frase a seguir:

"Ele estava não só atrasado para o concerto, mas também sua mulher tinha viajado para a fazenda".

Com esse exemplo queremos chamar a atenção para esse tipo de construção em que a primeira parte do paralelismo aponta *numa direção* e a segunda noutra. A presença dos conectivos *não só/ mas também* exige um paralelismo de ideias. É preciso que os dois segmentos se harmonizem, formando um todo semanticamente coerente. Os dois segmentos que constituem um paralelismo devem falar da mesma área de significação, sobretudo quando se trata de textos argumentativos. Já na ficção e na poesia é muito comum encontrarmos casos de quebra de paralelismo.

Os casos mais comuns de paralelismo ocorrem dentro da frase, mas podem também ocorrer de uma frase para outra e até mesmo entre parágrafos.

Atente para este exemplo em que o paralelismo foi usado para estruturar um parágrafo em relação a outro:

(...) nas últimas décadas, a temperatura média do planeta subiu 1 grau. Parece pouco, mas é o suficiente para causar os desequilíbrios que vêm se observando na natureza. A má notícia é que, se as emissões de CO₂ se mantiverem nos níveis atuais, até o fim do século, a temperatura média no planeta pode aumentar em até 6 graus, causando um efeito dominó de catástrofes.

Agora, a boa notícia. Pela primeira vez o homem decidiu escutar os pedidos de socorro da Terra na questão do CO₂. Desde a semana passada, encontra-se em vigor o Tratado de Kioto, um acordo pelo qual os 141 países signatários se comprometem a diminuir a emissão de gases poluentes nas próximas décadas.

Fonte: Revista *Veja*, fevereiro, 2005

Os trechos sublinhados deixam evidentes os paralelismos existentes nos dois parágrafos. Estruturando os parágrafos dessa forma, o autor chama a atenção do leitor para o que marca a oposição entre a boa e a má notícia, conseguindo clareza e denotando um perfeito domínio de texto.

Nem sempre a quebra de paralelismo significa erro de estruturação. Cláudio Abramo, um dos maiores jornalistas brasileiros, não observou o paralelismo na seguinte frase:

Nos tempos modernos, devido a influências várias e por causa de jornalistas com pendor literários, a reportagem perdeu seu aspecto de narrativa fria (...)

Fonte: *A regra do jogo: o jornalista e a ética do marceneiro*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993. p. 111.

Se Abramo tivesse observado o paralelismo sintático, teria escrito da seguinte forma:

Nos tempos modernos, devido a influências várias e a jornalistas com pendor literários, a reportagem perdeu seu aspecto de narrativa fria (...)

Comparando as duas frases, vemos que, ao mudar o conectivo, o jornalista teve a intenção de colocar em relevo a segunda causa, chamando nossa atenção para o papel de alguns jornalistas na mudança de estilo da reportagem moderna. Se o paralelismo tivesse sido observado à risca, as duas causas teriam o mesmo nível de importância e, assim, se perderia o efeito de sentido imaginado pelo autor.

Para concluir: o paralelismo é um recurso estilístico que deve ser usado desde que traga clareza e equilíbrio à frase. Caso contrário, não deve ser forçado.

Atividades de avaliação



1. Reescreva os enunciados que seguem, estabelecendo paralelismos:
 - a) Os ministros negaram estar o governo atacando a Assembleia e que ele tem feito tudo para prolongar a votação do projeto.
 - b) Tanto no trabalho quanto ao se relacionar com amigos, Luísa tem se mostrado muito indócil.
 - c) Quando o ditador morreu, seu porta-voz conseguiu transformar-se no comandante das Forças de Defesa e que era o homem forte do país.
2. Os períodos que seguem apresentam problemas de construção, pela falta de emprego de paralelismo semântico adequado. Identifique esses problemas e reescreva os textos, fazendo uso de paralelismos.
 - a) Enquanto os baianos são famosos pelo carnaval de rua, o Rio de Janeiro se destaca pelo carnaval organizado das escolas de samba.
 - b) Não me sinto bem nesta casa, nesta cidade, neste país nem neste bairro.
 - c) Essa família estava pedindo esmolas para não roubar, porque não tinha onde morar e nem um emprego.
 - d) Pelo aviso circular, recomendou-se aos Ministérios economizar energia e que elaborassem planos de redução de despesas.
 - e) No discurso de posse, mostrou determinação, não ser inseguro, inteligência e ter ambição.
 - f) O novo procurador é jurista renomado, e que tem sólida formação acadêmica.
 - g) O interventor não só tem obrigação de apurar a fraude como também a de punir os culpados.
 - h) O projeto tem mais de cem páginas e muita complexidade.
 - i) O Presidente Luís Inácio visitou Paris, Bonn, Roma e o Papa.

j) De repente não só surgiu uma emoção jamais experimentada: como também o sentimento de amor aos pais, aos irmãos, aos amigos e à natureza.

3. Identifique os paralelismos que ajudaram na construção do parágrafo abaixo:

A notícia de que era pai, de que Olga estava viva, de que a mãe e as irmãs estavam bem, encheu de esperanças um Prestes à porta da condenação por um tribunal de exceção. Ele releu, dezenas de vezes, a carta da mulher e a da mãe no cubículo em que continuava preso. Quando Sobral Pinto informou-o de que tinha obtido autorização para que respondesse à correspondência de Olga, ele fez uma exigência. Sabendo que as cartas eram censuradas, primeiro pela polícia de Filinto Müller, no Brasil, depois pela Gestapo, em Berlim, pediu ao advogado que lhe comprasse uma gramática alemã e um dicionário de alemão.

Fonte: MORAES, Fernando. *Olga*.

Leituras, filmes e sites



<http://www.pead.letas.ufrj.br/>

Referências



GARCEZ, Lucília H. do C. **Técnica de redação**: o que é preciso saber para bem escrever. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

INFANTE, Ulisses. **Curso de gramática aplicada aos textos**. São Paulo: Scipione, 2001.

VALENÇA, Ana. **Roteiro de redação**: lendo e argumentando. São Paulo: Scipione, 1998.

Variedades Linguísticas

Introdução

Cada um de nós começa a aprender sua língua em casa, no contato com a família, aos poucos, através da interação social em que nos apropriamos do vocabulário e das peculiaridades da língua.

Em contato com outras pessoas na rua, na escola, no trabalho, observamos que nem todos falam da mesma forma. Há pessoas que falam de modo diferente por serem de outras cidades ou regiões do país, ou por terem idade diferente da nossa, ou por fazerem parte de outro grupo ou classe social. Essas diferenças no uso da língua constituem as **variedades linguísticas**¹.

Variedades linguísticas são as variações que uma língua apresenta em função de fatores linguísticos e extralinguísticos (sociais) que condicionam, ou seja, propiciam essas diferentes formas de usá-la.

Em relação à influência de fatores sociais na variação da língua, podemos falar de fatores ligados ao falante/ao(s) grupo(s) social(ais) a que ele(s) pertence(m): região em que nasceu/vive o falante, idade, gênero (sexo), profissão, classe social, escolaridade e tempo. Além desses, existem outros ligados à situação de interação verbal, que também condicionam a variação: modalidade da língua (oral/escrita), grau de intimidade entre os interlocutores, gênero do discurso.

Um outro conceito importante para entendermos a **variação linguística**² é o conceito de **norma linguística**. Consideramos aqui três tipos de norma:

- **Norma Padrão:** variedade da língua registrada na Gramática Normativa. Essa variedade é a ideal e, portanto, nem sempre coincide com os usos reais da língua. Essa variante é considerada de prestígio.
- **Norma Culta:** uso que os falantes cultos (3º grau) fazem da norma padrão. Essa variedade é considerada real, uma vez que acompanha as modificações por que passa a língua no decorrer do tempo. Assim como a norma padrão, a norma culta é prestigiada socialmente.
- **Norma não-padrão:** é a variedade linguística utilizada por falantes não escolarizados ou pouco escolarizados. Essa variante é estigmatizada socialmente.

¹ A variação linguística não é condicionada por um fator apenas, mas sempre por um conjunto de fatores. A maneira como você fala, dessa forma, então, acontece por causa da sua idade, da sua escolaridade, do lugar em que você nasceu/vive e também depende de com quem e em que situação você está.

² As variedades padrão, não-padrão e culta da língua, apesar de socialmente serem consideradas como fator de prestígio ou de estigma, linguisticamente são apenas diferentes. Possuem, na verdade, o mesmo valor.

Vale ressaltar que há uma variedade que tem maior prestígio social, a **língua culta**, que é a variedade linguística ensinada na escola, utilizada na maior parte dos livros e revistas, em textos científicos e didáticos, em alguns programas de televisão.

O ensino da **norma padrão**, na escola, não tem a finalidade de condenar ou eliminar a língua que falamos em nossa família ou em nossa comunidade. Ao contrário, o domínio da **norma padrão** é o que permite chegar à norma culta e que somado ao domínio de outras variedades linguísticas, torna-nos mais preparados para nos comunicar. Saber usar bem uma língua equivale a saber empregá-la de modo adequado às mais diferentes situações sociais de que participamos.

1. Dialeto e registros

Há dois tipos básicos de variação linguística: os dialetos e os registros. Os **dialeto**s são variedades originadas das diferenças de região, de idade, de sexo, de classes sociais e da própria evolução histórica de língua. Nas cantigas medievais portuguesas, por exemplo, a chamada “Cantiga da Ribeirinha”, considerada a mais antiga composição poética, temos exemplos de variação histórica.

Cantiga da Ribeirinha

*No mundo non me sei parelha
mentre me for como me vai
ca já moiro por vós – e ai!
mia senhora branca e vermelha
queredes que vos retraia
quando eu vos vi em saia!
Mau dia me levantei
Que vos enton non vi fea!*

Já neste poema de Patativa do Assaré, temos uma variedade do interior de alguns estados brasileiros. Veja:

Aposentadoria do Mane do Riachão

<i>Seu moço, fique ciente</i>	<i>Sempre entrando pelo cano</i>
<i>De tudo que eu vou contar,</i>	<i>e sem podê trabaiaá,</i>
<i>Sou um pobre pinitente</i>	<i>com secenta e sete ano</i>
<i>Nasci no dia do aza,</i>	<i>precuri me apusentá,</i>
<i>Por capricho eu vim ao mundo</i>	<i>fui bate lá no iscritoro</i>
<i>Perto dum riacho fundo</i>	<i>depois fui no cartoro,</i>
<i>No mais feio grutião</i>	<i>porém de nada valeu,</i>
<i>E como ali fui nascido,</i>	<i>veja o que foi, cidadão,</i>
<i>Fiquei sendo conhecido</i>	<i>que aquele tabelião</i>
<i>Por Mane do Riachão</i>	<i>achou de falá pra eu...</i>

As variações de registro ocorrem de acordo com o grau de formalidade existente na situação de comunicação; com a modalidade de uso da língua, isto é, se trata de registro oral ou escrito; com a sintonia entre os interlocutores, que envolve aspectos como graus de cortesia, deferência, tecnicidade (domínio de um vocabulário específico de algum campo científico, por exemplo) etc.

Conheça a seguir os tipos básicos de variação referente ao registro:

a) Quanto ao grau de formalidade

- **Formal:** caracterizado pelo uso mais elaborado, mais monitorado da língua, marcado pela proximidade com a variedade culta. É o caso, por exemplo, da língua empregada em alguns artigos, editoriais, reportagens, de jornais e revistas.
- **Informal:** caracterizado pelo uso menos elaborado, menos monitorado da língua, marcado por construções simplificadas, abreviações, etc. É o caso, por exemplo, da língua empregada em correspondência entre amigos ou membros da família.

É preciso destacar que os graus de formalidade se estabelecem num continuum que vai do registro mais formal ao menos formal.

b) Quanto à modalidade de uso da língua

- **Oral:** conta com a interação imediata entre os interlocutores; é o uso da palavra falada.
- **Escrita:** caracteriza-se pelo distanciamento entre os interlocutores: o produtor escreve em um tempo diferente daquele em que vai ser lido pelo leitor.

c) Quanto à sintonia entre os interlocutores

Diz respeito à consideração da imagem que um interlocutor tem do outro. Assim, se uma pessoa encontra um amigo seu, que gosta de rock pesado, poderá falar:

– E aí, mermão, quero ter um plá com você.

A gíria compõe falares de determinados grupos sociais. Quase sempre é criada por um grupo social, como o dos fãs de rap, de heavy metal, o dos que praticam capoeira, jiu-jitsu, etc. Quando ligada a profissões, a gíria é chamada de **jargão**. É o caso do jargão dos jornalistas, dos médicos e de outras profissões.

Atividades de avaliação



1. Como você sabe, as diferentes maneiras de “usar” uma língua geram uma grande variedade linguística. Leia os textos abaixo e indique os fatores (tempo, lugar, sexo, idade, profissão, etc) determinantes.
 - a) “Se abanquem, se abanquem no más. Mas que parelha buenacha, tchê . Qual é o causo?” (Luís Fernando Veríssimo)
 - b) “A feição deles é serem pardos, maneiras de avermelhados, de bom rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto” (Pero Vaz de Caminha)
 - c) “Andei meio vexado uns pares de dias, com perdão da palavra, com um curso danada. Lá im casa tem um delúvio de laranja madura. Este minino só sabe daninhá o dia entero” (Amadeu Amaral)
 - d) “Vamos direto ao assunto: interface gráfica ou não, ainda muitas vezes é preciso trabalhar com o prompt do DOS, sendo aborrecedor esforçar-se na redigitação de paths de subdiretórios longos ou comandos mal digitados” (Revista PC World)
 - e) “E aí má, tu já foi mijar? Pô cara, lá tava uma sujeira só.
 - f) “– Mainha, eles vieram me buscar e eu preciso me escafedê. Aqueles jagunço mataram tudo que é cabra...”
 - g) “– Me traz um copo d’água rapidinha que estou morrendo de sede. A gente correu muito pra chegar aqui, o carro pifou lá perto da mercearia.”
 - h) “– Saquei. Você ta pensando que só nós dois, no meio do mato, pode pintar um lance.
 - Mas qualé, xará. Não tem disso não. Está em falta.
 - Oi, gatona.” (Luís Fernando Veríssimo)

- i) “O Capitão – general apareceu finalmente na sacada central do paço, e os olhos do povo e dos sobrados se voltaram para o palácio. O seu melhor uniforme, trespassado de bandas, coberto de dourados e veneras, reluzia.”
(Autran Dourado)

2. Leia o texto abaixo:

Adrenalina pura

Uma lua cheia maravilhosa e a boia prevendo ondas enormes tocaram a minha lama na noite do dia 9 de novembro. Fui dormir tranquilo, sabendo que o dia seguinte encheria de alegria todos os corações dos *bigs riders* presentes me Maui. [...]

Aquele visual que sonhamos durante todo o ano se realizava diante de nossos olhos. Altas bombas entrando e Burl e Eraldo, que haviam saído alguns minutos antes de nós, já desciam ladeira abaixo. Ambos droparam ondas enormes, com destaque para uma de Buelr, que ficou na boca de um tubo e quase se descontrolou devido à velocidade. Ele acertou o “timing” no último segundo antes do *lip* achatar sua cabeça.

Fonte: MANCUSI, Sylvio. Fluir, São Paulo, mar. 2004.

Complete as informações abaixo:

- Grupo social do emissor
- Modalidade de uso da língua
- Grau de formalidade
- Variedade linguística predominante

3. Leia o quadrinho:



WATTERSON, Bill. O melhor de Calvin. O Estado de S.Paulo, São Paulo, 27 ago. 2002

a) Complete as informações abaixo:

- Grupo social dos interlocutores
- Modalidade de uso da língua
- Grau de formalidade
- Variedade lingüística usada pelos interlocutores

b) No último quadrinho, Calvin pergunta se não há nenhum seriado policial em que as pessoas falem como “gente de verdade”. Como seria a fala de “gente de verdade”? Justifique.

4. Leia o trecho abaixo e faça o que se pede:

Quinta-feira, dia 5 de dezembro

Fala sério, a vida te reserva tantas coisas maneiras, que cara, é lance você guardar isso – não só na memória, mas tipo assim, escrevendo mesmo. A partir de hoje vou ter mais esse grande amigo na minha vida, que é você diário.[...]

Coisa difícil é as pessoas compreenderem os adolescentes. Nem pai nem mãe compreendem às vezes. Minha mãe então, nem se fala... É a incompreensão em pessoa. Bom, é verdade que eu também às vezes falo demais e minha mãe não é tão sinistra quanto eu falo, tem mães muito piores por aí. O que eu diria da minha mãe é que ela é mãe. Aquela coisa de “não sai sem arrumar o quarto”, “já estudou?”, “se não fez isso vai ficar de castigo”... A verdade é que mãe é sempre chata, mas a verdade também é que a gente não vive sem elas. Se passo dois dias sem ver a minha mãe, fala sério, eu já fico morrendo de saudade. [...]

Mas cara, eu tenho que aproveitar a vida, a hora de bombar é essa. Se bem que eu bombei tanto, que eu acho que vou levar uma bomba no final do ano. Pode deixar que eu vou te mantendo informado. Tá selada hoje nossa amizade e pra você eu sei que eu posso falar o que quiser que você nunca vai abrir a boca pra falar nada pra ninguém. Boa-noite.

Fonte: PERISSÊ, Heloisa. *O diário de Tati*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.p.5-6.

a) Qual o grupo social a que pertence o emissor da mensagem? Como foi possível identificá-lo?

b) Qual a modalidade de uso da língua empregada pelo emissor da mensagem?

c) O grau de formalidade empregado é adequado para a situação? Justifique.

d) Aponte passagens do texto que marcam o uso de gíria e de redução vocabular.

Em seguida, proponha formas correspondentes apropriadas à norma padrão.

- Gíria
 - Redução vocabular
- e) A narradora também emprega alguns termos típicos da linguagem oral. Identifique algumas dessas marcas da oralidade presentes no texto.

5. Em um exame vestibular de São Paulo, pediu-se aos candidatos que reescrevessem o texto abaixo segundo a variedade padrão da língua. O texto a seguir é a resposta de uma jovem à questão que lhe foi formulada por um jornalista: “O que é, para você, ser feliz?”.

Leia a resposta e reformule-a de acordo com a língua escrita culta formal.

“Sei lá o que te dizer sobre esse negócio de ser feliz, mas acho que, pra todo mundo encontrar a felicidade, a gente tem que dizer um ‘não’ bem grande pras coisas ruins que acontecem pra gente na vida”

Leituras, filmes e sites



publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/view/511/511

Referências



ALMEIDA, Nukácia Meyre de A.; ZAVAM, Aurea S. Variação linguística e Ensino. **Formação Continuada de Professores da Rede Pública. Português 3**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2000.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

Parte

4

**Concordância e
regência**

Concordância nominal e verbal

1. Concordância nominal

Compare as seguintes frases:

- Aquele **menino** estudioso foi aprovado no vestibular.
- Aquele **menina** estudiosa foi aprovada no vestibular.

Observe que o simples fato de trocarmos o substantivo masculino por feminino tornou necessário fazer alterações nos seus determinantes. A esse mecanismo linguístico denominamos de **concordância**.

Assim, concordância é o princípio sintático segundo o qual as palavras dependentes se harmonizam nas suas flexões com as palavras de que dependem. Quando os adjetivos, pronomes, artigos, e numerais concordam em gênero e número com os substantivos (nomes) a que se referem, a concordância é chamada de **nominal**.

Cometer equívocos de concordância ao redigir textos que exigem o uso da língua padrão pode gerar má impressão ao leitor mais exigente. A assiduidade na leitura nos permite, muitas vezes, lidar com naturalidade com esse mecanismo linguístico. Algumas situações particulares, no entanto, costumam deixar dúvidas.

2. Concordância verbal

Observe esta charge:



Nessa charge, aparecem formas bem distintas de estabelecer a concordância, realizadas por dois grupos sociais: o grupo dos escolarizados e o dos não-escolarizados. Para o chargista, era importante marcar a diferença de classe social também pela linguagem. Por isso, o político domina “as regras da gramática”, com todas as flexões de plural, enquanto as crianças cometem alguns desvios, entre eles, o de concordância (*nóis assarta*).

Na língua padrão, existe esta regra básica de concordância: o verbo concorda com o sujeito em número e pessoa. Lembramos que, como na concordância nominal, certas situações deixam dúvidas.

2.1 Concordância do verbo Ser

O verbo Ser ora concorda com o sujeito ora concorda com o predicativo.

- **Quando o sujeito for um dos pronomes Que ou Quem**

Exemplos: **Que** são parônimos?

Quem foram os vencedores do campeonato?

O verbo Ser concordará obrigatoriamente com o predicativo.

Na indicação de tempo, dias, distância:

Exemplos: **É** *uma* hora da madrugada.

São *dezesseis* horas em ponto.

Eram cinco para meio-dia.

- **Quando o sujeito for os pronomes tudo, o, isso, aquilo, isto**

Exemplos: Tudo **são** *flores no início da relação*.

Isto **são** *consequências do aquecimento global*.

- **Quando aparece nas expressões é muito, é pouco, é bastante**

Exemplos: *Quatro reais* **é pouco** para comprar um lanche na escola.

Seis quilos de feijão **é mais** do que pedi.

2.2 Concordância dos verbos Haver e Fazer

- O verbo **haver**, quando indica existência ou acontecimento

Exemplos:

Há graves problemas de infraestrutura nas cidades brasileiras.

Haverá graves problemas de infraestrutura nas cidades brasileiras.

Parece haver graves problemas de infraestrutura nas cidades brasileiras.

- Os verbos **haver** e **fazer**, quando indicam ideia de tempo

Exemplos: Há anos não o vejo.

Faz meses que não o vejo.
Deve fazer dez anos que não o vejo.

Atividades de avaliação



Parte 1 – Questões sobre concordância nominal

1. Veja os exemplos abaixo:

a) Lá estava, diante de mim, cavalo e casa antiga.



Fonte: stock.xchng

b) Mulher e marido briguentos devem ter paciência diante dos filhos.



Justifique a concordância dos adjetivos “antiga” e “briguentos”.

2. Leia as frases abaixo, comparando-as quanto à concordância nominal e quanto ao sentido. Todas elas são adequadas ao padrão culto da língua.

- a) Tenho apenas um carro e uma casa velha.
- b) Tenho apenas um carro e uma casa velhos.
- c) Tenho apenas uma casa e um carro velho.

d) Tenho apenas uma casa e um carro velhos.

Levando em conta que o adjetivo “velho” se refere sempre aos dois substantivos, “carro” e “casa”, em quais das frases, dependendo do contexto, pode haver ambiguidade, isto é, dar a impressão de a palavra “velho” se referir apenas a um substantivo?

3. Observe:

a) Removidas as cortinas e os tapetes, saí da sala.

b) Ela usava bonito colar e pulseira.

Responda: Qual a posição do adjetivo em relação ao substantivo? Como se deu a concordância dos adjetivos?

4. Leia:



Marido e mulher são **brigentos**.



É **vergonhosa** a pobreza e o desamparo.

Responda:

a) Qual a função sintática dos adjetivos destacados?

b) Elabore uma regra de concordância para os casos apresentados nos quadros.

5. Em:

a) Estudo a cultura italiana e a francesa.

b) Estudo as culturas italianas e francesa.

c) Estudo a cultura italiana e francesa.

Nos três casos, um único substantivo é modificado por dois ou mais adjetivos no singular. Em qual dos casos, a construção provocaria a seguinte incerteza: trata-se de duas culturas distintas ou de uma única, ítalo-francesa?



“Muito obrigada por tentar me ajudar – disse a pequena jovem. E acrescentou: agora pode deixar, eu mesma executarei todas as tarefas.”

- a) “Obrigada” é um adjetivo sinônimo de “grata”. Nesse caso, com que palavra esse adjetivo deve concordar?
- b) Que outra palavra do exemplo segue a mesma regra de concordância do adjetivo?

7. Veja: *“Ela ficou meio nervosa quando soube que precisaria esperar na fila até o meio-dia e meia”.*

- a) Qual a diferença de sentido entre as duas palavras destacadas?
- b) A que classes gramaticais pertencem as duas palavras?
- c) Que regra de concordância nominal pode ser observada?

8. Observe:



Compare:

- a) É necessário cautela.
- b) A cautela é necessária.
- c) Pimenta é bom para tempero, mas esta pimenta não é boa para nada.

Em que situações as expressões **é proibido**, **é necessário**, **é bom** ficam invariáveis? Quando devem concordar com o substantivo?

Parte 2 – Questões sobre concordância verbal

1. Observe:

Coragem e honestidade **faltaram** ao jovem deputado.

Por que o verbo se encontra no plural? Haveria outra possibilidade de concordância caso o sujeito estivesse anteposto ao verbo?

2. Veja:



Fonte: <http://www.indizivel.com/post/archives/2006/04/>

- a) Um grupo de eleitores **pediu** / **pediram** mais explicações ao candidato.
- b) A maioria dos manifestantes **solicitou** / **solicitaram** a presença do deputado.
- c) Um bando de vândalos **destruiu** / **destruíram** várias lojas da cidade.
- d) Cerca de mil pessoas **participaram** da manifestação.
- e) Perto de quinhentas manifestantes **compareceram** ao local.

Levando em conta o sentido das expressões em “a”, “b” e “c” e das expressões em “d” e “e”, responda: Que regra de concordância verbal pode ser observada com sujeitos formados por essas expressões?

3. Compare as frases:

- a) João ou Pedro **será** o novo prefeito da cidade.
- b) João ou Pedro **serão** bons representantes do povo brasileiro.

A partir do valor semântico atribuído à conjunção “ou” nas duas frases, explique o motivo de o verbo na frase “a” ter ficado no singular e na frase “b” no plural.

4. Leia um trecho da música “E fui eu que dancei”, de Benito di Paula:

*Toda vez que essa música tocar
Você vai se lembrar de mim, eu sei
Te levei pra te amar
Te levei pra dançar
E fui eu que dancei*

- a) Que classe gramatical assume o pronome “que” na frase destacada? Como ocorreu a concordância do verbo “dancei”?
- b) Tendo como base a resposta anterior, identifique qual destas frases apresenta erro de concordância:
- És tu que me levas para dançar.
 - Fomos nós que dançamos.
 - Fui eu que amou perdidamente.
 - Ainda existem homens que nos levam para dançar.

5. Agora, observe:

Fui eu quem **convidou** você para dançar.
Fui eu quem **convidei** você para dançar.

- a) As duas formas de concordância são possíveis na língua culta. Explique-as.
- b) Seria possível, de acordo com a norma culta, trocar, nessas frases, “Fui” por “Foi”? Justifique.
6. Leia:



Fonte: <http://www.bemparana.com.br/craques-e-caneladas/?s=guich%C3%AA>

Do ponto de vista da gramática normativa, há erro de concordância nesse anúncio? Justifique.

7. Veja:

- Os Estados Unidos **foram** os maiores responsáveis pela atual crise mundial.
- Estados Unidos **é** a maior potência econômica do mundo.
- Minas Gerais **produz** muitas pedras preciosas.
- As Minas Gerais **produzem** muitas pedras preciosas.
- Os Sertões **imortalizaram** Euclides da Cunha.

Como você observou, quando se trata de nomes próprios, a concordância do verbo deve ser feita levando-se em conta a ausência ou presença de artigo. Em que situação, então, o verbo deve ficar no singular? E no plural?

Observação: Com nome de obra no plural, com artigo no plural, o verbo **ser** pode ficar no singular, desde que o predicativo do sujeito esteja no singular. *Os Sertões é a mais conhecida obra de Euclides da Cunha.*

Leituras, filmes e sites



Sites

<http://www.brasilecola.com/gramatica/concordancia-verbal-nominal.htm>

<http://www.portugues.com.br/sintaxe/concorverbal.asp>

<http://www.algosobre.com.br/gramatica/concordancia-verbal.html>

Livros

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão. **Oficina de texto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

Oficina de Texto é um atualizado manual de redação, organizado com grande clareza didática e redigido em linguagem acessível. A obra apresenta aos estudantes as distinções fundamentais entre a oralidade e a escrita; trabalha as noções de unidade estrutural e unidade temática; a noção de parágrafo; o emprego dos conectores que dão sequência ao texto e costuram suas partes; os diferentes tipos de texto a partir de diferentes intenções, temas e destinatário. Cada capítulo conta ainda com uma seção de tópicos gramaticais, repassando as dificuldades mais comuns dos estudantes nessa área, como o emprego do acento grave nas ocorrências de crase, a colocação de pronomes átonos e a concordância e regência de verbos e nomes.

Referências



CEREJA, William R.; MAGALHÃES, Thereza C. **Gramática reflexiva: texto, semântica e interação**. São Paulo: Atual, 2005.

NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 1998.

Regência verbal e nominal

Observe as seguintes frases: “*Você é a menina que eu mais gostei...*” e “*Você é a menina de quem eu mais gostei...*” Numa situação formal de escrita, uma dessas estruturas não é aceita pela gramática normativa. Por quê?

Nunca pensamos nisso, mas expressões como "gostar de" ou "busca de", são determinadas pelo que a gramática chama de **regência**. Quando o termo regente é um verbo, ocorre a **regência verbal**; quando o termo regente é um nome, ocorre a **regência nominal**.

A regência é o fenômeno pelo qual certas palavras exigem esta ou aquela preposição. Por exemplo, nenhum falante de português dirá *Eu gosto bolo de chocolate*. Todos vão dizer normalmente *Eu gosto de bolo de chocolate*.

Pela regência, implicamos **com** alguém, precisamos de alguma coisa, ansiamos **por** felicidade, telefonamos **para** ou **a** ele, pensamos **em** alguém etc.

Como falantes da língua, não perdemos o sono por causa da regência: dominar a linguagem cotidiana, desde os primeiros anos de vida, é dominar também sua regência. Os problemas só começam a aparecer quando precisamos empregar a variedade culta, exigida numa situação de formalidade, quer na língua oral, quer na língua escrita. E por que isso acontece? Porque, numa situação formal, muitas regências já universalizadas pela fala comuna das pessoas (*assistir um filme, obedecer alguém*) não são aceitas pela gramática normativa (*assistir a um filme, obedecer a alguém*), o que exige uma atenção especial de quem escreve.

No caso do verbo *assistir*, o seu uso sem preposição está de tal forma disseminado que a mudança já se consagrou. Mesmo assim, em textos escritos mais formais, recomenda-se o uso da preposição. Essa é uma das áreas da língua em que se observa uma dificuldade maior para perceber a distância entre o uso oral e a norma padrão escrita. É também uma área difícil de ser padronizada: há um "padrão real" disseminado pelo uso escrito que contraria em muitos pontos o padrão normativo das gramáticas.

Vamos ver um verbete, do Dicionário Aurélio, que nos ajudará a entender como funciona a "gramática" dos dicionários:

Compartilhar. V.t.d. e t.d.e i. 1. Ter ou tomar parte em; participar de; partilhar. Compartilhar: Compartilhando a sorte do marido, com ele partiu para o degredo; Compartilha sua riqueza com os amigos. T. i. 2. Ter ou tomar parte; participar; compartilhar: compartilhar da alegria de alguém.

A prática constante da leitura e da escrita, no entanto, consegue desfazer as dúvidas mais frequentes, que logo deixam de ser dúvidas. Uma gramática, um bom dicionário, como o *Aurélio*, por exemplo, ou ainda, os dicionários especializados em regência verbal, como o *Dicionário prático de regência verbal*, de Celso Pedro Luft, podem ser uma boa ajuda para as dúvidas de regência.

Adaptado de:

(FARACO, Carlos Alberto, TEZZA, Cristovão. Oficina de texto. Petrópolis, RJ:vozes,2003,p.172-175)

Atividades de avaliação



- Que exemplo esclarece que
 - podemos compartilhar alguma coisa com alguém?
 - podemos compartilhar de algo de alguém?
- Para "sentir" a regência na prática, escreva frases empregando as palavras ou expressões (sempre acompanhadas de preposição!) que se seguem. Depois, com um bom dicionário ou com a sua gramática, confira os seus acertos de regência, tendo em vista a língua padrão.
 - ter acesso
 - simpatizar
 - obedecer
 - necessitar
 - ser amoroso
 - pagar
 - ter confiança
 - estar certo
- Observe o seguinte anúncio:

Deveria pagar IPTU



fonte: stock.xchng

O N E

Na frase do anúncio, o imposto (IPTU) é a coisa que se sugere pagar. Se quiséssemos identificar um beneficiário do pagamento, como essa informação poderia ser acrescentada à frase? Exemplifique.

4. Leia este outro anúncio:



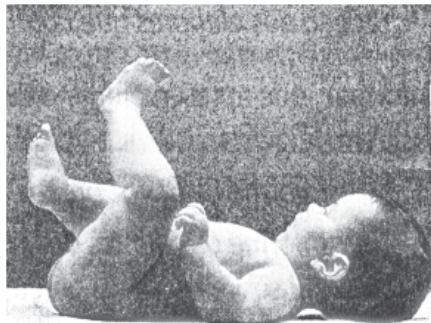
ALGUNS PARAPLÉGICOS
RECLAMAM DA CADEIRA.
EU PREFIRO PENSAR
NAS RODAS.

Observe a frase:

"Aprecio muito mais pensar nas rodas que reclamar da cadeira."

Tendo como base a língua padrão, reescreva a oração, substituindo o termo destacado pelo verbo **preferir**.

5. Veja: *"Lembra quando você começou a pedalar?"*



a) De acordo com a gramática normativa, o anúncio também poderia ser escrito da seguinte forma:

"Lembra-se de quando você começou a pedalar?"

Como podemos explicar a regência do verbo **lembrar** nos dois casos?

b) Pesquise: O que acontece com a regência do verbo **esquecer**? Comente.

Leituras, filmes e sites



Site

<http://www.soportugues.com.br/secoes/sint/sint61.php>

Livros

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário prático de regência verbal**. 8.ed. São Paulo: Ática, 2002.

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário prático de regência nominal**. 8ed. São Paulo: Ática, 2002.

Frutos de um trabalho minucioso do lexicógrafo Celso Pedro Luft, os dicionários de regência verbal e de regência nominal são obras de consulta indispensável para todos aqueles que necessitam escrever de acordo com as normas da variedade culta da língua portuguesa. Consultando os dicionários, é possível solucionar uma das dúvidas mais comuns dos falantes dessa língua: o emprego adequado da preposição depois do verbo ou do nome.

Referências



CEREJA, William R.; MAGALHÃES, Thereza C. **Gramática reflexiva: texto, semântica e interação**. São Paulo: Atual, 2005.

FARACO, Carlos Alberto, TEZZA, Cristovão. **Oficina de texto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

Parte

5

Acentuação e colocação pronominal

Introdução

A crase indica a fusão da preposição **a** com o artigo **a**: João voltou à (a preposição + **a** artigo) cidade natal. / Os documentos foram apresentados às (**a** prep. + **as** art.) autoridades. Dessa forma, não existe crase antes de palavra masculina: Vou a pé. / Andou a cavalo. Existe uma única exceção, que será explicada mais adiante.

1. Regras práticas

Primeira: Substitua a palavra antes da qual aparece o **a** ou **as** por um termo masculino. Se o **a** ou **as** se transformar em **ao** ou **aos**, existe crase; do contrário, não. Nos exemplos já citados: João voltou ao país natal. / Os documentos foram apresentados aos juízes. Outros exemplos: Atentas às modificações, as moças... (Atentos aos processos, os moços...) / Junto à parede (Junto ao muro).

No caso de nome geográfico ou de lugar, substitua o **a** ou **as** por **para**. Se o certo for **para a**, use a crase: Foi à França (foi para a França). / Irão à Colômbia (irão para a Colômbia). / Voltou a Curitiba (voltou para Curitiba, sem crase). Pode-se igualmente usar a forma **voltar de**: se o **de** se transformar em **da**, há crase: Retornou à Argentina (voltou da Argentina). / Foi a Roma (voltou de Roma).

Segunda: A combinação de algumas preposições com **a** (para a, na, da, pela e com a, principalmente) indica se o **a** ou **as** deve levar crase. Exemplos: Emprestou o livro à amiga (para a amiga). / Chegou à Espanha (da Espanha). / As visitas virão às 6 horas (pelas 6 horas). / Estava às portas da morte (nas portas). / À saída (na saída). / À falta de (na falta de, com a falta de).

2. Usa-se a crase ainda

Nas formas àquela, àquele, àquelas, àqueles, àquilo: Cheguei àquela (a + aquele) lugar. / Vou àquelas cidades. / Referiu-se àqueles livros. / Não deu importância àquilo.

Nas indicações de horas, desde que determinadas: Chegou às 8 horas, às 10 horas, à 1 hora. **Zero e meia** incluem-se na regra: O aumento entra em vigor à **zero** hora. / Veio à **meia-noite** em ponto. A indeterminação afasta a crase: Irá a uma hora qualquer.

Nas locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas como às pressas, às vezes, à risca, à noite, à direita, à esquerda, à frente, à maneira de, à moda de, à procura de, à mercê de, à custa de, à medida que, à proporção que, à força de, à espera de: Saiu às pressas. / Vive à custa do pai. / Estava à espera do irmão. / Sua tristeza aumentava à medida que os amigos partiam. / Serviu o filé à moda da casa.

Nas locuções que indicam meio ou instrumento e em outras nas quais a tradição linguística o exija, como à bala, à faca, à máquina, à chave, à vista, à venda, à toa, à tinta, à mão, à navalha, à espada, à baioneta calada, à queima-roupa, à fome (matar à fome): Morto à bala, à faca, à navalha. / Escrito à tinta, à mão, à máquina. / Pagamento à vista. / Produto à venda. / Andava à toa. Observação: Neste caso não se pode usar a regra prática de substituir a por ao.

Antes dos relativos que, qual e quais, quando o “a” ou “as” puderem ser substituídos por “ao” ou “aos”: Eis a moça à qual você se referiu (equivalente: eis o rapaz ao qual você se referiu). / Fez alusão às pesquisas às quais nos dedicamos (fez alusão aos trabalhos aos quais...). / É uma situação semelhante à que enfrentamos ontem (é um problema semelhante ao que...).

3. Não se usa a crase antes de

- **Palavra masculina:** andar a pé, pagamento a prazo, caminhadas a esmo, cheirar a suor, viajar a cavalo, vestir-se a caráter. Exceção. Existe a crase quando se pode subentender uma palavra feminina, especialmente moda e maneira, ou qualquer outra que determine um nome de empresa ou coisa: Salto à Luís XV (à moda de Luís XV). / Estilo à Machado de Assis (à maneira de). / Referiu-se à Apollo (à nave Apollo). / Dirigiu-se à (fragata) Gustavo Barroso. / Vou à (editora) Melhoramentos. / Fez alusão à (revista) Projeto.
- **Verbo:** Passou a ver. / Começou a fazer. / Pôs-se a falar.
- **Substantivos repetidos:** Cara a cara, frente a frente, gota a gota, de ponta a ponta.
- **Ela, esta e essa:** Pediram a ela que saísse. / Cheguei a esta conclusão. / Dedicou o livro a essa moça.
- **Outros pronomes que não admitem artigo,** como ninguém, alguém, toda, cada, tudo, você, alguma, qual, etc.

- **Formas de tratamento:** Escreverei a Vossa Excelência. / Recomendamos a Vossa Senhoria... / Pediram a Vossa Majestade...
- **Diante de palavras no plural:** Não damos ouvidos a reclamações. / Não me refiro a mulheres, mas a meninas.
- **Nomes de mulheres célebres:** Ele a comparou a Ana Néri. / Preferia Ingrid Bergman a Greta Garbo.
- **Dona e madame:** Deu o dinheiro a dona Maria. / Já se acostumou a madame Angélica. Exceção. Há crase se o dona ou o madame estiverem particularizados: Referia-se à Dona Flor dos dois maridos.

4. Locuções com e sem crase

- **Distância, desde que não determinada:** A polícia ficou a distância. / O navio estava a distância. Quando se define a distância, existe crase: O navio estava à distância de 500 metros do cais. / A polícia ficou à distância de seis metros dos manifestantes.
- **Terra, quando a palavra significa terra firme:** O navio estava chegando a terra. / O marinheiro foi a terra. (Não há artigo com outras preposições: Viajou por terra. / Esteve em terra.) Nos demais significados da palavra, usa-se a crase: Voltou à terra natal. / Os astronautas regressaram à Terra.
- **Casa, considerada como o lugar onde se mora:** Voltou a casa. / Chegou cedo a casa. (Veio de casa, voltou para casa, sem artigo.) Se a palavra estiver determinada, existe crase: Voltou à casa dos pais. / Iremos à Casa da Moeda. / Fez uma visita à Casa Branca.

5. Uso facultativo

- **Antes do possessivo:** Levou a encomenda a sua (ou à sua) tia. / Não fez menção a nossa empresa (ou à nossa empresa). Na maior parte dos casos, a crase dá clareza a este tipo de oração.
- **Antes de nomes de mulheres:** Declarou-se a Joana (ou à Joana). Em geral, se a pessoa for íntima de quem fala, usa-se a crase; caso contrário, não.
- **Depois da preposição até:** Foi até a porta (ou até à). / Até a volta (ou até à). No Estado, porém, escreva até a, sem crase.

Atividades de avaliação



1. Reescreva as frases, substituindo o destaque pela indicação entre parênteses e observando a necessidade de se empregar, ou não, o sinal de crase.
 - a) Amanhã iremos a um **baile** no clube. (comemoração)
 - b) A corrida de Fórmula I começará ao **meio-dia**. (onze horas)
 - c) O prédio ficava ao **lado** do clube. (direita)
 - d) Ele nunca **leu** aquele regulamento. (obedeceu)
 - e) A cidade a qual **visitei** é muito bonita (irei)
 - f) A maioria das pessoas prefere o futebol ao **tênis**. (natação)
2. Justifique a presença ou a ausência da crase nas frases abaixo:
 - a) No final da tarde, começou **a** chover.
 - b) Todo país estava **à** espera de novas notícias sobre a crise financeira.
 - c) Os dois lutadores ficaram frente **a** frente.
 - d) O documento fazia referência **a** pessoas muito conhecidas.
 - e) Voltei **à** casa de meus pais
 - f) Os pescadores voltaram a terra, após longas noites no mar.
3. Marque as frases em que a crase foi empregada incorretamente. Em seguida, justifique o emprego indevido do acento grave nessas frases.
 - a) () Maria fez aniversário. Dei um presente à ela.
 - b) () Você não sabe o caminho, por isso peça ajuda àquele senhor.
 - c) () Ela se pôs à chorar.
 - d) () Pagamento à vista tem desconto.
 - e) () O avião decola às quinze horas.
 - f) () Irei à Lisboa.
 - g) () Perdi uma caneta semelhante à sua.
 - h) () À este menino dei uma maçã; àquele, uma pêra.
 - i) () Refiro-me à filha de Maria, e não à de Lúcia.
 - j) () Podemos ir à vontade para o passeio.
 - l) () O remédio deveria ser ingerido gota à gota.
 - p) () O metrô sai à uma da tarde.
 - q) () Os caminhões chocaram-se devido à neblina.
 - r) () Não vou à festas.

Leituras, filmes e sites



<http://www.brasilecola.com/gramática/crase.htm>

<http://www.cursoderedacao.com>

Referências



CEREJA, William R.; MAGALHÃES, Thereza C. **Gramática reflexiva: texto, semântica e interação**. São Paulo: Atual, 2005.

NETO, Pasquale, INFANTE, Ulisses. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 1998.

Acentuação gráfica

As palavras da língua portuguesa, quando pronunciadas, recebem sempre o acento tônico em alguma sílaba; porém nem todas recebem um acento gráfico. Na verdade, as recomendações partem do princípio de que devem ser acentuadas apenas aquelas palavras que podem gerar algum equívoco na pronúncia; por isso, a maioria não recebe o acento gráfico.

Algo que precisa ficar muito claro desde o início, quando estudamos as regras de acentuação, é a seguinte informação: **em português, o acento gráfico não está relacionado à morfologia, à origem do vocábulo, mas sim à marcação de tonicidade de algumas sílabas**. Para que isso fique bem claro, vejamos um exemplo.

Eu tenho consciência de que não posso pescar na prova. Mas meu namorado não é tão consciente assim.

Observe que os dois vocábulos têm o mesmo radical e a mesma tonicidade – ambos são paroxítonos. Contudo, um recebe acento, outro não. Por que isso acontece? Porque o uso do acento gráfico está relacionado com as regras de tonicidade (que são diferentes para os dois vocábulos em questão), e não com a forma do vocábulo. A palavra *consciência* é acentuada porque se trata de uma paroxítona que termina em ditongo oral crescente; a palavra *consciente* não é acentuada porque se trata de uma paroxítona terminada em e. Pode-se perceber, então, que o uso do acento gráfico depende de regras sobre como marcar a tonicidade da sílaba.

Agora é sua vez. Veja o exemplo a seguir e decida se a palavra sublinhada está corretamente grafada.

O argumento para que eu não pesque em provas me parece lógico. Mas, para a minha namorada, *logicamente* que ele não vale.

Vejamos, agora, as regras de acentuação gráfica, de acordo com o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

1. Monossílabos

Recebem acento agudo ou circunflexo os monossílabos tônicos terminados em:

- **a, as:** *já, pá, más (adjetivo);*
- **e, es:** *fê, pés, dê (verbo), mês;*
- **o, os:** *dó, nós (pronome reto), pôs (verbo).*

Observações:

- a) Com base nesta regra, acentuam-se as formas verbais *dá-lo, lê-lo, pô-lo*.
- b) Recebe acento circunflexo a 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos **ter** e **vir**: *eles têm, eles vêm*.
- c) Os monossílabos com terminação **em** e **ens** não são acentuados: *cem, tem* (3ª pessoa do singular), *tens*.

2. Oxítonos

Recebe acento agudo ou circunflexo a sílaba tônica dos vocábulos oxítonos terminados em:

- **a, as:** *jacá, maracujás;*
- **e, es:** *rapé, cafés, cortês;*
- **o, os:** *cipó, avós, avô, propôs;*
- **em, ens:** *além, armazéns.*

Observações

- a) Incluem-se nesta regra as formas verbais *amá-lo, perdê-los, repô-los etc.*
- b) Recebem acento agudo ou circunflexo os compostos dos verbos **ter** e **vir**: *ele contém, ele intervém, eles contêm, eles intervêm etc.*
- c) Os pronomes oblíquos *o, a, os, as* assumem a forma *lo, la, los, las* quando são colocados após um verbo no infinitivo (terminação – r). O verbo, por sua vez, perde a terminação – r e passa a ser acentuado como qualquer outra palavra.

Por exemplo: *matar + o = matá-lo* (oxítônica terminada em – a), *repor + a = repô-la* (oxítônica terminada em – o).

3. Paroxítonos

Recebe acento agudo ou circunflexo a sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos terminados em:

- **ã, ãs, ão, ãos:** *irmã, órfãs, órgão, órfãos;*
- **i, is, us:** *júri, lápis, bônus;*
- **l, n, r, x, ps:** *túnel, hífen, próton, caráter, fênix, bíceps;*
- **um, uns:** *álbum, médiums;*
- **ditongos orais átonos e crescentes:** *jóquei, túneis, régua, tênue, história.*

Observações

- a) Os prefixos paroxítonos terminados em *i* ou *r* não são acentuados: *semi-histórico, super-homem, anti-higiênico etc.*
- b) Não se acentuam os vocábulos paroxítonos com terminação *–ens*: *nuvens, itens, hifens.*

4. Proparoxítonos

Recebe acento agudo ou circunflexo a sílaba tônica de **todos** os vocábulos proparoxítonos: *máquina, lógico, flácidas, pássaros, príncipes etc.*

5. Ditongos abertos

Recebem acento agudo os ditongos abertos **éi, ói** e **éu** dos vocábulos monossílabos e oxítonos.

- **éi, ói:** *anéis, anzóis, herói;*
- **eu:** *céu, chapéu, troféu.*

Observação: O novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa suprimiu o acento dos ditongos **ei** e **oi** em palavras paroxítonas:

Como era: *assembléia, heróico;*

Como fica: *assembleia, heroico.*

6. Hiatos

Recebem acento agudo o *i* e o *u* tônicos que, sozinhos ou acompanhados de *s*, formam hiato com a vogal anterior.

Por exemplo: *jataí (ja-ta-í), egoísta (e-go-ís-ta), baú (ba-ú), raízes (ra-í-zes) etc.*

- **Como era:** *Quando meu chefe briga comigo, eu me pêlo de medo e meu pêlo fica todo arrepiado; dá vontade de atravessar pelo portão.*
- **Como fica:** *Quando meu chefe briga comigo, eu me pelo de medo e meu pelo fica todo arrepiado; dá vontade de atravessar pelo portão.*

8. Outras recomendações sobre acentuação decorrentes do AOLP

- a) Não se acentuam as formas verbais com ee e os substantivos e formas verbais com oo.

Como era: *crêem, dêem, lêem vêem*

Como fica: *creem, deem, leem veem*

Como era: *enjôo, vôo*

Como fica: *enjoo, voo*

- b) Não se acentuam os grupos *gue, gui e que*.

Como era: *argúi, averigúe, apazigúe, obliqúe, argúem, averigúem, apazigúem, obliqúem etc.*

Como fica: *argui, averigue, apazigue, oblique, arguem, averiguem, apaziguem, obliquem etc.*

- c) Não se utiliza mais o trema.

Como era: *agüentar, conseqüência, lingüístico, ambigüidade.*

Como fica: *aguentar, consequência, linguístico, ambiguidade.*

9. Sobre os usos do hífen

As recomendações sobre os usos do hífen são muitas, o que demanda um grande esforço de memorização. Recomenda-se que, sempre que possível, o usuário consulte os manuais gramaticais em caso de dúvida. Ainda assim, é possível aprender facilmente três regras úteis:

- 1) Usa-se o hífen se o primeiro elemento termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento.

Exemplos: *micro-onda, contra-almirante.*

Exceção: prefixo *co* + palavras que começam com *o* (*coordenar, cooperar, cooptar*).

- 2) Não se usa o hífen nas formações em que o primeiro elemento termina em vogal e o segundo elemento começa por *r* ou *s*, sendo que essas consoantes são duplicadas.

Exemplos: *contrarregra, ultrassonografia.*

3) Não se usa o hífen nas formações em que o primeiro elemento termina em vogal se o segundo elemento começa por vogal diferente.

Exemplos: *autoavaliação; hidroelétrica.*

10. Uso de minúsculas

a) Dias da semana, meses, estações do ano e pontos cardeais.

Exemplos: *domingo, janeiro, verão, norte.*

b) Axiônimos

Exemplos: *irmã Lucila, doutor Bosco, presidente Lula.*

Observação: o axiônimo santo permite o uso de letra maiúscula (*santo Agostinho ou Santo Agostinho*)

11. Uso de maiúsculas

• Instituições

Exemplos: *Colégio Nossa Senhora das Graças, Universidade Estadual do Ceará.*

• Festas e festividades

Exemplos: *Natal, Páscoa.*

• Títulos de periódicos

Exemplos: *O Povo, Diário do Nordeste, Ciência Hoje.*

• Regiões

Exemplos: *Região Norte do Brasil, o Ocidente.*

12. Uso facultativo de maiúscula e minúscula

• Áreas do saber

Exemplos: *teologia ou Teologia, medicina ou Medicina*

• Títulos de obras impressas

Exemplos: *O mundo de Sofia ou O Mundo de Sofia*

• Categorização de logradouro público

Exemplos: *rua Monsenhor Otávio de Castro ou Rua Monsenhor Otávio de Castro; igreja de Fátima ou Igreja de Fátima.*

Atividades de avaliação



1. Leia a reportagem a seguir.

Modelo ameaçado

A rádio online Last.fm passará a cobrar mensalidade

01 Os internautas se acostumaram a desfrutar gratuitamente de
02 uma série de serviços. Quem arca com os custos é a publicidade
03 nos sites. Mas esse modelo de negócio sofreu sério abalo na
04 semana passada. A rádio online Last.fm anunciou que cobrará
05 dos usuários uma mensalidade equivalente a 3 euros.
06 Ainda não se sabe quando a taxa começará a ser cobrada.
07 Uma degustação de 30 faixas gratuitas continuará disponível.
08 Com isso, espera-se, os ouvintes se sentirão estimulados a
09 desembolsar a mensalidade para continuar a ouvir a rádio.
10 Somente Estados Unidos, Reino Unido e Alemanha não sofrerão
11 alteração em seu uso – ou seja, a rádio continuará a ter uso livre.
12 Nos demais países, os ouvintes pagarão pelas músicas, mas não
13 pelos demais serviços, como biografias, vídeos, paradas de
14 sucesso etc. O blog da rádio explica o motivo: as mensalidades
15 irão compensar a falta de anúncios nesses países.

Fonte: Revista da Semana, 02/04/2009

Justifique a acentuação gráfica dos vocábulos destacados nos trechos abaixo:

- a) “Os internautas se acostumaram a desfrutar gratuitamente de uma **série** de serviços” (linhas 01-02).
- b) “Quem arca com os custos **é** a publicidade nos sites” (linhas 02-03).
- c) “Ainda não se sabe quando a taxa **começará** a ser cobrada” (linha 06).
- d) “Uma degustação de 30 faixas gratuitas continuará **disponível**” (linha 07).
- e) “Nos demais países, os ouvintes pagarão pelas **músicas**” (linha 12).
- f) “as mensalidades irão compensar a falta de anúncios nesses países” (linhas 15).

2. Explique a ausência de acentos nos vocábulos em destaque a seguir.

- a) “Mas esse modelo de negócio **sofreu** sério abalo na semana passada” (linhas 03-04).
- b) “Ainda não se sabe quando a taxa começará a **ser** cobrada” (linha 06).

- c) "Uma degustação de 30 faixas **gratuitas** continuará disponível" (linhas 04).
- d) "Somente Estados Unidos, Reino Unido e Alemanha não sofrerão **alteração** em seu uso" (linhas 10-11).
3. O acento gráfico de algumas palavras do texto a seguir foi omitido. Descubra essas palavras e acentue-as de acordo com a norma padrão.

Como se escreve em japonês no computador

Karen Tada

Um japonês de vocabulário médio reconhece e utiliza no dia-a-dia cerca de 2 mil ideogramas kanji. Mas, para digitar no computador, eles não precisam de milhares de teclas: bastam as 26 letras do nosso alfabeto. Em um computador habilitado, o sujeito vai teclando letras ocidentais. Conforme elas formam sons que significam alguma coisa em japonês, o programa apresenta sugestões de ideogramas que devem significar o que a pessoa quer dizer.

A lista de opções pode ser extensa, porque muitas palavras tem o mesmo som. Por exemplo, o fonema "shi" e o mesmo para "4", "morte", "poesia", "cidade", entre outros. Além disso, um kanji costuma ter mais de um jeito de ser pronunciado: o de "4" também pode ser lido como "yon" ou "yo".

Complicado? Não é tanto assim, até porque o software lista primeiro o ideograma mais comum e as combinações mais prováveis – como alguns celulares que vão completando o torpedo. Difícil era antes do computador: a máquina de escrever nunca chegou a pegar no Japão. A comunicação escrita era à mão mesmo.

Fonte: Revista *Superinteressante*, fevereiro de 2009

4. As palavras abaixo estão corretamente acentuadas. Justifique o acento gráfico de cada uma delas, consultando, se necessário, as regras de acentuação.
- a) *igarapé*
- b) *possível*
- c) *ruído*
- d) *boêmia*
- e) *lêvedo*
- f) *biquínis*
- g) *lençóis*
5. Em cada sequência abaixo, apenas uma palavra deve receber acento gráfico. Identifique-a e explique por que ela deve ser acentuada.
- a) *Bauru, funil, bainha, virus, jacarezinho, juiz.*
- b) *por* (preposição), *funil*, *inicio* (verbo), *anzoizinhos*, *tenis*, *para* (preposição).
6. Quanto à palavra **gratuito**, pode-se afirmar corretamente que:
- a) a vogal tônica é o *i*.
- b) sua divisão silábica é *gra-tu-ito*.

- c) deveria ter acento porque o *i* é tônico e forma hiato.
- d) não deve receber acento gráfico, a vogal tônica é o *u* e sua divisão silábica é *gra-tui-to*.
- e) deve receber acento gráfico no *i*, pois ele é a segunda vogal do hiato, sozinho na sílaba e não seguido de *nh*.
7. São acentuadas pela mesma razão as palavras da opção:
- a) *há, até, atrás*.
- b) *após, sós, nós*.
- c) *está, até, você*.
- e) *história, ágeis, você*.
- f) *ordinário, apólogo, insuportável*.
8. Assinale a opção em que uma das palavras necessita de acento gráfico.
- a) *caju, raiz, miolo*.
- b) *nuvem, canjica, mesa*.
- c) *atraiu, campainha, fogo*.
- d) *moeda, jovem, casulo*.
- e) *reporter, terno, afeto*.
9. Assinale a opção que apresenta palavras que devem ser acentuadas pela mesma regra.
- a) *tres, fez, pos, so*.
- b) *Raul, sauva, viuvo, ruído*.
- c) *influência, dai, juizes, vandalo*.
- d) *vintens, mantem, trem, vaivens*.
- e) *antifrase, bavaro, estereotipo, miope*.
10. Identifique a alternativa em que pelo menos um elemento não se classifica, quanto à tonicidade, como os demais.
- a) *daí, ancião, ninguém, sofá, perceber*.
- b) *página, fotógrafo, lágrimas, pálida*.
- c) *avoenga, tetraneta, história, cavanhaque*.
- d) *luto, escuta, juramentos, soalho, neve*.
- e) *por, da, que, um, fez*.
11. Está corretamente acentuado o vocábulo destacado em:
- a) Preencheu vinte linhas de quê?
- b) Convêm que tomemos cuidado com a televisão.

- c) Não souberam explicar por quê ele desligou o aparelho.
- d) Cuidado para não agredí-lo.
- e) Ele não têm cuidado com o computador.
12. Reúna as palavras que estão nos parênteses, observando a exigência do hífen ou não, para completar as lacunas abaixo.
- a) O ministro fez uma declaração _____ sobre o novo plano econômico. (extra + oficial)
- b) O médico não havia feito nenhuma _____ do medicamento. (contra + indicação)
- c) Já havia tomado um _____ quando descobriu que era alérgico àquela droga. (anti + inflamatório)
- d) Sempre foi chamado pelos familiares de _____. (anti + social)
- e) Não gostava quando sua namorada usava aquela _____. (mini + saia)
- f) Era considerado por todos da academia um _____. (ultra + romântico)
- g) Fazia um esforço _____ para conviver com toda aquela hipocrisia. (sobre + humano)
- h) Ele vivia em condição _____. (sub + humana)
- i) O clima em minha casa estava _____. (super + hostil)
- j) Trata-se de um problema _____ que já deveria ter sido resolvido. (inter + racial)

Leituras, filmes e sites



http://www.abril.com.br/arquivo/acordo_ortografico.pdf

Referências



Acordo ortográfico da língua portuguesa. Disponível em: http://www.abril.com.br/arquivo/acordo_ortografico.pdf. Acesso em 5 fev. 2009.

Guia do acordo ortográfico. São Paulo: Moderna, 2008.

BECHARA, Evanildo. **O que muda com o novo Acordo Ortográfico**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TUFANO, Douglas. **Guia prático da nova ortografia**. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

Colocação pronominal

Introdução

Colocação pronominal é a parte da gramática que trata da colocação dos pronomes oblíquos átonos na frase, de acordo com o que dita a gramática normativa. Embora na linguagem falada a colocação dos pronomes não seja rigorosamente seguida, algumas normas devem ser observadas sobretudo na linguagem escrita.

1. Próclise

Empregamos a **próclise**, quando colocamos o pronome antes do verbo. A próclise deve ser usada:

1) Quando o verbo estiver precedido de palavras que atraem o pronome para antes do verbo. São elas:

a) Palavra de sentido negativo: não, nunca, ninguém, jamais, etc.

Ex.: Não se esqueça de mim.

b) Advérbios.

Ex.: Agora se negam a depor.

c) Conjunções subordinativas.

Ex.: Soube **que** me negariam.

d) Pronomes relativos.

Ex.: Identificaram duas pessoas **que** se encontravam desaparecidas.

e) Pronomes indefinidos.

Ex.: Poucos te deram a oportunidade.

f) Pronomes demonstrativos.

Ex.: **Disso** me acusaram, mas sem provas.

2) Orações iniciadas por palavras interrogativas.

Ex.: **Quem** te fez a encomenda?

3) Orações iniciadas por palavras exclamativas.

Ex.: **Quanto** se ofendem por nada!

4) Orações que exprimem desejo (orações optativas).

Ex.: Que Deus o ajude

2. Mesóclise

A **mesóclise**, colocação pronominal no meio do verbo, está praticamente em desuso no português contemporâneo, mesmo o culto. Costumamos encontrar mesóclise em alguns gêneros que a conservam praticamente como uma estrutura fixa, como em convites de casamento, por exemplo. Assim temos:

Ex.: A cerimônia **realizar-se-á** às 19 horas.

A mesóclise é empregada diante de verbo no futuro do presente ou futuro do pretérito, desde que esses verbos não estejam precedidos de palavras que exijam a próclise.

3. Ênclise

Já a **ênclise**, colocação pronominal depois do verbo, é empregada quando a próclise (e a mesóclise, se for o caso) não for possível. Assim, empregamos a ênclise:

1) Quando o verbo estiver no imperativo afirmativo.

Ex.: Quando eu avisar, silenciem-se todos.

2) Quando o verbo estiver no infinitivo impessoal.

Ex.: Não era minha intenção machucar-te.

3) Quando o verbo iniciar a oração.

Ex.: Vou-me embora agora mesmo.

4) Quando houver pausa antes do verbo.

Ex.: Se eu ganho na loteria, mudo-me hoje mesmo.

5) Quando o verbo estiver no gerúndio.

Ex.: Recusou a proposta fazendo-se de desentendida.

O pronome oblíquo em começo de frase

Ainda não aceita na linguagem culta formal, a colocação do pronome átono em início de frase é permitida na linguagem informal e nos diálogos – pode ser “proibida”, mas não é inviável, portanto. Celso Cunha e Lindley Cintra, na Nova

Gramática do Português Contemporâneo (1985, p. 307), observam que essa possibilidade - especialmente com a forma *me* - é característica do português do Brasil e também do português falado nas repúblicas africanas. E citam exemplos de Érico Veríssimo e Luandino Vieira, respectivamente:

Me desculpe se falei demais. (E.V.)

Me arrepio todo... (L.V.)

E já escrevia Mário de Andrade, em "Turista Aprendiz": **Se sente que o dia vai sair por detrás do mato.** Em todo caso, deve-se evitar o uso do pronome "se" no começo da frase porque ele pode induzir o leitor a pensar que se trata da conjunção condicional *se*.

Atividades de avaliação



1. Reescreva as frases abaixo, colocando na posição adequada os pronomes oblíquos dos parênteses. Em seguida, justifique o emprego do pronome nessa posição:

a) Eles jamais apoiaram. (te)

Justificativa: _____

b) Definirão brevemente os classificados da Olimpíada de Língua Portuguesa. (se)

Justificativa: _____

c) Brevemente definirão os finalistas do campeonato. (se)

Justificativa: _____

d) Temos certeza de que acusaram injustamente. (nos)

Justificativa: _____

e) Essas são as pessoas com as quais encontrei. (me)

Justificativa: _____

f) Revoltou contra todos. (se)

Justificativa: _____

g) Por favor, diga que estou aqui. (lhe)

Justificativa: _____

2. Indique as frases em que o pronome está colocado em desacordo com a variedade culta. Em seguida, reescreva-as, adequando a colocação pronominal a essa variedade.

- a) () Nunca soubemos quem roubava-nos.
- b) () Pouco se sabe sobre o rompimento do noivado deles.
- c) () Que Deus acompanhe-te nas tuas caminhadas.
- d) () Agora, se ajeite e entre no carro sem chamar atenção.
- e) () Depois me convenci de que eles sempre enganaram-me.
- f) () Contaria-me tudo o que disse, se eu pedisse para fazê-lo.
- g) () Meu noiva havia contado-me que ele jamais se insinuou para ela.
- h) () Em se tratando de traição, posso falar abertamente sobre isso.
- i) () Me levantei assim que ele chegou com as cartas na mão.
- j) () Para se desculpar, enviou à noiva uma caixa de bombons.

3. Reescreva as frases abaixo, fazendo as alterações indicadas e observando a possível mudança da posição do pronome oblíquo.

- a) Preocupem-se com os seus problemas.
Passe para a forma negativa.
- b) Agora, contem-me toda a verdade sobre o romance deles na minha ausência.
Elimine a vírgula.
- c) Entreguei-lhe todas as cartas que me escreveu quando estava fora.
Troque **Entreguei** por **Entregarei**
- d) Conversei com o noivo. O noivo queixou-se da traição.
Reúna as duas frases usando o pronome relativo **que**.
- e) Aquilo me assustou bastante.
Coloque a palavra **Aquilo** no final da frase.
- f) Encontrar-te-ia ainda no mesmo lugar?
Coloque a palavra **ainda** no início da frase.
- g) Considerá-lo-iam culpado pelo rompimento do noivado.
Coloque na forma negativa.
- h) Dizendo-nos a verdade, nós te apoiaremos.
Desenvolva a oração reduzida.

4. Reescreva as frases, empregando a colocação pronominal de acordo com a variedade culta e justifique a correção.

- a) Jamais enganar dessa maneira.
- b) Sempre, me alertaram sobre a amizade dos dois.

- c) Ali solucionaram-se todas as minhas desconfianças.
- d) Alguém convenceu-me de que tudo eram fantasias.
- e) Quando encontrei-te na calçada conversando com Mauro, não desconfiei de nada.
- f) Te devolverei todas as cartas falsas que recebi.
5. Coloque (PA) para as frases em que o pronome foi empregado segundo a norma padrão e (NP) para as frases em que o pronome foi empregado segundo a norma não padrão:
- a) () Eu sinto que me dediquei-me à profissão certa.
- b) () Os filhos se esquecem dos pais, quando envelhecem.
- c) () Me preparei para a prova.
- d) () Traga-me um copo d'água.
- e) () Todos assustaram-se com o estrondo.
- f) () Estou lhe enviando a ficha de inscrição.
- g) () Eles não arrependem-se do que disseram-me.
- h) () Os homens que o procuraram estavam nervosos.
- i) () Esta ideia me foi surgindo como uma salvação.
- j) () Maria pareceu comprometer-se com aquele sorriso.
- k) () Os ingressos haviam esgotado-se dois dias antes do show.
- l) () Jamais nos deixou sair sozinha.
- m) () Ter um desejo e poder realizá-lo é muito bom.
- n) () Seus amigos estavam preparando-lhe uma festa surpresa.
- o) () Enquanto estiverem queixando-se injustamente, nada faremos para mudar a equipe.
- p) () Alguém me informará o horário da consulta?
- q) () Conceder-nos-ia alguns minutos, caro senhor?
- r) () Os sonhos o motivarão a buscar novas conquistas.
- s) () A lua tinha-se escondido atrás das nuvens.
- t) () Em se tratando de amigos, não sei por onde andam os meus.
- u) () Deus perdoe-lhe estas palavras!
- v) () Hoje, nos alegramos com tantas conquistas.
- w) () Ou te escreves no concurso, ou te esqueces do prêmio.
- x) () A resposta que deram-nos era esperada.
- y) () Aproximou da banca de jornal, bastante surpreso com a foto.
- z) () As vítimas haviam pedido-lhes ajuda.

Referências



BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CEREJA, William R.; MAGALHÃES, Thereza C. **Gramática reflexiva: texto, semântica e interação**. São Paulo: Atual, 1999.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. São Paulo: Nova Fronteira, 1985.

Parte

6

**Construção e produção
de textos**

Produção de texto: imposições do gênero

Introdução

Quando as situações comunicativas são mediadas pela escrita, o escritor precisa saber lidar com parâmetros de organização textual relativos a cada gênero, para distribuir as informações no seu texto de acordo com esses parâmetros e com convenções que reconhece como sendo daquele gênero e que, muito provavelmente, serão reconhecidos pela sua audiência potencial.

Inevitavelmente, a escolha de um gênero é determinada pelas instâncias sociais de uso, que envolvem as necessidades imediatas dos interlocutores, os objetivos e efeitos pretendidos pelo locutor e as convenções que regulam cada esfera comunicativa.

Assim, o gênero do discurso é o próprio discurso buscando adequar-se aos contextos, facilitando o trabalho tanto de quem escreve ou fala quanto de quem ouve ou lê.

O gênero do discurso não é questão apenas de forma de um texto. Assim como o suporte ou meio de difusão influi na organização textual, no estilo, no tamanho, e na seleção vocabular, também o gênero adotado, conforme a situação, finalidade, interlocutores e suporte, é elemento que está incluído no próprio texto, na sua estrutura.

A imagem dos interlocutores, do *midium* e da situação a que se destina o texto é que delimitam a sua organização. Dessa forma, se o autor sabe que deverá dirigir-se ao povo, em geral, de qualquer nível de cultura, com uma informação específica, fará com certeza, um panfleto, em linguagem acessível e clara. Se for mandar um texto para revista científica, usará uma linguagem objetiva, na terceira pessoa e fará citações, conforme as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e o número de páginas será entre 5 e 12 páginas. Os jornais também têm suas normas de redação, tanto que as publicam, em forma de livros, destinados aos jornalistas a eles vinculados. Podemos citar como exemplo *O Globo – Manual de Redação e Estilo* e *O Estado de São Paulo – Manual de Redação e Estilo*.

Quando o ouvinte ou leitor conhece um gênero, compreende-o com facilidade. Mas, se ainda não o conhece, enche-se de dúvidas. É o que ocorre, por exemplo, quando uma pessoa com baixa escolaridade precisa assinar um contrato. A estrutura e a linguagem desse documento amedrontam-na, parecendo-lhe que pode estar sendo lesada.

Quem não conhece a estrutura de uma ata, nem seu valor jurídico, pode assiná-la sem a ler, sem se inteirar do que está escrito. E assim por diante. É por isso que o domínio da língua precisa estar ligado aos procedimentos pragmáticos, às situações da enunciação.

A literatura sempre se preocupou com a questão dos gêneros, mas a linguagem burocrática da correspondência comercial e da redação oficial também os consagrou, na prática.

Aprender os gêneros e sua situação de uso, vivenciá-los na prática, é, portanto, uma questão, tanto social quanto linguística. Para cada situação social há um gênero adequado. Esses gêneros vão-se alterando aos poucos, atualizando-se conforme a época.

1. O gênero Ofício

Ofício é uma modalidade de comunicação escrita oficial, que tem como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e com particulares.

Sendo um gênero da escrita oficial, exige o emprego da variedade culta da língua.

1.1 Diagramação

Quanto à diagramação, obedece à seguinte forma de apresentação:

- Papel A4 (com o timbre do órgão expedidor)
- Margens:
 - Superior: 5 cm
 - Esquerda: 3 cm
 - Direita: 1,5 cm
- Fonte: Times New Roman, tamanho 12
- Margem do parágrafo: 2,5 cm
- Espaçamento entre linhas: 1 cm (simples)
- Espaçamento entre parágrafos: 6 pt (ou duplo)

Entende-se por gênero textual a forma que cada texto assume ao ser materializado. Essas formas são de certo modo estáveis, posto serem convencionadas e aceitas pela comunidade em que circulam tais textos. Assim, são exemplos de gêneros textuais (ou gêneros do discurso), a carta, o ofício, o relatório, a notícia, a crônica, a fábula, o artigo de opinião, a bula, a receita, entre tantos outros.

1.2 Forma

Quanto à forma, segue um modelo padrão e apresenta a seguinte estrutura:

- Identificação: tipo e número do expediente, seguido da sigla do órgão que o expede (A)
- Local e data (B)
- Cabeçalho (C)
- Assunto (D)
- Destinatário (E)
- Corpo do texto (F)
- Fecho (G)
- Assinatura/identificação do signatário (H)

MODELO

(Timbre do Órgão)

Ofício 123/2009-MF (A)

Fortaleza, 18 de maio de 2009. (B)

A Sua Senhoria o Senhor

JOSÉ DA SILVA

Diretor de Assuntos Aleatórios

Fortaleza – CE (C)

Assunto: **Pleito de doação de computadores**

Senhor Diretor, (E)

Em resposta ao Ofício nº 214/2009 por meio do qual Vossa Senhoria solicita doação de computadores com vistas a apoiar trabalhos sociais desenvolvidos por essa empresa, informamos que o Banco do Nordeste não poderá atender o pleito em questão, uma vez que não dispõe de verba destinada para esse fim. (F)

Atenciosamente, (G)

ROBÉRIO GRESS DO VALE

Chefe do Gabinete da Presidência (H)

2. Outros gêneros textuais

2.1. Memorando (comunicação interna); segue o padrão ofício

Especificidade: o destinatário é mencionado pelo cargo que ocupa.

Exemplo: *Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração*

2.2. Convite

Limita-se a dizer o essencial, ou seja:

- Nome do órgão, instituição ou pessoa(s) que convida(m);
- Formulação do convite;
- Nome do(s) convidados(s);
- Indicação do evento;
- Dia, hora e local em que o evento ocorrerá

Veja o modelo.

Convite

Dando continuidade às ações do Programa Regional de Desenvolvimento da Apicultura - NordesteMel,
o Banco do Nordeste (A) tem a honra de convidar (B) <TRATAMENTO> (C)
para participar do Seminário Regional
“O POTENCIAL DA APICULTURA ORGÂNICA DO NORDESTE”, (D)
que será realizado no miniauditório do Centro de Treinamento do
Banco do Nordeste, situado à Av. Paranjana, nº 5.700, no bairro Passaré, em
Fortaleza, a partir das 9 horas do dia 18 de maio de 2009, (E)
conforme programação anexa.

Favor confirmar participação pelo:

Fone: (85)3439.3025/3096

Fax: (85) 3439.3674

3. Meios de envio

Correio (convencional)

Fax (para mensagens urgentes): Os documentos enviados por fax mantêm a forma e a estrutura que lhes são próprias.

O documento principal é acompanhado de pequeno formulário com dados de identificação da mensagem a ser enviada

Exemplo:

Número do Fax: (61)

Data:

Número de Páginas: Esta

Número do Documento:

**Se não receber de forma clara e legível, gentileza ligar para
(85) 3299.3053**

Correio eletrônico: Ainda que não tenha forma rígida para a sua estrutura, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial

4. A linguagem nos escritos oficiais

Por seu caráter público e impessoal e por sua finalidade, os expedientes oficiais (escritos) requerem, portanto, o uso da variedade culta da língua, manifesta em:

- Obediência às regras da gramática formal.
- Emprego de vocabulário adequado.

Importante:

- Variedade culta não é sinônimo de rebuscamento, preciosismo linguístico. Nem significa apelo a jargão burocrático.
- A simplicidade (que não deve ser confundida com pobreza e inabilidade linguística) não impede a formalidade de tratamento.

Referências



GARCEZ, Lucília H. do C. **Técnica de redação**: o que é preciso saber para bem escrever. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MEDEIROS, J. Bosco. **Correspondência** – técnicas de comunicação criativa. São Paulo: Atlas, 1999.

PEIXOTO, F. Balthar. **Redação na vida profissional** – setores público e privado. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Produção de texto: a escrita como processo

Introdução

A habilidade de escrever pode ser adquirida com a prática por meio do *estudo* e do *trabalho sistematizado*. Não se pode mais aceitar a ideia de que escrever seja um simples resultado de um momento de inspiração, mas que, todo texto deve ser o produto de um processo que envolve várias operações elementares: gerar e organizar ideias; preparar um roteiro, um plano; associar cada ideia a um parágrafo; e por último, revisar e reescrever o próprio texto.

Mas, o que faz a diferença entre um texto, que é reconhecido como tal, e um não-texto?

Para responder a essa pergunta, recorreremos à noção de textualidade, que, segundo Beaugrande e Dressler (*apud* COSTA VAL, 1994, p. 5) é o “conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto e não apenas uma sequência de frases”. Os autores apontam sete fatores responsáveis pela textualidade do discurso: coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade e informatividade.

1. Sete fatores de textualidade

Um texto, a fim de ser bem compreendido, necessita ser avaliado sob três aspectos: o semântico-conceitual, de que depende a coerência; o formal, que diz respeito à coesão; e o pragmático, que tem a ver com seu funcionamento enquanto atuação informacional e comunicativa.

A **coerência** “resulta da configuração que assumem os conceitos e relações subjacentes à superfície textual. É considerada o fator fundamental da textualidade porque é responsável pelo sentido do texto. Envolve não só aspectos lógicos e semânticos, mas também cognitivos, na medida em que depende do partilhar de conhecimentos entre os interlocutores” (COSTA VAL, 1994, p.5).

Costa Val (*op. cit.*), a partir das ideias formuladas por Charolles (1997), sugere critérios para avaliar a coerência e a coesão de um texto. Para isso, apresenta quatro requisitos básicos: a continuidade, a progressão, a não-contradição e a articulação.

A **continuidade** é a necessidade de retomar elementos, ideias, no decorrer do texto. O que se percebe, diante de produtores imaturos, é que, muitas vezes, nos deparamos com produções em que as ideias de um parágrafo não são retomadas no parágrafo subsequente, ou mesmo, que a segunda frase não tem relação com a primeira.

Quanto à **progressão** é estabelecido que, além da necessidade de retomar ideias, é preciso apresentar novas informações sobre o que foi retomado. O que se vê, muitas vezes, são produções que apresentam uma única ideia que é repetida e parafraseada em todos os parágrafos.

Outro requisito mencionado para se estabelecer a coerência é a **não-contradição**. Nesse caso, o autor do texto não pode se contradizer, ou seja, afirmar **x** e o contrário de **x**, ou fazer afirmações incompatíveis com o que se observa no mundo real. Um outro tipo de problema referente à exigência da não-contradição abordado pela autora é a contradição léxico-semântica. Trata-se da inadequação do uso de vocabulário num determinado contexto. Isso ocorre quando, no texto, são empregadas palavras cujo significante não se relaciona com o significado pretendido e comprometem, assim, o sentido do texto. Essa contradição léxico-semântica ocorre, geralmente, porque o autor tem a imagem de que um texto de qualidade deve, necessariamente, apresentar uma grande variedade lexical.

A **articulação**, por sua vez, se refere à maneira como os fatos e as ideias se encadeiam, como se relacionam no texto. Embora essas relações não necessitem obrigatoriamente estar explícitas no texto através de mecanismos linguísticos, como as conjunções, expressões do tipo “por exemplo, dessa forma, por outro lado”, dentre outros, esses recursos normalmente estão presentes no escrito e necessitam se mostrar integrados como forma de manter a coerência textual..

A **coesão**, manifestação linguística da coerência, é responsável pela unidade formal do texto. É construída através de mecanismos gramaticais, como, por exemplo, os pronomes anafóricos, os artigos, as conjunções; e através de mecanismos lexicais, como a repetição ou substituição de um item lexical. Um problema de coesão que ocorre com frequência nos textos mostra-se quando o autor do texto, ao produzir uma inserção muito longa ou uma sucessão delas, esquece de desenvolver a ideia que se encontrava no início dessa inserção. Outro problema é a utilização inadequada dos mecanismos linguísticos, que também pode comprometer o sentido do texto.

Os outros aspectos a serem considerados na avaliação da compreensão do texto estão ligados a fatores pragmáticos. São eles: **a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade e a informatividade**.

A **intencionalidade** está relacionada ao empenho do produtor do texto em produzir um escrito coeso e coerente e que seja capaz de atingir seus objetivos, que podem ser informar, persuadir, pedir, explicar, expor. A intencionalidade está voltada para o destinatário.

A **aceitabilidade**, por sua vez, está ligada ao receptor do texto e refere-se à possibilidade de o receptor tomar o texto como coerente, coeso, útil e relevante às suas necessidades. É claro que a aceitabilidade vai depender de vários fatores externos ao texto. Um deles é o contexto em que se efetiva a comunicação.

Já a **situacionalidade** constitui a adequação do texto à situação socio-comunicativa. Isso significa que não existe um texto incoerente ou pouco claro por si mesmo, e sim um texto inadequado para uma dada situação, como, por exemplo, ocorre com os diagnósticos médicos na linguagem técnica, cuja forma e conteúdo não são apreendidas pelos leitores comuns, mas o são por outros médicos. Para o paciente, o médico terá de 'traduzir' o texto.

A **intertextualidade** se refere ao fato de um texto fazer referência a outro(s) texto(s) em maior ou menor frequência. Em outros termos, ela "compreende as diversas maneiras pelas quais a produção e recepção de dado texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores." (KOCH e TRAVAGLIA, 1997, p. 88)

A **informatividade** é o fator relacionado à ocorrência de informações, dados e argumentos esperados ou não. Se o discurso for mais imprevisível, é mais informativo – e vice-versa. É o que Koch e Travaglia (1997, p. 81) evidenciam quando escrevem que se um texto "contiver apenas informação esperada/previsível em dado contexto, terá um grau de informatividade baixo (grau 1); se, a par da informação esperada/previsível em dado contexto, o texto contiver informação imprevisível/não-esperada, terá um grau médio de informatividade (grau 2). Finalmente, se toda a informação do texto for inesperada/imprevisível, o texto poderá, à primeira vista, parecer incoerente, exigindo do receptor um esforço maior para calcular-lhe o sentido (grau 3), já que textos com taxa muito alta de informação nova são de difícil compreensão."

É interessante acrescentar que Costa Val (1994, p. 14) afirma que "o interesse do receptor pelo texto vai depender do grau de informatividade de que o último é portador". Afirma ainda: "Assim, o ideal é o texto se manter num nível mediano de informatividade, no qual se alternam ocorrências de processamento imediato, que falam do conhecido, com ocorrências de processamento mais trabalhoso, que trazem a novidade".

A autora também defende a ideia de que um texto com bom índice de informatividade precisa ainda atender a outro requisito: a suficiência de dados. A suficiência de dados relaciona-se à necessidade de o texto apresentar todas as informações necessárias para a sua compreensão, sem explicitar o óbvio, mas também sem sonegar informações, seja por meio de recurso da forma (como exagerado e desnecessário uso de reticências) ou do conteúdo (como o uso repetitivo e descabido de nomes genéricos: coisa, negócio, etc.).

É necessário chamar a atenção também para a relatividade da informação ser conhecida/desconhecida ou esperada/não-esperada. Para um receptor de nível médio de escolaridade, uma informação pode ser completamente nova e inesperada, mas para outro, do mesmo nível ou superior, pode ser conhecida e esperada. Essa é uma dificuldade com que se deparam as análises de grau de informatividade. Para atenuá-la, deve ser levada em consideração a presença do senso comum, dos clichês e estereótipos, e das frases feitas nos textos

É fundamental salientar que “o texto deve ser percebido e interpretado integralmente, cada elemento sendo avaliado em função do todo.” (COSTA VAL, 1994, p.37). Embora possamos, para atender à necessidade de estudo, separar cada um dos fatores de textualidade mencionados, o mais importante é considerar o efeito de cada um deles no conjunto, na sua realização global.

2. Seleção, organização de informação, rascunho, revisão e texto final

Para fugirmos do senso comum e imprimirmos ao texto um grau adequado de informatividade, torna-se fundamental conhecer bem o assunto a ser trabalhado, refletir sobre ele e ter opiniões próprias. Por isso, quanto mais informações e opiniões nós tivermos sobre o assunto, mais capacidade teremos para redigir um bom texto.

Sugerimos, dessa forma, que, primeiramente, seja realizada uma vasta pesquisa sobre o assunto proposto para a redação, que poderá ser feita em livros didáticos, enciclopédias, revistas, jornais, internet, etc. Chamamos esse primeiro passo de **geração de ideias**.

O passo seguinte, após a leitura e discussão do(s) texto(s), é selecionar de forma organizada as informações colhidas na fase de geração de ideias. Para isso, Serafini (1995) sugere os *grupos associativos*. No grupo associativo escreve-se no centro da página a ideia, o fato ou a palavra sobre o qual se irá trabalhar. À medida que as ideias correlatas ao elemento central vão surgindo, elas são dispostas como raios em volta do centro. Outra forma de selecionar as informações que serão utilizadas na construção do texto é escrever todas as informações que forem consideradas relevantes uma abaixo da outra.

Feita a **seleção das informações**, torna-se necessário ordená-las seguindo um plano, um roteiro, sempre tendo em mente o objetivo do texto e a audiência. Em se tratando de texto dissertativo-argumentativo, é comum **agrupar as ideias** em causas-consequências-soluções. Outras categorias podem servir para o agrupamento dos elementos selecionados, como fatos/dados, pontos de vista, exemplificações, argumentos favoráveis e contrários, retrospectiva histórica (época mais distante e atual), dentre outros.

O próximo passo é a **elaboração do rascunho**, a partir da organização e seleção das ideias. Nesse momento, é necessário dividir as ideias em parágrafos distintos, mantendo a unidade.

Elaborado o rascunho, chega a hora da etapa da **revisão** de conteúdo e de forma. Esse passo geralmente é relaxado pelos estudantes, que revêem seus textos rapidamente e sem visão crítica. Em consequência, saltam aos olhos falhas primárias. Uma atividade que sugerimos no passo revisão consiste na troca de textos entre alunos. Um outro leitor poderá colaborar para sanar os desvios nas produções.

Concluídas todas as fases descritas, chega o momento de se fazer o **texto final**. Nessa fase, deve-se levar em consideração alguns aspectos, como letra legível, boa disposição dos parágrafos na folha e margens simétricas. Pensamos que um texto com boa estética ganha a simpatia do leitor logo à primeira vista, ao contrário daquele com letra 'de garrancho', que exige um esforço contínuo para ser decifrado.

Atividades de avaliação



Texto 1: O senso comum

Quantas vezes não ouvimos opiniões do tipo “Todos os políticos são corruptos”, “O povo não sabe votar”, “Futebol e religião não se discutem”, “Dinheiro não traz felicidade, etc.?”

Essas opiniões fazem parte do senso comum, isto é, são julgamentos que, mesmo sem nenhum fundamento científico, assumem para algumas pessoas o valor de verdade indiscutível. Essas opiniões podem ter origem na tradição, na moda, na propaganda; podem ser fruto de preconceitos raciais e sociais e podem também ser chavões, isto é, afirmações sem originalidade que se impõem pela repetição.

Também fazem parte do senso comum outras afirmações que são verdadeiras pela evidência, pela observação, por experiências de vida ou pela reflexão, como, por exemplo. “Fumar é prejudicial à saúde”, “Ser cuidadoso no trânsito diminui acidentes”, “O homem deve preservar o meio ambiente”. Essas opiniões evidenciam bom-senso e não precisam de comprovação científica para demonstrar sua veracidade. Apesar disso, trazem pouca novidade e, por isso, normalmente constituem

argumentos fracos num texto argumentativo, principalmente se são pouco desenvolvidos. Como consequência, teremos um texto com baixo nível de informatividade.

Observe como, neste parágrafo, as ideias não conseguem fugir do senso comum:

Não é só guerra e miséria que são graves problemas, mas também o meio ambiente, que se encontra ameaçado por sério desequilíbrio ecológico. O homem está destruindo a natureza, está exterminando as últimas espécies que existem na flora e na fauna.

Fonte: Redação de aluno – 9º ano

Observe que, ao tratar dos problemas que envolvem o meio ambiente, o autor se limita a apontar esse tipo de situação, mas não discute suas causas nem suas consequências. Ou seja, não consegue fugir ao senso comum.

Como seria então um texto que consegue fugir ao senso comum?

Se o tema a ser desenvolvido é, por exemplo, o problema do menor abandonado, não há novidade em afirmar que esses garotos vivem longe da família, que não frequentam a escola, que não se alimentam direito, que tendem a cair na marginalidade, etc. Da mesma forma, não basta afirmar: “é preciso tomar providências”. O que o leitor espera ler num texto sobre esse assunto é por que ocorre esse problema e como se pode resolvê-lo.

Agora, leia a conclusão da redação de um aluno, ao tratar da influência da TV na vida das crianças:

“A criança é muito inocente e acredita que aquilo que está sendo transmitido é bom para ela e que deve seguir aquele exemplo. Os pais devem educar seus filhos, não permitindo que eles assistam determinados programas já que as emissoras não têm essa consciência. A criança é o único caminho para melhorarmos esse país.”

Responda:

- a) Que afirmações, no texto, fazem parte do senso comum? Justifique a sua resposta.
- b) A autora afirma que os pais não devem permitir que os seus filhos assistam a determinados programas. A que tipo de programas a autora pode estar se referindo? Você acha que os pais devem proibir os filhos de assistirem a alguns filmes e programas? Haveria outra saída? Justifique.
- c) Podemos entender que a autora acredita que as emissoras não têm consciência dos efeitos negativos que “determinados” programas podem provocar numa criança. Você concorda com a autora do texto? Por quê?
- d) Na sua opinião, a escola pode contribuir na construção da relação entre a tevê e a criança? De que forma?

e) A partir das ideias levantadas nas questões anteriores, elabore um **parágrafo argumentativo**, selecionando argumentos que fujam ao senso comum.

A Informatividade

Fernando Pessoa

AUTOPSILOGRAFIA

O poeta é um fingidor,
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama o coração.

Responda:

- 1) Na sua opinião, o texto de Fernando Pessoa pode ser facilmente compreendido por qualquer leitor? Por quê?
- 2) É possível que um texto passe a ter um novo sentido se o leitor tiver acesso a informações sobre o texto ou sobre o autor do texto? Justifique.
- 3) Leia as seguintes informações:

Fernando Pessoa, em Autopsicografia, reflete sobre o próprio fazer poético e sobre a relação que se estabelece entre o poema e o leitor. Autopsicografia é uma palavra formada de elementos gregos: auto = de si mesmo; psicografia = descrição da mente, ou, segundo o espiritismo, escrita de um espírito através de um médium.

- Essas informações podem ajudar um leitor a compreender melhor a poesia de Fernando Pessoa? Por quê?
- É evidente que o texto de Fernando Pessoa, para ser compreendido, exige do leitor um conjunto de conhecimentos (de mundo, de vocabulário), sensibilidade, interesse pelo que lê, etc. Podemos afirmar que esse texto apresenta um grau de informatividade alto. É evidente também que quanto mais rico é o nosso conhecimento, mais capacidade temos para ler textos, verbais ou não-verbais, que aparentem alto grau de informatividade.

Texto 2: A influência da tevê no comportamento das crianças

texto escrito por um aluno do 9º ano

Hoje em dia a tevê influência cada vez mais no comportamento das pessoas em geral dos quatros cantos do mundo, principalmente as crianças, na qual são mais fáceis de serem manipuladas.

Antigamente o principal meio de comunicação era o rádio, nos tempos modernos, conforme fomos evoluindo, criaram a tevê que se tornou um grande, forte e moderno meio de comunicação.

Um exemplo disso é o caso que aconteceu na Europa, formado por um programa chamado "Teletabies", onde desenvolveu o homossexualismo entre crianças.

Outro exemplo disso aconteceu nos Estados Unidos devido um jogo, na qual um menino matou três colegas de sua própria escola.

Através disso acreditamos que a influência da tevê, sobre as pessoas é muito grande, principalmente sobre as crianças.

Responda:

- 1) A leitura do texto é atraente? Justifique.
 - 2) O autor demonstrou ter domínio do assunto desenvolvido? Por quê?
 - 3) O autor consegue convencer o leitor sobre o ponto de vista que procura defender? Justifique.
- a) Está claro que o grau de informatividade do texto lido é baixo, já que os argumentos não apresentam ideias originais nem um enfoque diferente sobre o assunto abordado. Além disso, o texto apresenta falta de progressão e repetição, ou seja, o autor fica repetindo o assunto sem desenvolvê-lo adequadamente.
- b) Como podemos perceber, um texto, quando apresenta baixa informatividade (apenas informações previsíveis, esperadas, conhecidas), se torna pouco atraente para o leitor, que acaba rejeitando-o. Por outro lado, se um texto apresenta alta informatividade (toda informação inesperada, desconhecida, imprevisível) irrita o leitor, já que esse necessita de um esforço muito grande para compreender o texto. Portanto, é possível concluir que o ideal é o texto se manter num nível médio de informatividade, alternando informações conhecidas, previsíveis e desconhecidas, que trazem a novidade.

Fatores que fazem baixar a informatividade de um texto

Releia o seguinte trecho:

(I) "Hoje em dia, a tevê influência cada vez mais no comportamento das pessoas em geral dos quatros cantos do mundo, principalmente as crianças, na qual são mais fáceis de serem manipuladas."

Observe este outro trecho:

(II) “Analisando o comportamento das crianças de antigamente com o das crianças de hoje em dia notamos uma incrível diferença entre eles.”

Responda: em qual dos dois trechos o uso da expressão *hoje em dia* é plenamente justificada? Por que, no outro caso, o uso da expressão se torna desnecessária?

Leia:

(III) “A tv de um certo modo ajuda as crianças a abrir mais a cabeça, descobrir certas coisas sozinhas. Os pais às vezes ficam pensando como é que seus filhos sabem tantas coisas se eles ainda não os ensinou.”

(IV) “No caso de crianças, a televisão às vezes botam filmes violentos e eróticos, coisas que crianças não podem ver..”

A que palavras ou ideias se refere o termo coisa nas três situações acima? Qual deve ser a função de nomes genéricos, tais como *coisa, negócio, lugar*, nas frases? Essa função foi respeitada em todos os casos citados anteriormente? Justifique.

Observe os seguintes trechos :

(VII) “...*ela [a tv] é muitas vezes usada para fazer a cabeça das pessoas...*”

(VIII) “*A criança é o único caminho para melhorarmos esse país.*”

Podemos afirmar que as frases destacadas acrescentam informações novas, relevantes para o leitor do texto? Por quê? Qual a consequência dessas frases em um texto argumentativo? Que frase do trecho I possui as mesmas características das destacadas nos trechos VII e VIII? Justifique a sua escolha.

Veja:

(IX) “*Essas atitudes [crianças assassinando outras] estão acontecendo por causa das influências de alguns programas, filmes, novelas e outros assuntos que passam na televisão.*”

Está claro que, no trecho IX, há informações imprecisas, vagas, sem objetividade. Que elementos do trecho comprovam essa afirmação? O que autor deveria ter feito para tornar o trecho mais preciso e objetivo?

Outras atividades

1. Geração de ideias

Escolha um dos seguintes temas “A internet nos deixa inteligentes” ou “A internet nos deixa estúpidos” com o objetivo de escrever um artigo de opinião para ser publicado na revista *Superinteressante* e, em seguida, pesquise em revistas, livros ou na internet informações sobre o assunto escolhido.

2. Seleção e organização de informações

Agora que você teve acesso a várias informações sobre o assunto proposto, faça uma seleção das informações que você irá utilizar a fim de construir o seu texto. Em seguida, agrupe as ideias selecionadas em categorias, como: causas/consequências, soluções; fatos/dados; pontos de vista; sugestões; exemplificações, etc.

3. Rascunho, revisão e texto final

A partir da organização e seleção das ideias, organize o seu texto em parágrafos distintos, mantendo a unidade.

Elaborado o rascunho, faça uma revisão e passe o seu texto a limpo (texto final).

Leituras, filmes e sites



http://www.educarede.org.br/educa/index.cfm?pg=oassuntoe.interna&id_tema=9&id_subtema=3

BLIKSTEIN, Izidoro. **Técnicas de comunicação escrita**. 21. ed. rev. e atual. São Paulo: Ática, 2005 (Série Princípios).

Publicada originalmente na década de 1980, a obra partiu de uma indagação fundamental do autor: o que devemos saber para escrever bem? Como proposta de trabalho, o autor procurou elaborar um texto claro, objetivo e divertido. A nova edição desse livro da série Princípios confirma sua permanente utilidade e praticidade, na medida em que possibilita ao leitor conscientizar-se da importância de uma boa redação, seja aquela que serve de comunicação nas organizações empresariais, seja a elaborada no ambiente acadêmico.

Referências



ALMEIDA, Nukácia; ZAVAM, Áurea (orgs.). **A língua na sala de aula: questões práticas para um ensino produtivo**. Fortaleza: Perfil Cidadão, 2004.

CHAROLLES, Michael. Introdução aos problemas dos textos. In: **O texto: leitura e escrita**. Campinas: Cortez, 1997.

COSTA, Val, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

_____ e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 1997.

SERAFINI, Maria Tereza. **Como escrever textos**. 7. ed. São Paulo: Globo, 1995.

Resumo

Introdução

O resumo tem por objetivo apresentar com fidelidade ideias ou fatos essenciais contidos num texto. Sua elaboração envolve habilidades como leitura competente, análise detalhada das ideias do autor, discriminação e hierarquização dessas ideias e redação clara e objetiva do texto final. Dominar a técnica de fazer resumos é de grande utilidade para qualquer atividade intelectual que envolva seleção e apresentação de fatos, processos, ideias, etc.

O resumo pode se apresentar de várias formas, conforme o objetivo a que se destina. No sentido estrito, padrão, deve reproduzir as opiniões do autor do texto original, a ordem como essas são apresentadas e as articulações lógicas do texto, sem emitir comentários ou juízos de valor. Dito de outro modo, trata-se de reduzir o texto a uma fração da extensão original, mantendo sua estrutura e seus pontos essenciais.

Quando não há a exigência de um resumo formal, o texto pode igualmente ser sintetizado de forma mais livre, com variantes na estrutura. Uma maneira é iniciar com uma frase do tipo: *“No texto, de, publicado em....., o autor apresenta/ discute/ analisa/ critica/ questiona ... tal tema, posicionando-se”*. Esta forma tem a vantagem de dar ao leitor uma visão prévia e geral, orientando, assim, a compreensão do que segue. Este tipo de síntese pode, se for pertinente, vir acompanhada de comentários e julgamentos sobre a posição do autor do texto e até sobre o tema desenvolvido.

Em qualquer tipo de resumo, entretanto, dois cuidados são indispensáveis: buscar a essência do texto e manter-se fiel às ideias do autor. Copiar partes do texto e fazer uma “colagem”, sob a alegação de buscar fidelidade às ideias do autor não é resumo, pois este deve ser o resultado de um processo de “filtração”, uma (re)elaboração de quem resume. Se for conveniente utilizar excertos do original para reforçar algum ponto de vista, por exemplo, esses devem ser breves, vir entre aspas e estar identificados com o número da página.

Resumos são, igualmente, ferramentas úteis ao estudo e à memorização de textos escritos. Além disso, textos falados também são passíveis de resumir. Anotações de ideias significativas ouvidas no decorrer de uma palestra, por exemplo, podem vir a constituir uma versão resumida de um texto oral.

Uma sequência de passos eficiente para fazer um bom resumo é a seguinte:

1. Identificar o gênero a que pertence o texto (uma crônica, um artigo de opinião, uma receita, um discurso político, um relato cômico, um diálogo, etc);
2. Identificar a ideia principal de cada parágrafo. Se for texto dissertativo-argumentativo, geralmente as ideias mais importantes de cada parágrafo são encontradas no primeiro período de cada parágrafo;
3. Identificar a organização – articulações e movimento – do texto (o modo como as ideias secundárias se ligam logicamente à principal);
4. Identificar as ideias secundárias e agrupá-las em subconjuntos (por exemplo: segundo sua ligação com a principal, quando houver diferentes níveis de importância; segundo pontos em comum, quando se perceberem subtemas);
5. Identificar os principais recursos utilizados (exemplos, comparações e outras vozes que ajudam a entender o texto (intertextualidade), mas que não devem constar no resumo formal, apenas no livre, quando necessário);
6. Esquematizar o resultado desse processamento; e
7. Redigir o texto de modo coeso e coerente.

Evidentemente, alguns resumos são mais fáceis de fazer do que outros, dependendo especialmente da organização e da extensão do texto original. Assim, um texto não muito longo e cuja estrutura seja perceptível à primeira leitura, apresentará poucas dificuldades a quem resume. De todo modo, quem domina a técnica – e esse domínio só se adquire na prática – não encontrará obstáculos na tarefa de resumir, qualquer que seja o tipo de texto.

1. Alguns recursos linguísticos para resumir

1.1. Paráfrase

Consiste em reescrever, com suas próprias palavras, um trecho/parágrafo do autor, mantendo as mesmas ideias. Veja um exemplo:

Texto original:

“Democracia é quando eu mando em você, ditadura é quando você manda em mim.”
(Millôr Fernandes)

Paráfrase:

Democracia apresenta um conceito bem relativo. Se o indivíduo estiver no comando, há democracia; se for comandado, então só existe ditadura.

1.2. Generalização

Consiste em encontrar uma palavra ou expressão de caráter mais geral possível que possa concentrar em si todas as ideias/palavras/termos diferentes presentes em parte do trecho original. Veja um exemplo:

Texto original:

Pedro comprou tijolos, areia, cimento, colocou os alicerces, ergueu paredes, pôs madeira e cobriu tudo com telhas. Depois foi ali residir.

Generalização:

Pedro construiu uma casa e foi morar nela

Observe que foram acrescentados os elementos em *itálico* no texto resumido, para que fosse obtida a coesão e a coerência do resumo. Sem eles, o resumo seria uma incoerente sucessão de trechos do texto original.

1.3. Fusão

Consiste em reunir, coesa e coerentemente, em um só trecho/frase/período, uma série de diferentes períodos.

Texto original:

Há séculos, os professores de segundo grau da Sardenha vêm testemunhando um fenômeno curioso. Com a chegada da primavera, em fevereiro, alguns de seus alunos tornam-se apáticos. Nos três meses subsequentes, sofrem uma baixa em seu rendimento escolar, sentem-se tontos e nauseados, e adormecem na sala de aula. Depois, repentinamente, suas energias retornam. E ficam ativos e saudáveis até o próximo mês de fevereiro.

Fusão:

Faz séculos, professores sardenhos de segundo grau vêm observando um fenômeno curioso. Na primavera, em fevereiro, uns alunos tornam-se apáticos, adoentados e apresentam baixo rendimento escolar, mas três meses depois retornam à normalidade.

1.4. Exclusão/Apagamento

Consiste em eliminar trechos do texto que tragam informações acessórias (ideias secundárias). Geralmente, são aqueles trechos que se iniciam com expressões reiterativas, tais como: isto é, ou seja, ou melhor, em outras palavras, quer dizer, digo, etc.

Texto original:

É ilusório resumir o custo da eleição ao que o candidato recebe como contribuição de terceiros para a campanha – seja a parte declarada à Justiça Eleitoral, seja o que entra pelo caixa dois, se isso fosse eventualmente registrado. A reprodução do mandato parlamentar está vinculada a uma série de “serviços prestados” pelo deputado

a seus eleitores e às corporações e grupos econômicos a que está vinculado. Isso inclui desde o esforço (muitas vezes remunerado) pela aprovação de um projeto ou de uma emenda ao Orçamento até favores comezinhos, como a distribuição de passagens aéreas, o pagamento da conta da farmácia do eleitor mais pobre, o jogo de camisas para o time de futebol da cidade.

Fonte: Ricardo Amaral, in: www.epoca.com.br/amaral

Texto resumido somente com o apagamento dos trechos sublinhados no original: É ilusório resumir o custo da eleição ao que o candidato recebe como contribuição para a campanha, uma vez que a reprodução do mandato parlamentar está vinculada a uma série de “serviços prestados” pelo deputado a seus eleitores e aos grupos econômicos a que está vinculado. Dentre esses serviços, incluem-se, por exemplo, o esforço pela aprovação de um projeto ou o pagamento da conta da farmácia do eleitor mais pobre.

Atividades de avaliação



1. Escreva uma paráfrase para cada ditado popular que segue.
 - a) Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.
 - b) Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.
 - c) Quem com ferro fere, com ferro será ferido.
 - d) Casa de ferreiro, espeto de pau.
2. (UFU/2003) Leia atentamente o fragmento abaixo. Em seguida, redija um texto, parafraseando-o.

“ O mundo da história está mudando com a guerra do Iraque e numa velocidade incompatível com o tempo necessário para compreendermos e assimilarmos o verdadeiro significado dessa mudança. Não somos seus meros espectadores. Essa guerra nos afeta pelo que ouvimos, lemos e vemos a seu respeito. Ela parece nos nossos sonhos, contamina nosso humor, dirige surdamente nossos planos. Não importa onde ocorra, uma guerra se espalha por toda parte como uma nuvem negra, um peso difuso. O mal que se desprende na guerra é a prepotência do poder, o ímpeto devastador e desmedido da força e da violência que, de propósito, são usadas para ferir e matar os homens, para devastar o mundo por eles tão arduamente construído e, a reboque, assolar a natureza.”

Fonte: Dulce Critelli, *Folha de S. Paulo*, 24 de abril de 2003.

3. Agora redija um resumo do texto a seguir.

Unesco inaugura oficialmente a Biblioteca Digital Mundial

A Biblioteca Digital Mundial (BDM) – um portal gratuito no endereço www.wld.org, que oferece uma seleção de documentos procedentes das grandes bibliotecas internacionais – foi inaugurada oficialmente nesta terça-feira na sede da Unesco em Paris.

A BDM oferece opções de pesquisa e navegação na internet em sete idiomas – inglês, árabe, chinês, espanhol, francês, português e russo – e apresenta conteúdos em mais de 40 idiomas. A biblioteca foi desenvolvida por uma equipe da Biblioteca do Congresso Americano, com suporte técnico da Biblioteca de Alexandria, no Egito.

O lançamento aconteceu na sede parisiense da Unesco, na presença de seu diretor-geral Koichiro Matsuura, e de James H. Billington, diretor da Biblioteca do Congresso americano. Em 2005, a Biblioteca do Congresso propôs a organização de uma BDM para oferecer gratuitamente uma ampla gama de livros, mapas, filmes e gravações oriundas de bibliotecas nacionais.

O projeto, no qual participam a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) e outras 32 instituições associadas, foi desenvolvido por uma equipe da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos e participam nele instituições da Arábia Saudita, Brasil, Egito, China, Estados Unidos, Rússia, França, Iraque, Israel, Japão, Grã-Bretanha, México e África do Sul, entre outros países, sem esquecer a contribuição de Estados como o Marrocos, Uganda, Qatar, México e Eslováquia.

Fonte: Disponível em: <http://www.opovo.com.br/tecnologia/871896.html>

Leituras, filmes e sites



<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa>

<http://revistaescola.abril.com.br/avulsas/tudo-sobre-educacao.shtml>

<http://portal.mec.gov.br/>

Referências



CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

DIEZ, Carmen L. F.; HORN, Geraldo B. **Orientações para elaboração de projetos e monografias**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Mª. **Metodologia do trabalho científico**. 6ª ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 2001.

Resenha

Introdução

No capítulo anterior, você conheceu as características de um resumo e elaborou um tipo deles. Agora você vai conhecer mais um gênero textual: a resenha. Vai, também, compará-la com o resumo, para que possa redigir um e outro sem titubear. De início, é válido lembrar que a resenha também é um gênero textual acadêmico, isto é, produzido no âmbito das faculdades e universidades (e bastante solicitado pelos professores). Há as resenhas não acadêmicas, publicadas em jornais e revistas (*Veja*, *Época*, *Isto é*). Filme, livro, exposição fotográfica ou de pintura e peças teatrais são os objetos mais comuns resenhados.

1. Explorando a estrutura textual de uma resenha

Inicialmente, leia o seguinte texto:

Resenha do livro **Cultura da interface**
Por Bianca Brancaleone

Cultura da Interface é um livro do conceituado e influente pensador do ciberespaço Steven Johnson (Jorge Zahar Editor, 1997).

Ler um livro sobre interface datado de 1997 necessita de um certo despreendimento, é preciso ler sem preconceitos, já que muitas das ideias propostas ou imaginadas pelo autor já foram criadas e até são de uso corriqueiro hoje em dia. É importante que a leitura seja feita de forma que os relatos não sejam só vistos como ultrapassados, até porque o livro se torna interessante a partir do momento em que se consegue fazer uma relação entre o cenário da tecnologia em 1997 e hoje, mais de dez anos depois. Num espaço de tempo físico normal, dez anos não é quase nada, mas sabemos que no mundo da tecnologia, um espaço de tempo como esse é capaz de sofrer transformações inimagináveis.

O autor usa de uma estrutura narrativa que me agrada. *Cultura da Interface* é o segundo livro de Steven Johnson que leio (o primeiro foi *Emergência – A dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares* – Jorge Zahar Editor; 2002), onde o autor transmite seus estudos de forma fácil e leve, sempre com analogias e pontuando historicamente. Em *Cultura da interface*, ele relata como o mercado e as novas tecnologias se comportavam, sempre recorrendo a uma contextualização histórica também, falando sobre cada uma das áreas específicas do livro ligadas a interface: desktop, janela, links, texto e agentes. Além de pontuar, o autor ainda expõe suas opiniões e propõe melhorias ou novas ideias, algumas delas que já foram implanta-

das entre o tempo em que o livro foi publicado até hoje em dia. Por outro lado, como o livro trata de interface e não traz nenhuma imagem de exemplo, senti um pouco de dificuldade por ter que somente imaginar as interfaces e quais eram as experiências dos usuários que a utilizavam.

O livro *Cultura da Interface* é um daqueles livros que você lê sabendo do que ele vai tratar, mas lê mesmo assim para conhecer outros pontos e aspectos que você nunca imaginaria sobre o tema. Você lê um livro sobre uma coisa que utiliza todos os dias – no caso, as interfaces – para saber um pouco mais sobre o que está por trás daquilo, como aquilo que você usa instintivamente foi desenvolvido, como foi pensado, todos os passos, todos os erros e acertos... é como estudar com um pouco mais de profundidade a história de seu país, estado, cidade – conhecendo o passado você começa a compreender melhor o presente, logo, conhecendo as evoluções das interfaces, você começa a entender melhor o porquê das coisas serem como são hoje em dia. Johnson diz que o design de interface é a “fusão da arte e da tecnologia” e que as interfaces são “softwares que dão forma à interação entre usuário e computador”. De uma forma simples, é isso mesmo: é pensar em como transformar os zeros e uns em representações gráficas para o entendimento fácil de pessoas que, como a maioria dos não-programadores, pudessem entender.

Num primeiro momento, o livro trata da analogia do desktop que foi levada para o computador, como a metáfora, transpondo uma escritaninha real para o digital foi importante para uma melhor assimilação e aceitação de não-programadores, contrapondo-se às complexas linhas de comando que era necessário se conhecer para operar um computador. Johnson conta o por trás da história, como a metáfora do desktop foi melhorada pelo centro de pesquisa da Xerox, como foi subutilizada e como Steve Jobs – atual CEO da Apple – se aproveitou do que conheceu na Xerox para aplicar em um dos primeiros sistemas operacionais a utilizar interface desktop, o Lisa, e mais tarde lançando o Macintosh. Apesar de ser claro hoje em dia que a metáfora da escritaninha, o mouse, os ícones e outras facilidades implantadas no computador são extremamente funcionais, houve quem criticasse dizendo que esses meios eram apenas recursos visuais desnecessários, que tudo o que precisavam já era possível ser realizado com as próprias linhas de comando. Me lembro das primeiras vezes que utilizei um computador e realmente já comecei usando o sistema operacional Windows 3.11. Mesmo que esse não fosse um primor em suas interfaces gráficas, já dispunha de todas as grandes inovações que Johnson cita no livro e que realmente mudaram o modo de se usar com computador: o mouse, os ícones e as janelas. É realmente interessante pensar em como essas coisas que são tão automáticas e comuns hoje em dia possam ter sido uma transformação na vida das pessoas que utilizavam computadores anos atrás.

Numa das retomadas históricas sobre o desenvolvimento do mouse – pensando na metáfora do desktop – Johnson diz que o mouse é a representação dos seus movimentos reais no digital, uma manipulação direta: o mouse faz o papel de representante do usuário no espaço de dados, é você dentro do computador escolhendo para onde ir. Pensando sobre isso, podemos perceber como o mouse é revolucionário nesse ponto onde, se ele não existisse, teríamos que continuar a digitar linhas de código para abrir cada arquivo, para executar cada ação – o mouse é um atalho. Como o livro diz, nossa memória visual é muito mais poderosa que nossa memória textual, logo, decorar caminhos de cliques por ícones é mais fácil que decorar palavras sequenciais para se abrir o mesmo arquivo. Podemos perceber que o mouse, mais os ícones e janelas podem ter sido os grandes responsáveis do porquê os computadores terem o grande sucesso que têm hoje em dia.

Um dos capítulos do livro trata somente sobre janelas que, até mais que o mouse, são mais invisíveis a nós. Damos um duplo clique sobre um ícone e esse nos abre o conteúdo que buscamos, um documento de texto, uma planilha, um navegador – estamos interessados no conteúdo, e a janela em si passa despercebida. Nem pensamos na evolução e nos estudos necessários para chegarmos no que temos hoje com relação a janelas que se sobrepõem, abrem e fecham com simples cliques.

Já depois desse histórico de pesquisas e inovações sobre as janelas, chegamos nas interfaces atuais, onde se começa a tratar das interfaces mais dinâmicas e com inovações mais constantes, as interfaces de navegadores e dos sites propriamente em si. Johnson faz um levantamento do porquê o navegador Internet Explorer – uma janela – é até hoje a mais utilizada – todas os movimentos e tramas realizadas pela Microsoft, passando até mesmo por questões judiciais para ter a fatia do mercado de navegadores que ela detém até hoje. Para pessoas que trabalham com internet (desenvolvedores web, webdesigners, etc.) é uma história interessante e importante de se conhecer para entender o contexto atual.

Depois da evolução janelas > navegadores, passamos aos links. Nesse ponto ocorre uma longa discussão do uso do termo ‘surfear’ na internet e um comparativo com “usuários” de TV. O autor afirma que não se pode comparar um usuário de internet com um de TV: uma pessoa a frente da TV tem como única interação o zapear de canais, sem nenhuma interligação – já os usuários de internet também podem simplesmente zapear pelos links, mas esses sim possuem ligações de significados. Johnson discorre também sobre como as pessoas criavam esses links na década de 90 (e ainda o fazem hoje em dia) – o editor que escreve um texto sobre a Apple cria um link da palavra Apple para o site da empresa – não faz muito sentido a palavra Apple ter um link para o site da empresa, já que é muito mais provável que o leitor queira saber mais sobre artigos relacionados a Apple do que ver um site institucional. Isso é apenas um exemplo, mas é o que acontece muitas vezes em textos, que trazem links desnecessários que não agregam muito ao texto. Uma linkania eficiente seria aquela em que textos citam artigos relacionados ao mesmo tópico, tornando assim uma leitura mais rica. Como o texto diz “O surfe na web tem a ver com profundidade, com vontade de saber mais”.

O próximo ponto tratado no livro é sobre Texto. Johnson afirma que infelizmente essa é uma área que continua praticamente inalterada desde quando começou a ser explorada com os hiperlinks na web. Ele diz que, apesar de na atualidade a tendência ser de cada vez mais nos apoiarmos em interfaces gráficas, sempre existe uma ajuda textual – nomeando pastas, arquivos, os próprios ícones que possuem sempre um rótulo abaixo dele. Aqui Johnson discorre também sobre como o processo de escrever no computador mudou nossa maneira de escrever profundamente – ele parte do princípio de que, quando temos que escrever uma carta, por exemplo, normalmente elaboramos toda uma sentença antes de transcrevê-la para o papel – já com os editores de texto, o processo do pensamento se torna paralelo ao da escrita, possibilitando, por exemplo, que os textos se tornem muito mais complexos pela possibilidade de pensar e escrever ao mesmo tempo sem ‘perder nada pelo caminho’.

Já lendo sobre o que o autor pensa sobre os Agentes, confesso que, pelo nome, achei um pouco estranho, mas ele trata exatamente sobre pequenas aplicações que usamos todos os dias: ele traduz um agente como um ‘criado digital’, o que eu compreendo como todos aqueles programinhas que ‘aprendem com o usuário’ como esse próprio editor de texto que estou usando agora, o Writer do BrOffice: a partir do momento em que digito uma mesma palavra algumas vezes, ele reconhece que essa palavra pode ser escrita outras vezes identificando as primeiras letras, então ele completa essa palavra, basta eu apertar a tecla Enter para a palavra se completar.

Se essa palavra não for a que eu quero, basta eu continuar escrevendo para que a sugestão de palavra dada pelo programa suma da tela.

Pelo que ele diz no texto, acredito que esse tipo de recurso não era tão comum na década de 90 – hoje vemos isso em aplicações web para música, por exemplo, como o Pandora e o próprio Last.FM. Johnson inclusive cita um programa semelhante, chamado Firefly, onde esse tipo de agente atua da mesma forma: o usuário escolhe uma série de discos e o programa vai sugerindo músicas parecidas com aquelas selecionadas. Se o usuário gostar, dá um OK; se não, simplesmente diz que não gostou, e, a partir desse refinamento, o programa vai se adaptando ao gosto do usuário. A partir desse relatório, é possível gerar um banco de dados no próprio programa, que pode fazer uma combinação do tipo ‘uma pessoa já ouviu isso e isso e gostou das duas, é provável que se outra pessoa selecionar alguma dessas músicas e eu sugerir a outra mesma, ela vá gostar também’.

Além desse tipo de agente, que é chamado de ‘agente social’, existem outros dois tipos de agentes, os agentes pessoais e os agentes viajantes.

Ele exemplifica um agente pessoal aquele tipo de ajuda como conhecemos do Word – o clips, ou o cachorrinho) ou um agente que identifique com que frequência você esvazia sua lixeira e ele faça isso automaticamente por você. Já o agente social é um pouco mais complicado, ele diz que o agente social é aquele que “levanta âncora do computador hospedeiro e vai em busca da terra incógnita do ciberespaço”, trazendo assim as informações que o demandante pediu.

De uma maneira simplificada, os agentes podem ser descritos como:

“(...) instalam-se nos disco rígido do nosso computador e lá ficam para sempre, espionando nosso comportamento e ajudando quando têm uma chance. Outros são turistas em tempo integral, vagando pela internet em busca de informações e só voltando para casa quando têm novidade para contar. Alguns agentes são extrovertidos; compilam dados relevantes para nós conversando com outros agentes, trocando histórias e recomendações. Essas três classes representam (...) o agente “pessoal”, o agente “viajante” e o agente “social”.”

O livro *Cultura da Interface*, apesar de ser de 1997 e se mostrar ultrapassado em alguns poucos pontos, ainda assim traz reflexões sobre alguns temas que perduram até hoje com relação às interfaces e tudo mais que está relacionada a ela, como usabilidade e ética. Mesmo com seus mais de 10 anos de idade, o livro aponta melhorias que poderiam ter sido realizadas e até hoje ainda não foram feitas, como explorar ambientes de desktop 3D (mesmo que hoje já tenha havido um grande avanço, essas interfaces ainda não são muito comuns), aprimoramento dos recursos de busca com metadados, diferentes tipos de organização de arquivos, como pastas que se organizariam de acordo com parâmetros estabelecidos com palavras-chave de arquivos, etc.

Esse livro, com certeza, vale a pena ler, pois acredito que, mesmo daqui a 5 ou 10 anos, muitas das ideias propostas por Johnson ainda não terão sido criadas, muitas questões éticas ainda estarão sendo discutidas e a riqueza histórica de todas as criações sempre valem a pena se conhecer.

Enfim, ao se chegar no final do livro, lendo as conclusões do autor, existe aquele sentimento bom que se tem ao final de um livro que agrega alguma coisa, aquele sentimento de que as coisas que foram lidas e foram assimiladas se encaixam completamente em lacunas que, às vezes, nem sabia que existia no conhecimento sobre o tema – aquele sentimento que agora, as coisas fazem mais sentido.

Fonte: Disponível em: http://www.andafter.org/publicacoes/resenha-critica-do-livro-equocultura-da-interfacequot_711.html

Para refletir

Após a leitura da resenha acima, responda às seguintes questões e você terá as características estruturais de uma resenha padrão (prototípica):

1. Qual o título do livro resenhado?
2. Qual o nome do autor do livro resenhado?
3. Qual o nome da autora da resenha?
4. Como a resenhista contextualizou a obra?
5. Qual o tema do livro resenhado?
6. Em que veículo (suporte) foi publicada a resenha?
7. Quais as partes em que se divide a resenha? Indique onde começa e termina cada uma delas e o que trazem.

A partir de suas respostas, você deve ter notado que as resenhas se caracterizam por terem, basicamente, dois momentos: o primeiro é a descrição ou resumo da obra; o segundo, os comentários do resenhista.

8. Em seu caderno, faça um quadro como o que está abaixo e preencha-o com pequenos trechos da resenha que você acabou de ler.

Trechos descritivos/resumidores da obra	Trechos que trazem comentários (indique em que parágrafo)

9. Identifique comentários positivos e negativos feitos pela resenhista em relação à obra.
10. Qual a conclusão geral a que chega a autora da resenha? É positiva ou negativa em relação ao livro resenhado? Justifique.

2. Sintetizando o estudo da resenha

Você deve ter percebido que a resenha acadêmica é organizada globalmente com os seguintes elementos, a seguir caracterizados:

1. Definição de resenha: texto que, além de resumir o objeto, faz uma avaliação sobre ele, uma crítica, apontando os aspectos positivos e negativos. Trata-se, portanto, de um texto de informação e de opinião.
2. Resenhista: alguém com conhecimentos na área, uma vez que avalia a obra, julgando-a criticamente.
3. Objetivo da resenha: divulgar objetos de consumo cultural - livros, filmes, peças de teatro, etc. Por isso a resenha, dependendo do livro resenhado, é um texto de caráter efêmero, pois “envelhece” rapidamente, muito mais que outros textos de natureza opinativa.
4. Veiculação da resenha: em geral, é veiculada por jornais e revistas; atualmente há sites de resenhas de livros.
5. Extensão da resenha: depende do espaço que o veículo reserva para esse tipo de texto. Observa-se que, em geral, não se trata de um texto longo (mais de seis páginas), mesmo que a obra resenhada seja longa.

6. Devem constar numa resenha:

- O título;
- A referência bibliográfica da obra;
- Alguns dados bibliográficos do autor da obra resenhada;
- O resumo ou síntese do conteúdo; e
- A avaliação crítica, seguida de uma conclusão.

Sintetizando, pode-se afirmar que “No início de uma resenha encontramos informações sobre o contexto e o tema do livro resenhado. Em seguida, o(s) objetivo(s) da obra resenhada. Antes de apontar os comentários do resenhista sobre a obra, é importante apresentar a descrição estrutural da obra resenhada. Isso pode ser feito por capítulos, partes ou agrupamentos de capítulos. Depois, encontramos a apreciação do resenhista sobre a obra. Aliás, é importante que haja tanto comentários positivos como negativos. Finalmente, a conclusão, momento em que o autor deverá explicitar ou reafirmar sua posição sobre a obra resenhada”

Fonte: MACHADO; LOUSADA; ABREU-TARDELLI, 2004, p. 42

Pode-se, ainda, incluir palavras-chave após a indicação da obra resenhada. Palavras-chave são vocábulos ou expressões que sintetizam o tema abordado pela obra resenhada. Veja um exemplo, logo a seguir, em “Sugestão de leitura e aprofundamento”.

Uma resenha publicada em revista científica tem valor de trabalho acadêmico, sendo, inclusive, aceita em concurso como “trabalho publicado”. Diversos exemplos de resenhas, que obedecem à formatação exigida por cada revista científica, podem ser encontrados no site <http://www.scielo.org/php/index.php>. Nesse site, encontram-se à disposição do estudante cerca de 600 distintos periódicos que podem ser consultados livremente. Na área de Informática, é possível o livre acesso ao Journal of the Brazilian Computer Society. É muito útil também o site da Sociedade Brasileira de Computação: <http://www.sbc.org.br>, onde se tem acesso a outras publicações da área.

Atividades de avaliação



1. Leia uma resenha à sua escolha em uma revista semanal publicada recentemente (Época, Veja ou Isto é) e compare com a resenha da leitura de aprofundamento, que vem a seguir. Identifique o há de comum (e o que não há) entre elas no tocante à estrutura, ao objetivo, à extensão, etc.
2. Agora é sua vez de produzir uma resenha. Escolha um livro ou artigo que você esteja lendo em outra disciplina e produza uma resenha acadêmica sobre ele.

Texto Complementar



Antes de fazer a sua resenha, leia mais uma resenha tipicamente acadêmica:

Resenha/Review

JOSÉ, Elisabete da Assunção; COELHO, Maria Teresa. Problemas de Aprendizagem. 12. ed. São Paulo: Ática, 2001, 232 p.

Resenhado por: Júlia Soares Rodrigues
(Universidade de Brasília – UnB)

Palavras-chave: problemas de aprendizagem; desenvolvimento cognitivo; distúrbios.

A obra em foco foi escrita por duas autoras, uma psicóloga e outra pedagoga, as quais também têm formação em psicopedagogia. Usaram a experiência com crianças com problemas de aprendizagem da rede pública do estado de São Paulo e do trabalho com formação docente para desenvolver a referida obra. No ano de 2001, o livro já estava em sua 12ª edição.

O livro é composto por 11 capítulos, com títulos e subtítulos relacionados a diferentes conceitos de “distúrbios”, tanto de comportamento quanto de aprendizagem, e também propõe elementos para a atuação do professor frente ao distúrbio observado. Pretende subsidiar os professores com elementos básicos para que estes possam distinguir e lidar com os vários tipos de distúrbios que podem interferir na aprendizagem das crianças. As autoras estendem as informações a todos que educam, incluindo a família, pois, segundo elas, pais e professores são os principais responsáveis pelo encaminhamento dessas crianças a especialistas.

No primeiro capítulo, as autoras conceituam desenvolvimento, maturação e aprendizagem. Para elas, “desenvolvimento é um processo ordenado e contínuo que começa na concepção e abrange todas as modificações que ocorrem no organismo e na personalidade” (p. 10). A maturação, por sua vez, “é o desenvolvimento das estruturas corporais, neurológicas e orgânicas” (p.10). Ela conduz ao desenvolvimento do potencial do organismo e independe do treino ou estimulação do ambiente, e conclui que toda atividade humana depende da maturação, desde o mais simples comportamento até as abstrações e raciocínios mais complexos. E, por fim, conceituam aprendizagem como o resultado da estimulação do ambiente sobre o indivíduo já maturo. Abrange também os hábitos que se formam, os aspectos da vida e assimilação de valores culturais. O processo de aprendizagem, segundo as autoras, sofre interferência de vários fatores, tais como: intelectual, psicomotor, físico e social e emocional.

No segundo capítulo, as autoras fazem a distinção entre normal, problemático e patológico e dizem o que são problemas de aprendizagem. Segundo elas, o critério para estabelecer a definição de “normal” deve partir da observação do progresso da criança, comparando suas próprias habilidades e capacidades em épocas diversas.

As autoras também apresentam um quadro baseado numa pesquisa realizada pela Irmã Terezinha Batista, em Pernambuco e na Paraíba, sobre a evolução do pensamento infantil e esse quadro, segundo elas, destaca os comportamentos “normais” em cada fase da criança. Com isso, deixam claro que as crianças que não “superam” naturalmente as características padronizadas de cada fase apresentam um compor-

tamento problemático, e se persistir tal comportamento, pode-se considerá-lo anormal ou patológico.

Quanto a problemas de aprendizagem, as autoras definem como “situações difíceis enfrentadas pela criança normal e pela criança com desvio do quadro normal, mas com expectativa de aprendizagem a longo prazo” (p. 23). Segundo elas, pode-se considerar esses problemas como um sintoma, portanto fica difícil o professor diferenciar um distúrbio de um problema de aprendizagem, pois vai depender da duração do “sintoma”. Ao educador, cabe apenas detectar as dificuldades e investigar as causas que abranjam os aspectos orgânicos, neurológicos, mentais e psicológicos adicionados a problemas ambientais e encaminhar a um especialista.

Os capítulos 3, 4 e 5 referem-se à linguagem, aos distúrbios da fala e à atuação do professor frente aos problemas detectados. Segundo as autoras, a linguagem precede a fala, pois a comunicação pode se dar através de gestos, mímicas e olhares. Para falar, a criança precisa ter perfeitos órgãos sensoriais motores e de articulação. Quando isso não acontece, principalmente nas crianças, “além de torná-las desajustadas ao meio em que vive, a deficiência provocará reflexos na aprendizagem e no aproveitamento escolar” (p.36). As autoras citam a influência do meio como fator importante para o desenvolvimento da linguagem e enfocam que o modo como os pais falam ajuda no desenvolvimento da linguagem e da fala da criança. Além desses fatores, também são citados os fatores biológicos; a hereditariedade, que fornece menor ou maior potencial de linguagem e o estado de saúde, incluindo carência alimentar, considerada como um dos principais entraves para a aquisição da linguagem.

As autoras sugerem ao professor a observação e o encaminhamento a especialistas, mas não descartam a atuação do professor em sala de aula, a partir de um trabalho paciente e constante que envolve a observação, o contato com os pais e a própria atitude frente aos problemas.

No sexto capítulo, as autoras falam dos distúrbios de leitura, escrita e aritmética. Atribuem ao amadurecimento fisiológico, emocional, neurológico, intelectual e social o sucesso na aprendizagem de leitura e escrita e defendem pré-requisitos para iniciar o processo de alfabetização. Enfatizam a prontidão como necessária para iniciar a aprendizagem, dependendo da integração dos processos neurológicos e da evolução de habilidades básicas: percepção, lateralidade, esquema corporal... Já para os distúrbios de aprendizagem de leitura e escrita, as autoras apontam causas variadas, entre elas as **orgânicas**, enfermidades de longa duração, disfunção cerebral, por exemplo, **psicológicas**, desajustes emocionais, **pedagógicas**, métodos inadequados de ensino, **sócio culturais**, falta de estimulação, dislexia, distúrbio que provoca uma dificuldade específica de leitura e escrita. As causas apontadas pelas autoras no distúrbio na aritmética são basicamente as mesmas da leitura e escrita.

Para as autoras, cabe ao professor identificar o problema e encaminhar a criança para o tratamento. Segundo elas, “o ponto crucial da resolução de problemas de aprendizagem fica restrito à relação professor-aluno” (p.100). Aqui as autoras deixam claro a pouca importância dada a coletividade, as relações como algo indispensável.

No sétimo capítulo, as autoras falam dos distúrbios psicomotores e os definem como “a educação do movimento com atuação sobre o intelecto numa relação entre pensamento e ação” (p.108). Ainda segundo elas, é comum crianças com distúrbios psicomotores serem incapazes de aprender a ler e escrever. Assim, cabe ao professor estimular a criança em sala de aula e encaminhá-la, quando for o caso.

No capítulo seguinte, as autoras tratam do que elas chamam de distúrbios da saúde física, englobando deficiência visual e auditiva. O papel do professor nesses casos é o mesmo que os apontados pelas autoras nos capítulos anteriores: observar, estimular e encaminhar para um especialista, quando necessário.

No nono capítulo, as autoras tratam dos distúrbios de comportamento e enfatizam a preocupação dos professores com esse distúrbio “porque, embora muitos casos exijam assistência especializada a ‘criança-problema’ geralmente permanece em sala de aula mesmo enquanto o tratamento está se realizando”(p.167). Elas também classificam esses distúrbios em duas categorias: problemas de conduta e de personalidade. A primeira relaciona-se a comportamentos que perturbam as outras pessoas; já a segunda é de caráter neurótico.

Esses distúrbios são criados ou agravados por conflitos dos quais o mais comum é o do aluno proveniente de um lar em que os valores e os padrões aceitáveis estão em contraste com os da escola. As autoras apontam também como fator importante no surgimento desses distúrbios o desequilíbrio social e emocional das relações existentes na família.

No décimo capítulo, as autoras falam da criança excepcional e a definem “como aquela que se desvia do normal (físico, social ou mental) a ponto de precisar de instrução ou cuidados especiais” (p.195). Defendem o atendimento dessas crianças em classes regulares ou classes especiais, dependendo do caso, com professores e instalações especializados.

E, finalmente, o último capítulo nos fala da importância da observação do escolar. Aqui as autoras defendem que as condições físicas, mentais, psicológicas e sócio-culturais intervêm no seu desenvolvimento e ajustamento e, conseqüentemente, no rendimento escolar. Segundo elas, é dentro da escola que o professor tem melhores condições de tomar providência junto aos órgãos de atendimento para a solução dos problemas detectados. Também sugerem fichas de observações que reúnam dados da criança mostrando sua evolução. Terminam o livro dizendo que “respeitar a criança é, sobretudo, apontar os seus limites e, ao mesmo tempo, estimulá-la a alçar o voo maior da criatividade individual. Para o êxito não há receitas e sim segurança, amor e a dedicação à criança, seja ela normal ou não” (p. 222).

Análise crítica da obra

Quando nos foi proposta a análise crítica de uma obra que enfocasse “dificuldades de aprendizagem”, fiquei tranqüila, pois existe uma vasta bibliografia do referido tema. Porém tive problemas na escolha, justamente pela variedade de autoria e pela repetição de propostas.

O que efetivamente me chamou a atenção no livro que escolhi foi justamente o fato de que se propõe à formação de professores e apresenta-se como norteador, oferecendo elementos básicos para se distinguir e lidar com os vários distúrbios de aprendizagem que ora apresenta. A proposta do livro parte da definição do que elas chamam de “distúrbios”. O que também me chamou a atenção foi um quadro com informações que aparece no final da maioria dos capítulos. Neles são apresentadas características do que seja normal, deixando claro a padronização do conhecimento, da evolução.

Em todos os capítulos, as autoras atribuem a fatores orgânicos e psicológicos as causas dos problemas de aprendizagens, e o fator ambiental aparece como secundário. Elas também reduzem o papel do professor à observação da criança e ao encaminhamento para um especialista. Conforme José & Coelho (2001, p.23),

ao educador cabe apenas detectar as dificuldades de aprendizagem que aparecem em sua sala de aula, principalmente nas escolas mais carentes e investigar as causas que abranja os aspectos orgânicos, neurológicos, mentais, psicológicos adicionadas aos problemas ambientais em que a criança vive.

Outro ponto questionável apontado pelas autoras refere-se a “pré-requisitos para a leitura e escrita”. Para elas, para que se inicie a alfabetização, é necessário que a criança tenha adquirido suficiente desenvolvimento físico, intelectual, emocional e outras habilidades e funções necessárias para aprender, como se o controle da aprendizagem estivesse no professor e o conhecimento se desse em forma de “camadas” que vão se acumulando e dando espaço para novas aprendizagens.

Enfim, pode-se afirmar que a obra reforça ideias preconcebidas de distúrbios de aprendizagens e não leva em conta os estudos desenvolvidos por Vygotski sobre defectologia, nos quais deixa claro que, na realidade, esses defeitos são socialmente construídos.

No ano de 2001, esse livro já estava em sua 12ª edição, o que sugere que há muitos deles por aí (des)norteando o trabalho de muitos educadores.

Leituras, filmes e sites



<http://www.pucrs.br/gpt/resenha.php>

<http://www.andafter.org>

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata>

<http://veja.abril.com.br>

Referências



MACHADO, Anna R.(Coord.); LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília S. **Resenha**. São Paulo: Parábola, 2004.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. **Metodologia do trabalho científico**. 6 ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2001.

Referências bibliográficas: como fazer

Introdução

Sempre que realizamos um trabalho de pesquisa e consultamos um livro, artigo de jornal, site, revista ou outro material de consulta, necessitamos citar essa(s) fonte(s). Não podemos nos apropriar das palavras ou descobertas de outras pessoas – não é ético. Além disso, ao fazer a citação da fonte de pesquisa, demonstramos o quanto nos aprofundamos no assunto estudado.

A identificação dessas fontes de consulta segue regras gerais (normas bibliográficas) e costumam figurar em notas de rodapé, referências bibliográficas ou bibliografia.

As *notas de rodapé* destinam-se a prestar esclarecimentos ou tecer considerações, que não devam ser incluídas no texto, para não interromper a sequência lógica da leitura. Devem ser reduzidas ao mínimo e situar-se em local tão próximo quanto possível do texto, não sendo aconselhável reuni-las todas no fim de capítulos ou da publicação.

Referência bibliográfica é um conjunto de elementos que permite a identificação de publicações, no todo ou em parte. Relacionam-se as referências bibliográficas em lista própria (Referências), incluindo-se todas as fontes efetivamente utilizadas para a elaboração do trabalho. Essa lista deve obedecer a uma ordem alfabética única de sobrenome de autor e título para todo tipo de material consultado.

A *bibliografia* difere da lista de referências bibliográficas por se tratar de um levantamento bibliográfico sobre o tema ou com ele relacionado, incluindo documentos não consultados. Tem por objetivo possibilitar ao leitor condição para um aprofundamento maior no assunto.

Documento eletrônico é aquele existente em formato eletrônico acessível por computador.

Apesar de haver uma variedade de estilos para a apresentação das referências bibliográficas, a orientação a seguir consta da NBR-6023 da ABNT (com as devidas alterações sugeridas em 2002).

1. Procedimentos para a identificação do material consultado

1.1 Livros e folhetos

Formato:

AUTOR. **Título**; subtítulo. Edição. Local (cidade) de publicação: Editora, data. Número de página ou volumes. (Nome e número da série).

Exemplos:

TOURINHO FILHO, Fernando da Costa. **Manual de Processo Penal**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2001.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. 208p. (Os Pensadores, 6)

Observações

- As referências devem ser alinhadas somente à esquerda, em espaço simples e duplo entre uma e outra.
- Indica-se a edição de uma publicação a partir da segunda (p. ex.: 2. ed, e não 2a. ed.).
- Quando a edição for revista e aumentada (ou ampliada), esta informação deve ser acrescentada de forma abreviada.

Exemplo:

FERREIRA, D.G. **Cartas chilenas**; retratos de uma época. 2. ed. rev. e aum. Belo Horizonte: UFMG, 1985, 327p.

- Quando faltar algum dado da referência, usam-se as abreviações:

[s.l.] = sem local

[s.n.] = sem editora

[s.d.] = sem data

[s.n.t.] = sem notas tipográficas

- Caso o autor já tenha sido citado imediatamente acima, usa-se um traço sublinear de 6 (seis) espaços seguido de ponto.

Exemplo:

DINIZ, Maria Helena. **Curso de direito civil brasileiro**: Direito das Coisas. 18. ed. atual. e aum. São Paulo: Saraiva, 2002a. v.4.

_____. **Curso de direito civil brasileiro**: Teoria Geral do Direito Civil. 19. ed. rev. São Paulo: Saraiva, 2002b. v.1.

- Em caso de obra com mais de 3 (três) autores, indica-se apenas o primeiro, acrescentando-se a expressão et al. (et alii = e outros).

Exemplo:

DELMANTO, Celso et al. **Código Penal Comentado**. 5.ed. atual. e aum. São Paulo: Renovar, 2000.

- O título (e somente o título; o subtítulo não) deve figurar em negrito, itálico ou sublinhado, com a inicial do primeiro nome maiúscula. Caso não seja necessário o emprego da maiúscula em outra palavra do título, grafa-se a minúscula (cf. exemplos anteriores).

1.2 Dissertações e teses

Formato

NOME DO PAÍS, ESTADO OU MUNICÍPIO. Lei nº. Data (dia, mês e ano).
Ementa. Dados da publicação que transcreveu a lei ou decreto.

Exemplo:

DINIZ, Arthur José Almeida. Direito internacional público e o estado moderno. Belo Horizonte, UFMG, 1975. 196p. Tese (Doutorado em Direito). Faculdade de Direito, Universidade Federal de Minas Gerais, 1975.

1.3 referência legislativa (leis e decretos)

Formato:

NOME DO PAÍS, ESTADO OU MUNICÍPIO. Lei nº. Data (dia, mês e ano).
Ementa. Dados da publicação que transcreveu a lei ou decreto.

Exemplo:

BRASIL. Lei nº 5.517, de 23 de outubro de 1968. Dispõe sobre o exercício da profissão de médico-veterinário e cria os Conselhos Federal e Regional de Medicina Veterinária. Belo Horizonte: Conselho Regional de Medicina Veterinária, 1970. 48p.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. 9. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2004.

1.4 Bíblia

Formato:

AUTOR. Título: subtítulo. Edição. Local, Instituição, ano de apresentação. Número de páginas ou volumes. Categoria (grau e área de concentração). Nome da universidade, ano.

Exemplo:

BÍBLIA sagrada. A.T. Gênesis. 34.ed. São Paulo, Editora Ave-Maria, 1982. Cap.19, p.65.

1.5 Capítulos de livro

Formato:

AUTOR DO CAPÍTULO. Título do capítulo. In: AUTOR DO LIVRO. **Título:** subtítulo do livro. nº da Edição. Local de publicação (cidade): Editora, data. Volume, capítulo, páginas inicial-final da parte.

Exemplo:

POSSENTI, Sírio. Gramática e política. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 1997, p.47-56.

CORRÊA, André L. Costa. Apontamentos sobre a dignidade humana enquanto princípio constitucional fundamental. In: AMARAL, Antonio Carlos Rodrigues do; ROSAS, Roberto; VELLOSO, Carlos Mário da Silva (Coord.). **Princípios constitucionais fundamentais:** estudos em homenagem ao professor Ives Gandra da Silva Martins. São Paulo: Lex Editora, 2005, p. 78-92.

1.6 Fascículos

Formato

TÍTULO DO PERIÓDICO. Local de publicação (cidade): Editor, volume, número, mês e ano.

Exemplo:

CADERNOS DE PSICOLOGIA. Belo Horizonte: FAFICH – UFMG, v.1, n.1, out.1984.

Observação: Caso o fascículo apresente título próprio, este deve ser indicado logo após o título comum da revista.

Exemplo

REVISTA DE BIBLIOTECONOMIA DE BRASÍLIA. Estudo e treinamento de usuários da informação. Brasília: ABDF, v.10, n.2, jul./dez. 1982

1.7 Artigos de publicações periódicas

Formato

AUTOR. Título do artigo. Título do periódico, Local de publicação (cidade), nº volume, nº fascículo, páginas inicial-final, mês e ano.

Exemplo

ELIAS, H., HENNING, A., SCHWARTZ, D.E. Sterology: applications to biomedical research. **Physiol.Rev.**, Bethesda, v.51, n.1, p.158-200, jan.1971.

ARAÚJO, Florivaldo Dutra de. Os regimes jurídicos dos servidores públicos no Brasil e suas vicissitudes históricas. **Revista da Faculdade de Direito da UFMG**, n.50, p. 201-234, jan./jun., 2007.

1.8 Artigo de jornal

Formato

AUTOR. Título do artigo. **Título do jornal**, Local, dia, mês, ano. Nº ou título do caderno, seção ou suplemento, páginas inicial-final.

Exemplo

MASCARENHAS, Maria das Graças. Sua safra, seu dinheiro. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 17set. 1986. Suplemento agrícola, p.14-16.

1.9 Trabalhos escolares e notas de aula

Exemplos

KREMER, J.M. **Contribuição à normalização das publicações periódicas**. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1968. 65p. (Trabalho de aluno)

MENICUCCI FILHO, Paulo. **Estradas de ferro e de rodagem**. Belo Horizonte: Escola de Engenharia da UFMG, 1952. 32p. (Notas de aula)

1.10 Documentos eletrônicos

A referenciação do documento eletrônico deve incluir os dados comumente usados para os documentos convencionais, acrescentando-se os específicos

que possibilitem sua localização e recuperação, como, por exemplo, o endereço eletrônico, que deve vir acompanhado da expressão “Disponível em: nome do site”, “Acesso em: data de acesso”.

I. Referência legislativa

Exemplo

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **Súmula** nº 14. Não é admissível, por ato administrativo, restringir, em razão de idade, inscrição em concurso para cargo público. Disponível em: <<http://www.truenet.com.br/jurisnet/sumusSTF.html>>. Acesso em: 29 nov. 1998.

II. Artigo de jornal (sem autor)

Exemplo

MORTE no transporte escolar. **Diário do Nordeste on-line**, Fortaleza, 26 abr. 2005. Disponível em: <<http://www.diariodonordeste.com.br>>. Acesso em: 28 abr.2005.

III. Artigo de revista:

Exemplos

SILVA, M.M.L. Crimes da era digital. **Net**, Rio de Janeiro, nov., 1998. Seção Ponto de Vista. Disponível em:<<http://www.brazilnet.com.br/contexts/brasilrevista.htm>>. Acesso em: 28 nov. 1998.

BARROS, Cecília Vidigal Monteiro de. A independência da ANEEL nos novos anteprojetos de lei. **Jus Navigandi**, Teresina, ano 7, n. 109, 20 out. 2003. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=4403>>. Acesso em: 18 out. 2006.

Observação

Os meses em português devem ser abreviados, escrevendo-se as 3 (três) primeiras letras, em minúsculas, com exceção do mês de maio (grafado integralmente).

Dica: Para facilitar a elaboração de referências bibliográficas, memorize o esquema apresentado por Bastos (2007, p.79):

A.	T.	E.	L:	E,	A.
Autor.	Título.	Edição.	Local:	Editora,	Ano.

Exemplo

JESUS, Damásio de. **Imputação objetiva**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

Atividades de avaliação



1. Os dados das referências listadas abaixo estão fora de ordem. Organize-os de acordo com as normas bibliográficas e faça a referência seguindo a NBR 6023 : 2002.
 - a) **Título:** Direitos Humanos: Coisa de Polícia
Editora: CAPEC – Pater Editora Passo Fundo
Autor: Ricardo Brisolla Balestreri
Local: Passo Fundo-RS
Número de páginas: 92
Ano: 1988
 - b) **Título do periódico:** Turismo em Análise
Autores: Marília Ansarah e Miriam Rejowski
Título do artigo: Panorama do Ensino em Turismo no Brasil
Subtítulo: Graduação e pós-graduação
Volume: 7
Páginas: 36-61
Número: 1
Local: São Paulo
Data: maio de 1996
Editora (publicado por): CRPECA:USP
 - c) **Título da revista:** Revista Latino-americana de estudos constitucionais
Título do artigo: Medida provisória em matéria penal
Autor: Fernando Luiz Ximenes Rocha
Ano: jul/dez 2003
Número: 2
Páginas: 151-166
Editora: Delrey
Local: Belo Horizonte
 - d) **Título do artigo:** Fundamentos sóciopolíticos no fazer pedagógico
Autores: Ana Cláudia Maciel, Cristina Feitosa Araripe, Leandro Borges e Maximiliano Schwartz
Nome da revista: Pedagogia hoje

Endereço eletrônico: www.novaeducação.com.br/artigos/pedagogia.htm

Data de acesso: 25 de julho de 2003

Local: Rio de Janeiro

Mês: julho

Ano: 2001

2. As referências abaixo apresentam incorreções quanto às normas da ABNT. Identifique-as e corrija-as.
 - a) Melo, Celso Antônio Bandeira de. *Elementos de Direito Administrativo*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2 ed., 1991.
 - b) NAIMAR MENDANHA RAMOS et al. Modernização Administrativa. 1 ed. Brasília, IPEA-Instituto de Planejamento Econômico e Social, 1980.
3. Faça a referência bibliográfica de um artigo de uma revista (científica) que você tenha consultado recentemente.

Leituras, filmes e sites



<http://www.bu.ufsc.br/framerefer.html>

Referências



BASTOS, Núbia M. Garcia. **Introdução à metodologia do trabalho acadêmico**. 4. ed. Fortaleza: Nacional, 2007.

FRANÇA, Júnia L. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 4. ed. rev.e aum. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

Sobre as autoras

Luciana Chaves Pinheiro: Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Ceará (1990) e especialização em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Ceará (2000). Atualmente é aluna do mestrado em Linguística Aplicada na Universidade Estadual do Ceará e atua na área de capacitação de professores.

Vanusa da Silva Lima: Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Ceará (1995). Especialização em Leitura e Escrita pela Universidade Estadual do Ceará (2000). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa.



Computação

Fiel a sua missão de interiorizar o ensino superior no estado Ceará, a UECE, como uma instituição que participa do Sistema Universidade Aberta do Brasil, vem ampliando a oferta de cursos de graduação e pós-graduação na modalidade de educação a distância, e gerando experiências e possibilidades inovadoras com uso das novas plataformas tecnológicas decorrentes da popularização da internet, funcionamento do cinturão digital e massificação dos computadores pessoais.

Comprometida com a formação de professores em todos os níveis e a qualificação dos servidores públicos para bem servir ao Estado, os cursos da UAB/UECE atendem aos padrões de qualidade estabelecidos pelos normativos legais do Governo Federal e se articulam com as demandas de desenvolvimento das regiões do Ceará.

